

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Ciências da Informação
Curso de Biblioteconomia

Wagner Bernardes Zimmermann

OS CLÁSSICOS NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE PORTO ALEGRE

Porto Alegre

2015

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Departamento de Ciências da Informação
Curso de Biblioteconomia

Wagner Bernardes Zimmermann

OS CLÁSSICOS NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE PORTO ALEGRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Me. Martha Eddy
Krummenauer Kling Bonotto.

Porto Alegre
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto
Vice-reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria Mielniczuk de Moura
Vice-diretor: Prof. Dr. André Iribure Rodrigues

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Profa. Dra. Maria do Rocio Fontoura Teixeira
Chefe substituto: Prof. Dr. Valdir José Morigi

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenador: Prof. Dr. Rodrigo Caxias de Souza
Coordenador substituto: Prof. Dr. Jackson da Silva Medeiros

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CPI)

Zimmermann, Wagner Bernardes

Os clássicos nas bibliotecas públicas em Porto Alegre / Wagner Bernardes
Zimmermann. – 2015.
159 f.

Orientadora: Profa. Me. Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Biblioteconomia, Porto Alegre, 2015.

1. Bibliotecas Públicas. 2. Clássicos da Literatura. 3. Ação Cultural. I. Bonotto, Martha E. K. Kling. II. Título.

Catalogação por Wagner Bernardes Zimmermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Bairro Santana
CEP 90035-07 – Porto Alegre – RS
Telefone: (51) 3308-5067
E-mail: fabico@ufrgs.br

Wagner Bernardes Zimmermann

OS CLÁSSICOS NAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DE PORTO ALEGRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Me. Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto.

Aprovado em 4 de dezembro de 2015

Banca Examinadora

Profa. Me. Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto
Orientadora

Profa. Me. Glória Isabel Staminni Ferreira
Examinadora

Profa. Dra. Sonia Elisa Caregnato
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, pelo apoio.

Agradeço os bibliotecários da Biblioteca João Bonumá, do Ministério Público do Rio Grande do Sul, e da Biblioteca Paulo Franco, do Ministério Público Federal, pelo convívio e pelos conhecimentos compartilhados.

Agradeço à Sara Votto Tótaro pelo carinho e pelas revisões e sugestões que, sem dúvida, tornaram este trabalho menos imperfeito.

Agradeço à professora Martha Bonotto por ter aceitado me orientar, por estar sempre presente e pelas contribuições valiosíssimas para o bom desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço ao Douglas Nascimento, ao Allan Machado, ao Maurício de Vargas Corrêa e Sara Votto Tótaro por terem tornado os cinco anos que passei na graduação um pouco mais suportáveis.

Agradeço à professora Sonia Caregnato e à professora Glória Ferreira por terem aceitado participar da banca.

Agradeço a todos os responsáveis pelas bibliotecas públicas localizadas em Porto Alegre, que se mostraram muito solícitos durante a coleta de dados.

RESUMO

Examina o tratamento que os clássicos da literatura recebem nas bibliotecas públicas localizadas na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Estudo de caso que, em primeiro lugar, define o conceito de clássico com base na teoria literária. Identifica essas obras como aquelas que contribuem positivamente para a vida de seus leitores, caracterizando-se pelas seguintes particularidades: são a melhor companhia possível para a solidão natural do homem; proporcionam prazer estético; propiciam a experiência vívida de um determinado momento histórico; permitem o contato com o uso mais expressivo da língua; transmitem verdades sobre a condição humana, o que resulta em uma melhor compreensão dos próprios sentimentos e das emoções alheias; oferecem múltiplas interpretações, não se esgotando na primeira leitura; oportunizam o conhecimento de histórias, personagens e ideias culturalmente importantes. Conceitua, a seguir, a biblioteca pública como instituição que deve prover gratuitamente cultura (função cultural), educação (função educacional), lazer (função recreativa ou de lazer) e informação (função informativa) para toda a população. Relaciona o conceito de clássico com as quatro funções e afirma a necessidade de divulgação especial do cânone ocidental nesse tipo de unidade de informação. Pesquisa a divulgação que os clássicos recebem nas bibliotecas públicas localizadas em Porto Alegre, por meio de entrevistas estruturadas com os seus bibliotecários-chefes e observações sistemáticas, individuais e não participantes dos seus espaços físicos e dos seus ambientes virtuais. Conclui que a divulgação da alta literatura pelas bibliotecas é muito limitada, devido a uma série de fatores: falta de investimentos do poder público, por parte do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, resultando em recursos humanos insuficientes, na ausência de funcionários especializados (bibliotecários) e na escassez de recursos financeiros para custear ações culturais; carência de conhecimento dos clássicos e do seu potencial junto ao público por parte dos responsáveis pelas unidades de informação; falta de maiores iniciativas pessoais dos funcionários tanto no que se refere à sua qualificação quanto à proposição de atividades culturais nas bibliotecas.

Palavras-chave: Clássicos da literatura. Cânone ocidental. Bibliotecas públicas. Ação cultural.

RESUMEN

Este trabajo examina el tratamiento que reciben los clásicos de la literatura en las bibliotecas públicas situadas en la ciudad de Porto Alegre, Rio Grande del Sur. Es un estudio de caso que, en primer lugar, define el concepto de clásico con base en la teoría literaria e identifica esas obras como aquellas que contribuyen positivamente para la vida de sus lectores, caracterizándolas por las siguientes particularidades: son la mejor compañía posible para la soledad natural del ser humano; proporcionan placer estético; propician la experiencia vívida de un determinado momento histórico; permiten el contacto con un uso más expresivo de la lengua; transmiten verdades sobre la condición humana, lo cual resulta en una mejor comprensión de los propios sentimientos bien como de las emociones ajenas; ofrecen múltiples interpretaciones, no agotándose en una primera lectura; posibilitan el conocimiento de historias, personajes e ideas culturalmente importantes. Luego, en el trabajo se conceptúa la biblioteca pública como una institución que debe proveer gratuitamente la cultura (función cultural), la educación (función educativa), el ocio (función recreativa o de ocio) y la información (función informativa) para toda la población. Así, el concepto de clásico se ve relacionado con esas cuatro funciones que afirman la necesidad de una divulgación especial del canon occidental en ese tipo de unidades de información. De igual manera, el trabajo, asimismo, investiga la divulgación que reciben los clásicos en las bibliotecas públicas localizadas en Porto Alegre, mediante entrevistas estructuradas con sus bibliotecarios jefes y mediante observaciones sistemáticas, individuales y no participantes de sus espacios físicos y de sus ambientes virtuales. A partir de la investigación se concluye que la divulgación de la alta literatura por las bibliotecas de Porto Alegre es muy limitada, debido a los siguientes hechos: falta de inversión del poder público, por parte del gobierno del Estado de Rio Grande del Sur, lo que resulta en recursos humanos insuficientes, en la ausencia de funcionarios expertos (bibliotecarios) y en la escasez de recursos financieros para costear acciones culturales; insuficiencia de conocimiento de los clásicos por parte de los responsables por las unidades de información y, en consecuencia, de su potencial junto al público; falta de iniciativas personales más amplias por parte de los funcionarios tanto en lo que refiere a su calificación como a la proposición de actividades culturales en las bibliotecas.

Palabras clave: Clásicos de la literatura. Canon occidental. Bibliotecas públicas.
Acción cultural.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
1.1	IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA.....	14
1.2	OBJETIVOS.....	15
1.2.1	Objetivo geral.....	15
1.2.2	Objetivos específicos.....	15
2	CONCEITO DE LITERATURA	17
3	POR QUE LER OS CLÁSSICOS?	27
3.1	TEXTO INFINITO.....	28
3.2	FORMA DE ANÁLISE DO SEU TEMPO.....	29
3.3	TEXTO QUE MOLDA SUA LÍNGUA.....	30
3.4	INFLUÊNCIA PERMANENTE SOBRE A CULTURA.....	31
3.5	TEXTO QUE PERMITE ENTENDER O COMPORTAMENTO HUMANO.....	32
3.6	TEXTO QUE PERMITE QUE ENTENDAMOS MELHOR A NÓS MESMOS...	33
3.7	UM ALÍVIO PARA A SOLIDÃO.....	35
3.8	ABERTURA DA ALMA.....	37
3.9	PRAZER ESTÉTICO E TRANSCENDÊNCIA.....	38
4	BIBLIOTECAS E BIBLIOTECAS PÚBLICAS	43
5	BIBLIOTECAS PÚBLICAS: HISTÓRIA	47
6	BIBLIOTECAS PÚBLICAS NO BRASIL	51
7	FUNÇÕES DA BIBLIOTECA PÚBLICA E OS CLÁSSICOS	57
7.1	FUNÇÃO INFORMACIONAL.....	57
7.2	FUNÇÃO EDUCACIONAL.....	59
7.3	FUNÇÃO RECREATIVA.....	64
7.4	FUNÇÃO CULTURAL.....	66
8	METODOLOGIA	75
8.1	TIPO DE ESTUDO.....	75
8.2	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	76
8.3	SUJEITOS DO ESTUDO.....	78
8.4	ANÁLISE DOS DADOS.....	79
9	ANÁLISE DOS DADOS	81
10	CONCLUSÃO	105
	REFERÊNCIAS	109

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista.....	114
APÊNDICE B – Roteiro para observação do espaço físico.....	116
APÊNDICE C – Roteiro para observação dos ambientes virtuais	117
APÊNDICE D – Termo de consentimento	118
APÊNDICE E – Lista de clássicos para auxiliar a entrevista	119

1 INTRODUÇÃO

A biblioteca pública, como instituição que deve fomentar o lazer e a educação para a população, bem como aproximar os indivíduos do patrimônio cultural da humanidade, é responsável por divulgar e possibilitar o contato dos seus usuários com os textos literários produzidos pelo homem. Mas quais textos devem ser promovidos, tendo em vista que a explosão informacional também afetou a produção literária, e nunca se escreveu e se teve acesso a tantas obras e autores diferentes?

Sobre essa questão, há dois pontos de vista. Um é divulgar e criar atividades baseadas nos textos solicitados pelo público, mas que sejam de qualidade literária discutível; outro é criar demandas e tentar colocar o leitor em contato com uma parte do patrimônio artístico, intelectual e cultural da humanidade: a grande literatura. Mas como definir o que é literatura de excelência?

Para facilitar a empreitada do bibliotecário, essa tarefa de seleção das obras literárias relevantes já foi e continua sendo feita de alguma forma pelo público leitor, por escritores e críticos literários. O resultado dessa escolha são as obras chamadas clássicas. Os clássicos são os textos que se revelaram as mais poderosas e proveitosas leituras realizadas pelos homens, o que pode ser constatado pelo fato de continuarem sendo lidas mesmo tendo sido escritas há décadas ou séculos. Mas tais obras não foram compostas apenas no passado. Há também os clássicos contemporâneos, textos que são tidos por leitores, críticos e literatos como relevantes para a compreensão dos tempos atuais e das eternas paixões humanas.

Consideram-se tais textos indispensáveis. São obras literárias que possibilitam múltiplas interpretações e que sempre nos surpreendem a cada releitura; são textos que proporcionam uma análise singular de um determinado momento histórico e permitem que o leitor vivencie tal momento de forma intensa; são modelos de uso da língua e ilustram toda a capacidade expressiva do idioma em que foram escritos; são obras que influenciaram e influenciam decisivamente a cultura em que estão inseridas; são textos que transmitem verdades sobre a condição humana, o que faz com que enxerguemos melhor a nós mesmos e a aos outros, diminuindo, assim, o nosso egoísmo; são obras que nos livram da solidão da melhor maneira possível, e nos dão um prazer indescritível.

O presente trabalho está dividido da seguinte forma: primeiramente se identificou e se justificou o problema de pesquisa; a seguir, foram descritos os

objetivos; posteriormente, no referencial teórico, foram abordados o conceito de literatura, o conceito de clássico, o conceito de biblioteca e de biblioteca pública, a história das bibliotecas públicas e das bibliotecas públicas no Brasil, e a relação entre as funções das bibliotecas públicas e os clássicos. Por fim, apresentou-se a metodologia, a análise dos dados, a conclusão, as referências bibliográficas e os inúmeros apêndices.

1.1 IDENTIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO PROBLEMA

Pela contribuição que podem dar para qualquer pessoa que esteja disposta a realizar a sua leitura, acredita-se que os clássicos devem ser alvo de uma divulgação especial realizada pelas bibliotecas públicas. É justamente a função de tais instituições, mantidas pela administração pública, promover a cultura, o lazer e o acesso a bens culturais para a população. Mas será que essa missão é cumprida? Será que os clássicos são divulgados nessas unidades de informação?

Para contribuir para a resposta, foi tomada a decisão de pesquisar se algumas dessas instituições, as bibliotecas públicas sediadas em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, estão promovendo de alguma forma os clássicos. Como tais textos são difundidos, se é que são, o porquê de serem ou não serem alvo de ações culturais, e como os bibliotecários de tais instituições se relacionam com tais obras (qual a visão deles sobre o que é um clássico da literatura; se costumam ler literatura e, por extensão, os clássicos; se os grandes textos marcaram de alguma forma a sua experiência de leitor e se acreditam que essa experiência pode ser vivida por outros leitores) são questões que a presente pesquisa pretendeu responder, traçando um paralelo entre as atividades realizadas pelas bibliotecas públicas e o ponto de vista dos bibliotecários a respeito dos clássicos. Com relação à presença de atividades culturais para divulgar essas obras, indagou-se ainda se a biblioteca possui alguma forma de permitir que os participantes deixem o seu *feedback* sobre os eventos, e qual seria a avaliação do público a respeito dessas atividades.

O assunto abordado é raramente discutido no campo da Ciência da Informação. Pesquisas efetuadas nos bancos de dados de teses e dissertações da Universidade de São Paulo, da Universidade Federal do Paraná, no repositório institucional LUME da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no banco de

teses do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, mostram que a relação entre clássicos da literatura e as práticas biblioteconômicas não é alvo de estudos teóricos nem de pesquisas empíricas. De forma semelhante, buscas realizadas na Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação não encontraram nenhum resultado pertinente.

Dessa forma, esta pesquisa possuiu algum grau de ineditismo não só por ter abordado a relação dos clássicos com as bibliotecas públicas, mas também por ter verificado na prática, em uma localidade específica, como tais documentos são trabalhados pelas bibliotecas públicas da região. Além disso, tentou-se definir, com base na bibliografia disponível, o que são de fato os clássicos da literatura, e justificar por que tais obras devem ser lidas, atividade empreendida por um número pequeno de autores na crítica literária. Pretendeu-se, assim, oferecer uma contribuição para a área por meio da análise de uma situação concreta e enfatizar, ao mesmo tempo, a necessidade de divulgação das grandes obras por este tipo de biblioteca.

1.2 OBJETIVOS

A seguir, serão apresentados o objetivo geral e os objetivos específicos.

1.2.1 Objetivo geral

Identificar qual o tratamento dispensado aos clássicos pelas bibliotecas públicas localizadas em Porto Alegre.

1.2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos do trabalho foram os seguintes:

- a) Verificar se os clássicos são alvos de atividades culturais realizadas pelas bibliotecas públicas localizadas em Porto Alegre;

- b) Verificar se os clássicos são divulgados nos espaços físicos (destaque nas estantes, presença nos murais) e nos ambientes virtuais (*site* oficial, *blogs* e redes sociais) de tais bibliotecas;
- c) Verificar o porquê dos clássicos receberem o tratamento que lhes é dispensado;
- d) Verificar como os bibliotecários se relacionam com tais obras.

2 CONCEITO DE LITERATURA

Antes de se iniciar a discussão sobre os clássicos da literatura, é necessário definir o que se está querendo dizer quando se utiliza a palavra literatura, ou seja, qual a diferença entre um texto literário e um artigo de jornal, ou entre um texto literário e um texto científico, para citar apenas dois exemplos. Uma definição sucinta e completa foi proposta por Salvatore D’Onofrio em seu livro *A Literatura Ocidental: autores e obras fundamentais*. Segundo o autor: “A literatura é uma forma de conhecimento da realidade que se serve da ficção e tem como meio de expressão a linguagem artisticamente elaborada.” (D’ONOFRIO, 2002, p. 9).

O homem, desde que desenvolveu a capacidade reflexiva, busca conhecer a realidade que o cerca (a natureza), a si mesmo e a sua relação com todas as coisas que compõem o universo, conforme lembra Aristóteles (2002). Para alcançar tais objetivos desenvolveu diversas atividades, como a filosofia, as ciências humanas, as ciências naturais e as artes, as quais propiciam, cada uma delas, um conhecimento parcial da realidade. A diferença entre elas estaria no método utilizado, pois como bem nos lembra D’Onofrio (2002, p. 9): “Enquanto o filósofo lança mão do pensamento especulativo e o cientista se apoia na observação sobre os fenômenos da natureza, o artista recorre à imaginação e à fantasia para compreender o mundo.”.

Assim, compreende-se a especificidade do discurso artístico, que cria objetos a partir da capacidade criativa e imaginativa do homem, buscando ampliar o seu entendimento do real. Cabe lembrar que embora seja baseada em elementos existentes no mundo, a obra de arte possui vida própria. Um romance como “*Dom Casmurro*”, de Machado de Assis, é uma invenção de seu autor, pois mesmo que o romancista tenha baseado alguns personagens em pessoas de seu convívio ou tenha descrito alguma experiência pessoal, Bentinho, Capitu, Escobar e toda a trama do livro não existiram de fato na História.

A literatura cria mundos possíveis, conectados com a realidade – pois se não possuísse nenhuma conexão seriam um todo incompreensível –, mas ao mesmo tempo difere do mundo e o amplia. É dessa forma que se pode entender o que D’Onofrio quis dizer com a expressão “uma forma de arte que se serve da ficção”. Tratar-se-á mais detidamente deste tópico quando for discutido o conceito de mimese de Aristóteles.

Contudo, todas as artes se servem da ficção, pois todas são universos concebidos pela imaginação de seus autores, embora embebidos no mundo sensível, como podemos perceber ao observar os quadros de Monet. A diferença entre a literatura e as outras artes está no fato de que o seu meio de expressão é a linguagem humana.

De acordo com Aquino (2010), a linguagem pode ser definida como qualquer procedimento cujo fim último é a comunicação. Esta pode se dar entre animais, entre seres humanos, e entre seres humanos e animais. O uivo de um lobo é o exemplo de linguagem utilizada pelos animais para a comunicação, já que ao emitir este som o mamífero está transmitindo uma mensagem, em um código específico, que será decodificado pelos outros membros de sua espécie.

A comunicação entre os seres humanos e animais pode se dar, por sua vez, por meio dos sons que o ser humano produz – como um estalo de dedos, por exemplo, que faz com que o cão atenda o chamado e se dirija ao seu dono. Por fim, a comunicação humana pode se dar por meio de símbolos, como uma placa de trânsito com o sinal de proibido estacionar, ou por meio da linguagem escrita e falada (AQUINO, 2010).

Em todos os casos mencionados, para que ocorra a comunicação é necessário que o emissor e o destinatário compartilhem o mesmo código, isto é, que saibam produzir as mensagens e decodificá-las se utilizando de uma determinada rede de signos, que, nas palavras de Peirce (1999), são quaisquer elementos que significam outros. Assim, o som do uivo pode significar “se aproximem”, o estalo de dedos significa “venha até aqui” e a linguagem humana pode se referir a objetos no mundo, sentimentos, etc.

A linguagem que é pertinente para este trabalho é a linguagem escrita e a falada, por serem uma característica exclusiva do ser humano e por constituírem a literatura oral e escrita. Para Saussure (2006), uma determinada língua concreta é o produto de uma faculdade da linguagem que todo o homem possui, cujo objetivo é estabelecer a comunicação entre os indivíduos. Para isso é instituído um conjunto de convenções, de diversos níveis (fonético, morfológico, sintático, textual), que permite a troca de informação entre os diferentes membros de uma comunidade.

A base da linguagem humana é o signo linguístico, que é uma unidade composta de duas facetas (uma moeda, com sua cara e sua coroa): o significante e o significado. O significante é a imagem acústica da palavra – a sua forma física, por

assim dizer. Na palavra /maçã/, por exemplo, o significante seria a soma dos diferentes sons /m/, /a/, /ç/, /ã/, que em conjunto resultam no vocábulo em questão.

Já o significado seria o objeto no mundo ao qual o significante se refere, a fruta vermelha ou verde, que utilizamos para a nossa alimentação. Para Saussure (2006), o signo linguístico é arbitrário, pois não há nenhuma relação lógica entre o signo linguístico maçã e o correspondente objeto (fruta comestível) na realidade, o que possibilita que em outras línguas a convenção adotada seja outra - a mesma fruta é o signo /apple/ no inglês, por exemplo.

A linguagem escrita, por sua vez, seria o conjunto de sinais gráficos convencionais adotados por determinada sociedade para representar o significante dos signos linguísticos. Assim, em português, a unidade acústica /maçã/ seria representada pelas letras m, a, ç, ã, formando a palavra escrita maçã. O conjunto de símbolos gráficos que correspondem a sons específicos em uma língua é o que chamamos de alfabeto, e este é composto por letras, a menor unidade gráfica que equivale a um som.

Como já foi dito, a literatura faz um uso especial da linguagem humana. Essa normalmente é utilizada de forma denotativa, ou seja, quando se fala ou se escreve um signo, ele se refere ao seu significado comum em determinada comunidade linguística. No belo exemplo formulado por Proença Filho (2008), se a frase “Uma flor nasceu na rua!” fosse formulada em um contexto normal de uso da língua, o seu falante teria empregado a palavra flor como se esta representasse um objeto específico do mundo, a saber, a parte reprodutiva das plantas, que possui pétalas, dentre outras características (PROENÇA FILHO, 2008). Em situações comunicativas normais, a palavra flor corresponde ao objeto descrito acima para todos falantes do português.

Contudo, a literatura faz uso da função conotativa da linguagem. Essa função amplia o sentido das palavras, pois adiciona outra camada de significado à camada já existente previamente na língua em questão. Volta-se ao exemplo do professor Domício Proença Filho (2008), que cita um trecho do clássico poema A Flor e a Náusea, de Carlos Drummond de Andrade, como um exemplo de uso da palavra flor em um sentido conotativo. Segue o trecho do poema:

Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada
 ilude a polícia, rompe o asfalto
 Façam completo silêncio, paralise os negócios

Sua cor não se percebe.
 Suas flores não se abrem.
 Seu nome não está nos livros.
 É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
 e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
 Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
 Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
 É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio. (ANDRADE,
 2001, p. 28).

No trecho acima, Drummond cria, por meio da utilização especial dos vocábulos da língua, do ritmo que a sua pontuação dá ao texto, da disposição das frases em estrofes, um novo significado para a palavra flor, a partir daquele que já existe. Nas palavras de Proença Filho (2008, p. 6-7): “A flor dessa rua deixa de ser um elemento vegetal para alçar-se à condição de símbolo, ganha uma significação que vai além do real concreto e que passa a existir em função do conjunto em que a palavra se encontra.”

Pode-se interpretar essa flor como esperança ou como o próprio fazer poético. O que importa é que a linguagem literária elabora novos sentidos para as palavras comuns devido à própria forma de organização do texto literário - organização essa que vai desde o nível fonético, passando pela escolha de palavras, pelas escolhas morfológicas, sintáticas, de pontuação e, por fim, pela disposição das estrofes (no caso da poesia) ou dos eventos da própria narrativa (no caso da prosa).

A linguagem literária possui, assim, uma função estética, de construção de significados novos para revelar aspectos desconhecidos da realidade, enquanto a linguagem utilizada normalmente possui uma função eminentemente prática, visando transmitir um estado de coisas do mundo – pode-se pensar na frase “Uma flor nasceu na rua!” dita por um vizinho para qualquer um de nós em uma situação cotidiana (PROENÇA FILHO, 2008).

Essa especificidade da linguagem utilizada na literatura faz com que seja necessário muito mais do que apenas o domínio do código linguístico para a sua compreensão, pois o artista mobiliza toda uma rede de símbolos culturais para

ressignificar as palavras e construir o sentido do texto, como se pode ver no poema de Drummond. Assim, para o entendimento das obras literárias é necessário “[...] o conhecimento de uma pluralidade de códigos: retóricos, místicos, culturais, etc., que estão na base da estrutura artístico-ideológica de uma obra literária.” (D’ONOFRIO, 1992, *online*). E quanto mais desses códigos o leitor dominar, mais sentidos poderá extrair daquilo que lê, pois conseguirá estabelecer mais relações entre os diversos aspectos da cultura humana e o texto que tem em mãos.

Como a literatura cria novos sentidos para as palavras, sua linguagem naturalmente é mais opaca que a língua utilizada no dia a dia. Isso permite que o texto literário dê margem aos mais diferentes significados e que seja impossível determinar com exatidão o sentido de uma obra de arte literária. A polissemia ou multissignificação é, então, uma das características marcantes da literatura e, conforme nos explica D’ONOFRIO (1992, *online*),

O texto literário transforma incessantemente não só as relações que as palavras entretêm consigo mesmas, utilizando-as além dos seus sentidos estritos e além da lógica do discurso usual, mas estabelece com o leitor relações subjetivas que tornam um texto móvel (modificante e modificável), capaz mesmo de não conter nenhum sentido definitivo ou incontestável.

Mas o uso da função conotativa da linguagem não acontece por acaso, nem é um capricho dos escritores. Para compreender o porquê de seu uso, é necessário discutir o conceito de mimese elaborado por Aristóteles (ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO, 1995). Segundo o filósofo grego, a arte literária seria uma criação humana que imita o real, por criar uma realidade paralela que, conforme foi comentado anteriormente, é historicamente falsa. De acordo com Proença Filho (2008), por muitos séculos esse conceito foi entendido como se a arte literária fosse uma forma de fotografia do mundo, uma imitação daquilo que é visto na superfície da realidade. Pensando desta maneira, um texto como o *Finnegans Wake* de Joyce¹, seria menos literário que um romance escrito por J. K Rowling², pois o real é muito menos tangível no primeiro – em grande parte da obra sequer é possível entender o mundo exterior que está sendo narrado pelo autor. Esse critério eliminaria grande parte da poesia lírica contemporânea, que em sua maioria é profundamente hermética e de difícil determinação daquilo que está sendo

¹ JOYCE, James. **Finnegans Wake**. London: Penguin, 2000.

² Estamos nos referindo à série Harry Potter, cujos sete títulos foram publicados entre 2000 e 2007 pela editora Rocco.

“fotografado”. No entanto, como Proença Filho (2008) comenta, o que o autor grego realmente quis transmitir é que a arte literária é a imitação da realidade mais profunda, do âmago do real. Em outras palavras, a mimese que a arte literária realiza seria a imitação das verdades do universo e, principalmente, da condição humana.

Servindo-se da ficção como forma de conhecimento e buscando imitar as verdades do mundo para transmiti-las aos homens, a literatura necessita de uma linguagem que crie um mundo próprio ao mesmo tempo em que comunique um conhecimento extremamente difícil de ser capturado e propagado. Dessa forma, é natural que a linguagem empregada seja simbólica e não a linguagem utilizada no dia a dia. A construção de sentidos diferentes daqueles a que se está acostumado na comunicação humana corriqueira é essencial se o homem quer compreender algo além do que a compreensão diária proporciona. A arte não quer descrever o estado de coisas no mundo, e sim dar a explicação mais profunda para os diferentes acontecimentos que perfazem a existência humana. Para que se possa compreender o mundo, deve-se deixar de lado o automatismo do pensamento; para tanto, é necessário que a linguagem também deixe de ser automática e force o indivíduo a refletir sobre o que vivencia como homem (D’ONOFRIO, 2002).

Nesse contexto, a ficcionalidade, que também é um fruto da utilização máxima das potencialidades da linguagem, é importante porque permite que se acesse um tipo de conhecimento diferente daquele que pode ser acessado pela filosofia ou pela ciência natural, conforme mencionado por D’Onofrio (2002) na sua definição de literário. Segundo Todorov (2010), a literatura proporciona um saber diferente das demais disciplinas do conhecimento por permitir que o leitor chegue à realidade das coisas por meio de uma experiência particular. Nas suas palavras:

Uma primeira distinção separa o particular e o geral, o individual e o universal. Seja pelo monólogo poético ou pela narrativa, a literatura faz viver as experiências singulares; já a filosofia maneja conceitos. Uma preserva a riqueza e a diversidade do vivido, e outra favorece a abstração, o que lhe permite formular leis gerais. É o que faz com que um texto seja absorvido com maior ou menor grau de dificuldade. “O Idiota”, de Dostoievsky, pode ser lido e compreendido por inúmeros leitores, provenientes de épocas e culturas muito diferentes; um comentário filosófico sobre o mesmo romance ou a mesma temática seria acessível apenas à minoria habituada a frequentar esse tipo de texto. Entretanto, para aqueles que os compreendem, os propósitos dos filósofos têm a vantagem de apresentar proposições inequívocas, ao passo que as metáforas do poeta e as peripécias vividas pelas personagens do romance ensejam múltiplas interpretações. (TODOROV, 2010, p. 78).

E aí reside um dos grandes poderes da literatura: é o único saber humano que proporciona o conhecimento por meio da sensação, que nos permite habitar outro corpo, por assim dizer, e entender a realidade por uma perspectiva muito mais vívida do que por meio de um texto teórico, embora de forma conceitualmente menos clara. Como bem diz Todorov, são conhecimentos complementares: para entender a Segunda Guerra Mundial em sua totalidade, não basta apenas conhecermos as interpretações que os historiadores dão ao evento (conquanto a leitura das interpretações seja indispensável); é necessário que alguém por meio de uma narrativa ficcional recrie a experiência do conflito para aqueles que não o presenciaram, e faça o leitor participar de alguma forma daquela situação, promovendo a apreensão do ocorrido por meio da criação estética da linguagem.

Dizendo de outra maneira: só a literatura permite que o indivíduo sinta o que é estar na guerra e compreenda todas as emoções e problemas humanos (medos, paixões, vontades) envolvidas neste tipo de situação extrema. O artista não apenas revive a experiência ao narrar o fato ao seu leitor, mas a organiza e a explica (obviamente de uma forma não didática), de uma maneira que a biografia de um soldado que participou da Segunda Guerra, por exemplo, não conseguiria realizar, exatamente porque a literatura se utiliza da função conotativa da linguagem.

Se a flor drummoniana se referisse apenas à parte do vegetal, não teria tanta importância e não tocaria tão profundamente o leitor; porém, quando a flor se revela como símbolo por meio do contexto linguístico do poema, ela traz à tona um aspecto da realidade que ainda não tinha sido percebido, uma relação entre coisas distintas que habitam o mundo e que não tinha sido intuída, e assim desperta a consciência dos leitores e traz a emoção da descoberta de um mundo novo, ou de uma identificação com algo que estivera sempre presente, mas que não se sabia como se por em palavras.

Por fim, cabem algumas palavras sobre a verossimilhança, outro atributo da literatura. Como já foi dito, a literatura não é verdade histórica. Uma narrativa como *São Bernardo*³, de Graciliano Ramos, não narra fatos que realmente aconteceram, mas sim fatos possíveis de terem ocorrido – ou que podem vir a ocorrer, se for uma ficção futurista. Embora os personagens habitem uma fazenda no interior de

³ RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Alagoas, na era Vargas, todos esses elementos espaciais e temporais, os personagens e a sua própria interioridade são uma criação artística que busca revelar algo sobre determinado momento histórico e sobre a condição humana, e para isso é preciso embasar a sua imaginação em algo tangível.

Assim, D'Onofrio (1992, *online*) define a verossimilhança explicando que “A obra de arte, por não ser relacionada com um referente do mundo exterior, não é verdadeira, mas possui equivalência de verdade, a verossimilhança, que é a característica indicadora do poder ser e do poder acontecer.”. A verossimilhança pode ser interna ou externa. A primeira diz respeito aos pressupostos internos da própria obra, e está associada à coerência e causalidade da narrativa, à conexão entre a psicologia dos personagens e as ações que praticam, à harmonia temática e rítmica (principalmente em poesia), dentre outros fatores. A verossimilhança externa trata da relação da obra com o mundo - se o texto apresenta afinidade com as leis da natureza e com a psicologia humana (D'ONOFRIO, 1992). Caso a obra seja incoerente internamente, muito provavelmente será descartada, pois não será capaz de produzir nenhum sentido na mente de seu leitor. Em suma, será considerada apenas um produto de uma mente insana ou incoerente. Contudo, caso a obra possua verossimilhança interna, mas não externa, estamos diante de uma obra de literatura fantástica, de acordo com Todorov (2008), uma forma literária que se baseia em parte no mundo real e em parte em ocorrências para além do universo conhecido.

Concluindo sobre este tópico, D'Onofrio (1992, *online*) define qual o peso dos dois tipos de verossimilhança na obra literária, afirmando que:

Mais importante é a verossimilhança interna, a coerência estrutural da obra, porque, quanto à verossimilhança externa, a fuga para o fantástico, para o mundo da imaginação, é comum à literatura. Transformar um homem em animal (“O Asno de Ouro”, de Apuleio) ou em inseto (“A Metamorfose”, de Kafka) e conferir a esses seres não-humanos inteligência e sentimentos fazem parte do heterocosmo poético, cujas leis podem ser homólogas, mas nunca idênticas às do mundo real. A literatura de ficção supera a antítese do ser e do não ser, do real e do imaginário: a personagem artística é, porque foi criada por seu autor, e, ao mesmo tempo, não é, porque nunca existiu no plano histórico.

Recapitulando para fins de conclusão, a literatura é uma forma de arte que possui como característica a utilização especial da linguagem humana como o meio de criação dos seus produtos culturais, visando proporcionar uma forma de

conhecimento da realidade que difere dos outros saberes humanos. A obra de arte literária também é ficcional (uma criação que possui autonomia em relação à história do homem) e deve possuir verossimilhança (principalmente interna) para que seja compreendida pelo seu leitor.

3 POR QUE LER OS CLÁSSICOS?

Não é uma tarefa fácil definir o que é um clássico da literatura, pois a qualidade literária não é um valor quantificável e é baseada no gosto dos leitores e críticos - gosto que pode variar de pessoa para pessoa e também através do tempo. No entanto, os clássicos existem, como atesta a permanência de Shakespeare ou Dante, que apesar de terem escrito suas obras há séculos, permanecem sendo lidos, estudados e influenciando outras obras de arte, literárias ou não.

Em primeiro lugar, é necessário um pequeno parêntese terminológico sobre os termos que serão utilizados quando se fizer referência às grandes obras literárias. Ao fazer uso da palavra “clássicos” e de suas variantes (clássico, literatura clássica) não se estará fazendo menção às obras literárias da Antiguidade Clássica ou do Classicismo como movimento artístico do Renascimento, mas sim aludindo às obras literárias de qualquer período que se tornaram referência de qualidade através dos tempos – os textos mais representativos da literatura ocidental como um todo. Da mesma forma, os termos cânone e cânone ocidental não serão empregados aqui com o sentido jurídico ou religioso que tais tradições lhes conferiram, mas sim como um sinônimo para a palavra “clássicos”.

Em uma definição simples, podemos chamar de clássicos as obras literárias que se tornaram sinônimo de excelência, tanto para a crítica quanto para leitores e escritores. São obras que, mesmo tendo sido produzidas há milênios ou há décadas, continuam a servir de inspiração para autores e a atrair a atenção das mais variadas pessoas, provenientes dos mais distintos lugares, interessadas pela cultura produzida pelo homem. São textos que modificam o ambiente em que são produzidos e que, por meio de seus personagens, das suas ideias e da linguagem empregada, influenciam a posteridade.

Por meio de uma analogia simples, pode-se comparar os clássicos a uma biblioteca dividida por países, onde cada uma dessas divisões conteria documentos que seriam obras literárias da mais alta qualidade possível e representativas do melhor da produção de determinada nação. Assim, ter-se-ia um espaço que abrigaria o que de mais importante já foi produzido na literatura do ocidente, reunida com o objetivo de proporcionar aos usuários um prazer estético e uma compreensão maior da natureza humana.

É claro que há certo grau de subjetividade na definição de quais obras fariam parte desse acervo, mas essa escolha não seria absolutamente pessoal, afinal, muitas pessoas concordariam com a inclusão de determinados autores como Virgílio, Shakespeare, Dante, Tolstói, Eça de Queiroz, Machado de Assis e muitos outros. Não se pode esquecer também que a ressonância cultural e a qualidade de um texto é mais fácil de ser percebida se a obra foi composta há séculos, pois se o romance, peça ou poema permanece sendo lido é por que possui uma força que outras obras da mesma época não possuíram. O que não quer dizer que não existam clássicos contemporâneos, ou grandes escritores vivos nos dias de hoje. É impossível negar a importância, a influência e a qualidade de autores como Philip Roth e Milan Kundera, para citar dois exemplos.

Por fim, é importante deixar claro que se está se referindo aos clássicos da literatura ocidental, o que não significa que a literatura oriental possua menor valor. É uma escolha, fruto do conhecimento limitado da tradição do oriente pelo pesquisador, o que impossibilita, por exemplo, uma citação ou análise mais detalhada de tais textos quando forem abordadas as suas características.

A seguir tentaremos elaborar definições do que é um clássico baseadas na crítica e na teoria da literatura.

3.1 TEXTO INFINITO

A definição de um clássico não pode ser separada de sua função. Portanto, ao defini-lo se estará automaticamente justificando a sua leitura. Dessa forma, pode-se começar afirmando que um clássico literário é um texto que resiste ao teste do tempo, que ultrapassa o momento histórico em que foi escrito e que continua a criar diferentes significados para os mais diversos leitores. Nas palavras de Ítalo Calvino (1993, p. 11), “O Clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer.”. O clássico é uma obra mais rica que outros textos literários, pois se utiliza ao máximo das potencialidades da conotação ao mesmo tempo em que movimenta um maior número de códigos culturais.

Como afirmam Barbosa (2003) e Pound (2015), esse tipo de texto eleva o significante linguístico a sua condição máxima, ou seja, é a linguagem em sua forma mais ambivalente. Voltando a Drummond, sua flor pode remeter a diferentes coisas, dependendo da forma como o leitor relaciona os símbolos presentes no texto para

criar significado. Dependendo de sua experiência de vida e do seu conhecimento da cultura em que está inserido, sua leitura será diferente das leituras realizadas por outros indivíduos. Conforme sua bagagem cultural e suas experiências vão aumentando, a leitura que fará de uma obra clássica também mudará, pois tal texto comporta diferentes níveis de significação. Isto resulta em um texto que conserva o seu interesse por séculos, pois pode ser alvo de diferentes interpretações, até mesmo de diferentes leituras realizadas pelo mesmo leitor em épocas diferentes de sua vida. Como bem elucida Calvino (1993, p. 9) sobre este aspecto: “Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: ‘Estou relendo...’ e nunca ‘Estou lendo...’”.

3.2 FORMA DE ANÁLISE DO SEU TEMPO

Ao mesmo tempo em que o clássico ultrapassa a época em que foi escrito, ele também serve como uma forma de documento do tempo que retrata. Assim, o clássico possui uma dimensão dupla, que apesar de aparentemente contraditória, é complementar. Tal dimensão é composta por uma faceta temporal e por uma faceta que remete à eternidade. Machado de Assis, por exemplo, trata de questões universais em suas obras, como o ciúme, o amor, a vileza humana; simultaneamente, sua obra também possibilita que entendamos o Brasil do século XIX, como nos mostra Schwartz (2012).

Não podemos esquecer, contudo, que a literatura não copia simplesmente a realidade. O mundo apresentado nessas obras, conforme já foi tratado, é uma ficção, uma criação do artista, que se baseia no mundo real para elaborar seu universo próprio, com suas regras próprias. Em vista disso, o que é mostrado nestes clássicos não é uma fotografia da época de seu autor, mas sim uma interpretação, uma visão particular de determinado momento histórico. Essa interpretação particular, por sua vez, e aqui podemos tomar como exemplo os textos da última fase de Machado⁴, que os escreveu nas últimas décadas dos 1800, possibilita uma versão diferente daquilo que encontraríamos nos jornais do Rio de Janeiro do século XIX ou em obras de história ou de sociologia que tratam do mesmo período.

⁴ Os romances Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881); Quincas Borba (1891); Dom Casmurro (1899); Esaú e Jacó (1904) e Memorial de Aires (1908); e as coletâneas de contos História sem Data (1884); Várias Histórias (1896); Páginas Recolhidas (1899); e Relíquias da Casa Velha (1906), todos com várias edições em português.

Assim, o trabalho do artista complementa o trabalho do historiador, pois, por meio da mimese, permite que determinada sociedade seja vivenciada pelo leitor, na pele dos personagens criados, e oportuniza que sejamos apresentados a uma visão pessoal de uma determinada realidade social. Tal visão normalmente é crítica e desvela aspectos que passariam despercebidos se o artista não os descrevesse para o público. Dessa forma, o clássico merece atenção porque permite que o leitor viva outra época, ou que viva a sua própria época de uma forma mais profunda, assim como entenda os momentos históricos por um ângulo diverso das obras históricas ou sociológicas.

Mas qual a diferença entre os grandes livros e a literatura normalmente praticada? A diferença é de grau. Proust⁵ apresenta a sociedade francesa do início do século XX de forma mais completa e com mais originalidade e aprofundamento de análise que os outros escritores de sua época. De forma semelhante, Hemingway⁶ possibilita que se tenha a experiência da guerra de forma mais vívida que outros autores que escreveram sobre o mesmo tema. E este é um dos motivos para tais livros permanecerem na cabeceira de vários leitores através das décadas.

3.3 TEXTO QUE MOLDA SUA LÍNGUA

Outra característica dos clássicos é que muitos deles influenciaram de maneira definitiva as línguas nas quais foram escritos. Eco (2003, p 10-11) faz as seguintes considerações a respeito deste tópico:

A língua vai para onde quer, mas é sensível às sugestões da literatura. Sem Dante não haveria italiano unificado. Quando Dante, em *De vulgari eloquentia*, analisa e condena os vários dialetos italianos e se propõe a forjar um novo vulgar ilustre, ninguém apostaria em semelhante ato de soberba, e no entanto ele ganhou com a *Comédia*, a sua partida. É verdade que, para se transformar em língua falada por todos, o vulgar dantesco precisou de alguns séculos, mas se teve sucesso é porque a comunidade daqueles que acreditavam na literatura continuou a inspirar-se nesse modelo.

O autor acrescenta que, ainda que muitos lamentem o italiano utilizado nos dias de hoje, este é fruto da utilização estética de uma linguagem mais simples por

⁵ PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**. 3. ed. São Paulo: Globo, 2006. 7 v.

⁶ Nos clássicos Adeus às Armas (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013) e Por Quem os Sinos Dobram (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014).

parte de inúmeros clássicos italianos do século XIX e XX. Para completar, afirma que se os clássicos moldam a linguagem, acabam por contribuir para que se crie “identidade e comunidade” (ECO, 2003, p. 11) em um determinado local. Por conseguinte, uma das razões para se ler as grandes obras é vivenciar de forma profunda as possibilidades do nosso idioma. Não é sem razão que muitos exemplos utilizados em dicionários e gramáticas provêm dos clássicos. O cânone é formado justamente pelas obras que melhor utilizam a linguagem, por isso servem de modelo. É praticamente impossível dominar qualquer língua e escrever bem se não se dá a devida atenção aos que melhor escreveram durante os séculos. Assim, a leitura dos clássicos mostra a evolução e põe o leitor em contato com os alicerces da sua língua, mostrando toda a capacidade expressiva do idioma no nível léxico, morfológico, sintático e textual. Além disso, se as grandes obras definiram nossa linguagem e tiveram um papel civilizacional e unificador importante, lê-las é conhecer uma parte do nosso passado e da nossa história.

3.4 INFLUÊNCIA PERMANENTE SOBRE A CULTURA

Ainda dentro do ponto de vista cultural, Calvino (1993, p. 11) nos lembra que os clássicos

[...] são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente nas linguagens e nos costumes).

Os grandes autores criaram obras que não apenas influenciaram outras grandes obras literárias, como no caso de Virgílio, cuja Eneida influenciou autores de momentos históricos distintos, como Dante⁷ (Idade Média), Camões⁸ (Renascimento) e T. S. Eliot⁹ (século XX), mas que deixaram marcas indeléveis na arte e na cultura em geral. Calvino (1993) cita o exemplo do adjetivo kafkiano¹⁰, que se tornou sinônimo de coisa ou situação absurda, mas poderíamos citar outros:

⁷ ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. 2.ed. São Paulo: Ed. 34. 3. v.

⁸ CAMÕES, Luís de. **Os lusíadas**. 6. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

⁹ ELIOT, Thomas Stearns. **The waste land**. New York: W. W. Norton, 2001.

¹⁰ As principais obras de Franz Kafka são O Processo (São Paulo: Companhia das Letras, 2005) e A Metamorfose (São Paulo: Companhia das Letras, 2000).

personagens como Dom Quixote¹¹, Fausto¹² e Hamlet¹³, que de certa forma entraram para o imaginário cultural; o termo niilismo, que foi cunhado na obra Pais e Filhos de Turgueniev¹⁴; a palavra ninfeta, inventada por Nabokov¹⁵; lugares como o País das Maravilhas criado por Carroll¹⁶, a Terra do Nunca de Barrie¹⁷, o Inferno de Dante¹⁸. Isso para não mencionar as pinturas, esculturas, filmes e músicas, sejam eruditas ou não, que têm os clássicos como fonte de inspiração.

Tudo isso leva a concluir que ler os clássicos, nacionais ou estrangeiros, propicia ao indivíduo o contato com a cultura humana desenvolvida ao longo dos séculos. Não lê-los significa deixar de entender, ou não entender completamente, grande parte daquilo que as civilizações produziram ao longo do tempo e em que continuarão a se basear para as suas produções futuras, não explorando, assim, uma grande parte da nossa memória coletiva. O resultado da falta de contato com os clássicos é um indivíduo incompleto, alienado da arte e do conhecimento, deixando de usufruir não só a sua vida intelectual, mas a vida como um todo, pois acreditamos que aquela alimenta essa.

3.5 TEXTO QUE PERMITE ENTENDER O COMPORTAMENTO HUMANO

O clássico é também o texto literário que permite que entendamos melhor nós mesmos e o mundo em que vivemos - e esta é a razão principal para que continuem a ser lidos. O crítico francês Sainte-Beuve (2001) afirmou que as obras clássicas são de grande valor porque enriquecem a mente e contribuíram para o avanço intelectual da humanidade; tais obras têm tal efeito porque mostraram verdades inequívocas sobre o homem, revelando nossa condição e os nossos sentimentos de forma tão precisa e eloquente que se tornaram referências sobre o assunto que versam. É impossível pensar a morte sem pensar em Hamlet ou pensar no ciúme sem pensar em Otelo¹⁹ ou em Proust, embora as duas últimas sejam abordagens

¹¹ CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 2.v.

¹² A versão mais famosa do mito é a de Johann Wolfgang von Goethe, e no Brasil foi publicada pela Editora 34.

¹³ SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

¹⁴ TURGUENIEV, Ivan. **Pais e filhos**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

¹⁵ NABOKOV, Vladimir. **Lolita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

¹⁶ CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

¹⁷ BARRIE, James Matthew. **Peter Pan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

¹⁸ O Inferno é a primeira parte da já referida Divina Comédia.

¹⁹ SHAKESPEARE, William. **Otelo**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2013.

distintas sobre o mesmo tema. Dessa forma, pode-se afirmar que a grande literatura permite que se conheça a motivação das nossas ações e das ações dos outros, o que nos permite uma compreensão mais completa do ser humano. Nas palavras de Todorov (2010, p. 23):

Que melhor introdução à compreensão das paixões e dos comportamentos humanos do que uma imersão na obra dos grandes escritores que se dedicaram a essa tarefa há milênios? E, de imediato: que melhor preparação pode haver para todas as profissões baseadas nas relações humanas? Se entendemos assim a literatura e orientarmos dessa maneira o seu ensino, que ajuda mais preciosa poderia encontrar o futuro estudante de direito ou de ciências políticas, o futuro assistente social ou psicoterapeuta, o historiador ou o sociólogo? Ter como professores Shakespeare e Sófocles, Dostoiévski e Proust não é tirar proveito de um ensino excepcional?

Deve-se acrescentar que a leitura dos clássicos, pelos motivos elencados, pode ser proveitosa para qualquer pessoa, não apenas para os profissionais das ciências humanas.

3.6 TEXTO QUE PERMITE QUE ENTENDAMOS MELHOR A NÓS MESMOS

Assim, pode-se afirmar que a literatura canônica é uma forma de melhor observarmos o nosso próprio interior e de dar sentido para aquilo que se vivencia. Especialmente sobre esse tema, o crítico Harold Bloom explica que

[...] Shakespeare não nos tornará melhores nem piores, mas pode ensinar-nos a entreouvir-nos quando falamos a nós mesmo. Posteriormente pode ensinar-nos a aceitar a mudança, em nós mesmo e nos outros, e talvez até a forma final de mudança (BLOOM, 1995, p. 38).

Pode-se afirmar, então, que os grandes clássicos são textos que, nas palavras do próprio Bloom (2001) possuem sabedoria e podem contribuir para orientar o espírito. Esta função da boa literatura já foi diagnosticada pelo poeta romano Horácio, que na sua obra chamada Arte Poética afirma que a literatura possui uma função instrutiva assim como uma função estética, que será abordada posteriormente (ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO, 1995). No entanto, a arte literária, conforme mencionado, difere dos demais tipos de conhecimento humano, o que faz com que a sua função pedagógica também se dê de forma distinta.

Diferente de um tratado psicológico sobre o ciúme, que trata o tema de maneira abstrata, a literatura permite que se aprenda pela experiência, pois por um breve momento se acompanha as vivências dos personagens ciumentosos ou que sofrem os efeitos do ciúme. Pode-se também vivenciar tais sentimentos interpretados e recriados pelo poeta lírico. Quando o leitor se engaja em um texto, como o drama Otelo, ele visualiza os pensamentos dos personagens e participa das emoções dos mesmos. O grande escritor se aproveita disso não apenas para colocar o leitor em contato com várias situações distintas da realidade cotidiana, mas principalmente para fornecer uma experiência intensa, original e reveladora sobre as nossas paixões, os nossos medos e angústias.

Nenhum texto teórico, por mais bem escrito que seja, é capaz de obter o mesmo efeito da arte literária, sobretudo da grande arte literária, que põe o leitor a par de uma verdade humana suscitando as suas emoções. Todorov (2010, p. 76), um crítico literário e amante da boa literatura, aborda de forma interessantíssima essa questão:

[...] não posso dispensar as palavras dos poetas, as narrativas dos romancistas. Elas me permitem dar forma aos sentimentos que experimento, ordenar o pequeno fluxo de eventos que constituem a minha vida.

Mais adiante, o autor prossegue, mostrando que apesar de possuir uma função educativa e um poder imenso, a grande literatura não se confunde com obras de autoajuda. Nas suas palavras:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2010, p. 76).

Se os textos clássicos possuem tal sapiência e podem ajudar os leitores de tal forma - e o fato de serem amados por tantos leitores distintos de variadas épocas é uma prova disso -, é porque fazem parte do patrimônio cultural da humanidade. Mentres muito maiores que a nossa produziram um conjunto de obras que, nas palavras de Ana Maria Machado (2002), são um grande pote de ouro, que foi acumulado durante os séculos e que agora se encontra à nossa disposição. Deixar

de usufruir essa riqueza é um desperdício cultural enorme, nas palavras da autora, e também a perda da possibilidade de obter um prazer estético incomparável e de entendermos com mais clareza aquilo que somos.

Além disso, a cada leitura o mesmo clássico se revela uma nova fonte de *insights* sobre a condição humana (CALVINO, 1993). Cada vez que se lê Flaubert, o leitor se depara com certos aspectos dos sentimentos de Emma Bovary²⁰ que não tinha percebido antes. A cada leitura se entende mais e mais as suas motivações, o que leva o leitor, por analogia, a entender melhor a psicologia das pessoas que agem de forma semelhante. Quanto mais se lê um clássico, mais se apossa da verdade ou das verdades que ele exprime, e melhor se entende o porquê de tal obra ser tão reverenciada. Adler e Van Doren (2011, p. 344) trataram de tal questão de forma muito precisa:

[...] se o livro pertence à classe mais elevada do pequeníssimo número dos livros inesgotáveis, você percebe, ao retornar, que o livro parece ter crescido junto com você. Existem coisas nele - constelações inteiras de novidade - que você não tinha visto antes. Sua compreensão anterior do livro não fica invalidada (presumindo que você o tenha lido bem da primeira vez), ela é tão verdadeira quanto sempre foi e nos mesmos aspectos em que era verdadeira antes. Mas agora ela é também verdadeira em outros aspectos. Como pode um livro crescer junto com você? É claro que isso é impossível; um livro, uma vez que esteja escrito e publicado, não muda. Mas aquilo que você só então começa a perceber é que o livro esteve sempre tão acima de você que continuou acima, e provavelmente sempre continuará. Como esse livro é verdadeiramente bom - um clássico, diríamos - ele é acessível em níveis diferentes. A impressão de que ele havia aumentado a sua compreensão na leitura anterior não é falsa. Isso realmente aconteceu. Mas agora, ainda que você tenha ficado mais sábio e mais culto, ele ainda pode elevá-lo. E fará isso enquanto você viver.

3.7 UM ALÍVIO PARA A SOLIDÃO

Outra função do clássico é possibilitar o encontro com grandes amigos ou com pessoas interessantíssimas e, assim, livrar o leitor da solidão da melhor forma possível. Harold Bloom (2001, p. 15) define de forma belíssima tal utilidade dos grandes textos literários:

Ler bem é um dos grandes prazeres da solidão; ao menos, segundo a minha experiência é o mais benéfico dos prazeres. Ler nos conduz à alteridade, seja a nossa própria ou a de nossos amigos, presentes ou futuros. Literatura de ficção é alteridade e, portanto, alivia a solidão. Lemos

²⁰ FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

não apenas porque, na vida real, jamais conheceremos pessoas como através da leitura, mas, também, porque amizades são frágeis, propensas a diminuir em número, a desaparecer, a sucumbir em decorrência da distância, do tempo, das divergências, dos desafetos da vida familiar e amorosa.

Por sua força, o clássico fornece grandes personagens, visões eloquentes do mundo e sensações indescritíveis. E essa é a sua diferença em relação à literatura comumente praticada. Ao ler um poema de Manuel Bandeira, o leitor se sente menos sozinho, pois de certa forma encontra alguém que entende e traduz os seus sentimentos mais profundos, alguém que de algum modo o consola. De maneira semelhante, quando se acompanha a aventura de Quixote ou se lê as narrativas de Érico Veríssimo, percebe-se que seus personagens são de tal forma vívidos e marcantes, com uma personalidade tão complexa, que se quer conhecê-los cada vez mais, o mesmo que ocorre quando nos aproximamos de alguém desconhecido cujas primeiras amostras de seu caráter se revelam fascinantes.

Assim, acaba-se por construir uma relação de amizade com tais textos, que só tende a crescer, já que os clássicos são inesgotáveis e sua leitura sempre mostrará algo que o leitor não havia percebido antes, nos seus personagens ou nas emoções e visões de mundo ali descritas. É a possibilidade de um encontro sempre renovado com alguém apaixonante, ou que nos compreende tão bem, o que torna tais textos tão valorizados por diferentes pessoas de diferentes lugares, em épocas distintas.

Além disso, os clássicos permitem viajar e habitar mundos muito distintos entre si e habilmente descritos, com um cuidado na sua ambientação que ultrapassa os textos literários por assim dizer “normais”. Pode-se viajar até o País das Maravilhas de Alice e depois à Alagoas descrita por Graciliano Ramos, tudo isso sem sair do lugar em que nos encontramos. A literatura permite que se conheça um número quase infinito de lugares, locais muitas vezes impossíveis de serem conhecidos na vida normal da maioria dos leitores, seja por falta de recursos (dinheiro, tempo, saúde, etc.), seja porque tais localidades pertencem a algum tempo histórico passado ou porque são criações da mente de seus autores.

Se não fosse por intermédio dos clássicos, nunca se teria também a oportunidade de conhecer de forma tão profunda a vida de tantas pessoas diferentes, de classes sociais tão distantes, de hábitos tão distintos, de gostos e personalidades tão discrepantes. A grande literatura pode colocar o leitor na pele de

um criminoso, de uma criança, de um idoso, de um jovem apaixonado ou de uma adúltera, com uma riqueza de detalhes e com uma profundidade na experiência que um texto literário comum ou uma biografia – para mencionar um exemplo não literário – dificilmente conseguem igualar. Os clássicos ampliam a existência, como diz Bloom (2001), no tempo, no espaço e na perspectiva humana.

3.8 ABERTURA DA ALMA

Esta abertura que proporcionam os clássicos é, segundo Todorov (2010) e Fischer (1983), a sua principal contribuição para a vida intelectual. Ao nos livrar de nosso egoísmo nos mostrando outras possibilidades da vida humana, a grande literatura aumenta o conhecimento do leitor e diminui a sua ignorância. Todorov (2010, p. 81) argumenta que:

Conhecer novas personalidades é como encontrar novas pessoas, com a diferença de que podemos descobri-las interiormente de imediato, pois cada ação tem o ponto de vista do seu autor. Quanto menos essas personagens se parecem conosco, mais elas ampliam o nosso horizonte, enriquecendo assim o nosso universo. Essa amplitude anterior (semelhante sob certos aspectos àquela que nos proporciona a pintura figurativa) não se formula com o auxílio de proposições abstratas, e é por isso que temos tanta dificuldade em descrevê-la; ela representa, antes, a inclusão na nossa consciência de novas maneiras de ser, ao lado daquelas que já possuímos.

É importante lembrar que essa capacidade de habitar outros corpos, por assim dizer, permite não só que se entenda melhor o outro, mas também proporciona uma visão mais nítida de si mesmo. Como bem coloca Machado (2002), o clássico permite que se identifique traços do nosso modo de pensar e agir em algum personagem, porém como estes são fictícios e se encontram em outro ambiente, há um distanciamento que possibilita que entendamos melhor as nossas experiências

Assim, seja por prover um meio de conhecer novas personalidades ou de nos enxergamos com mais clareza, a grande literatura nos torna seres humanos mais completos. Nas palavras de Todorov (2010, p. 82): “Pensar e sentir adotando o ponto de vista dos outros, pessoas reais ou personagens literárias, é o único meio de tender à universalidade e nos permite cumprir a nossa vocação.”.

Um texto não clássico é capaz de produzir tais efeitos? Muito provavelmente sim; mas, mais uma vez, a diferença entre a grande literatura e a literatura comum é

uma diferença de grau. Os grandes textos proporcionam uma alteridade mais complexa, assim como o espelho que oferecem, quando se está confuso, é mais nítido do que aquele fornecido por outras obras.

3.9 PRAZER ESTÉTICO E TRANSCENDÊNCIA

Contudo, de nada adiantaria os clássicos possuírem todas as características e funções que foram elencadas até aqui se a sua leitura fosse uma atividade chata e entediante. Não se pode esquecer que o leitor de literatura está em busca de prazer.

O prazer que o bom texto literário proporciona é para Barthes (2008) e Bloom (2001) a principal função da literatura. Todavia, Bloom (2001) diverge do crítico francês ao considerar que a grande literatura dá ao leitor um prazer difícil. Para o crítico norte-americano, os clássicos fazem com que o leitor vivencie o nível de dificuldade mais alto que qualquer leitura, de qualquer tipo de texto, pode oferecer. Essa dificuldade provém da natureza dos temas abordados e do uso específico e metafórico da linguagem, que sempre remete para algo além daquilo que está à mostra na superfície da obra. No entanto, a dificuldade de alguns clássicos é extremamente recompensadora, pois o seu conteúdo humano e a sua riqueza estilística são profundamente enriquecedores e elevam o leitor da sua condição natural e limitada por um breve momento, trazendo beleza para a sua vida. Sobre essa característica do cânone, Bloom (2001, p. 25) afirma que

[...] o motivo mais marcante, mais autêntico, que nos leva a ler com seriedade o cânone tradicional (hoje em dia tão desrespeitado), é a busca de um sofrido prazer. Embora não me considere um apologista da erótica de leitura, creio que a expressão “sofrido prazer” articule uma plausível definição do sublime; no entanto, a busca empreendida por um leitor encerra prazer ainda maior. Existe o sublime alcançado através da leitura, ao que parece, a única transcendência secular que nos é possível, senão por aquela transcendência ainda mais precária que denominamos “amor, paixão”.

Além disso, como afirma Machado (2002), a dificuldade de alguns clássicos faz com que prossigamos com avidez a sua leitura, pois queremos decifrá-lo, e na medida em que vamos desvendando o seu significado, que o texto vai sendo revelado, página a página, ansiamos cada vez mais para chegar ao seu fim, à sua compreensão final, onde tudo ganhará sentido e o grande mistério será revelado.

Portanto, os clássicos devem ser lidos, pois são textos que proporcionam o prazer máximo que a leitura pode oferecer, e que embora muitas vezes não seja uma experiência fácil, é recompensadora e duradoura, o que muitas vezes fará com que o leitor retorne a tais obras e o que fez com que muitos, ao longo dos séculos, se aventurassem em tal dificuldade em busca de um deleite estético único.

Sintetizando o que foi exposto até aqui, pode-se afirmar que os clássicos são as obras literárias que possuem as seguintes características:

- a) Resistiram ao teste do tempo e continuam sendo lidas;
- b) Podem, contudo, ser obras atuais que têm sua qualidade reconhecida pelo meio literário – professores universitários, críticos e leitores;
- c) São obras que não se esgotam em uma leitura e que a cada leitura se revelam como livros inteiramente novos;
- d) São textos que analisam com acuidade e nos permitem vivenciar intensamente determinados momentos da história;
- e) São obras que exploram ao máximo as possibilidades do idioma e se tornam modelo de expressão escrita da língua em que foram compostos;
- f) São textos que influenciaram decisivamente a cultura ocidental como um todo, e não somente as artes;
- g) São obras que tecem um comentário original sobre determinado comportamento humano e se tornam referência sobre o mesmo;
- h) A partir desse comentário, nos permitem entender melhor a nós mesmos e aos outros;
- i) Tornam-se a melhor companhia para a solidão natural do homem, possibilitando o encontro com personagens inesgotáveis e com interpretações do mundo fascinantes;
- j) Permitem-nos vivenciar da forma mais intensa experiências diversas das nossas, o que nos proporciona uma compreensão maior do ser humano;
- k) Os clássicos são textos que desafiam o leitor, seja por meio da forma, do conteúdo ou de ambos; essa dificuldade, contudo, é recompensadora, pois a beleza da obra – a forma como a linguagem se articula com o conteúdo para expressar uma visão de mundo singular e cativante – faz com que transcendamos a nossa existência prosaica.

O que se tentou acima, definindo o que é um clássico e ilustrando as suas funções, foi tornar evidente que as grandes obras literárias não são peças de

museu, mas sim alimentos inesgotáveis para o espírito que podem agradar os mais variados gostos.

Contudo, não se pode esquecer que as pessoas diferem, e muito, entre si e que exatamente por isso o clássico de um indivíduo, a leitura para qual sempre retorna e que engrandece seu espírito, pode não ser o clássico de outro, ou ser considerado até mesmo uma experiência entediante. O livro da vida de um pode ser uma leitura penosa para outro, pois como bem diz Calvino (1993), cada leitor possui o seu clássico, aquela obra que parece ter escrita sido especialmente para si.

O raciocínio acima, no entanto, não invalida em nada a discussão empreendida até aqui. Os clássicos são os livros mais prováveis de se tornarem livros de cabeceira porque foram os mais amados durante os séculos. No fundo, a escolha pela leitura dessas obras é uma questão de probabilidade, pois a chance de o leitor gostar de algo que foi aprovado por uma multidão de leitores tão distinta – e, dentro dessa multidão, se encontram os críticos, os leitores mais capacitados para determinar a qualidade de uma obra – é maior do que a chance de obter os mesmos prazeres com textos que não possuem a mesma reputação e que não resistiram ao teste do tempo.

Em vista disso, e do poder inerente a tais obras sobre o espírito humano, as instituições responsáveis pela educação formal das pessoas ou que podem contribuir para a formação intelectual do cidadão devem dar especial atenção aos clássicos, incentivando a sua leitura, enfatizando a sua importância e possibilitando que sejam mais bem aproveitados pelos seus leitores. Neste ponto, concorda-se inteiramente com Calvino (1993), quando afirma que o clássico só cumpre as suas funções quando encontra um leitor interessado, que o leia com vontade e amor, e que é papel da escola divulgá-los, para que o aluno possa ter oportunidades de encontrar os seus livros dentre aqueles que lhe foram oferecidos.

Alargando a proposição de Calvino, pode-se incluir a biblioteca pública como uma promotora dos clássicos, seja por meio da divulgação dos mesmos no seu espaço físico, na rede mundial de computadores (*site* oficial, redes sociais, *blogs*), e através de atividades culturais que tenham tais livros ou autores como foco (eventos em comemoração do aniversário de um determinado autor ou obra, *saraus*, palestras sobre um título ou sobre um escritor, dentre outros). Acredita-se, inclusive, que dentre as missões que a biblioteca pública possui junto ao seu público se

encontram a divulgação e promoção da boa leitura, da educação e da cultura, e que não fazê-las é deixar de prestar um serviço inestimável para os seus usuários.

Na próxima seção, examinar-se-á o conceito, a história e as possíveis funções que a literatura da Ciência da Informação atribui à biblioteca pública, e também a relação deste tipo de biblioteca com o que foi discutido até aqui a respeito dos clássicos.

4 BIBLIOTECAS E BIBLIOTECAS PÚBLICAS

Antes de definir o conceito de bibliotecas públicas, é necessário definir o conceito de biblioteca. Inicialmente, as bibliotecas eram instituições voltadas para a preservação de documentos – fossem esses documentos as tábuas de argila dos mesopotâmicos, as coleções de papiros dos egípcios, as coleções de pergaminhos dos mosteiros medievais ou o livro impresso dos séculos seguintes (MARTINS, 1996). Dentro desse contexto, como bem aponta Russo (2010), os profissionais responsáveis por tais organizações eram eruditos, que tinham como principal função a reunião, a organização e a preservação dos documentos ali presentes.

A partir do século XIX, com o surgimento de propostas educacionais nos países desenvolvidos, que visavam erradicar o analfabetismo e promover a leitura e a cultura de forma democrática, as bibliotecas em geral mudaram o seu paradigma, e passaram a se preocupar mais em garantir o acesso aos seus produtos e serviços do que apenas em conservar e organizar os seus acervos (RUSSO, 2010). Tais mudanças também influenciaram o bibliotecário, que deixou de ser um erudito catalogador para se tornar um profissional que gerencia a biblioteca para melhor atender o seu público.

No contexto moderno de biblioteca, que visa o atendimento ao usuário, Targino (1984, p. 59) conceitua tal instituição como

[...] o local, onde uma coleção organizada e constituída de acordo com a demanda e necessidade dos usuários efetivos e potenciais a que se destina (tanto no que confere ao tipo de material como à diversificação dos assuntos), está à disposição dos interessados, para suprir suas necessidades informativas, educacionais ou recreativas. Para tanto, requer recursos humanos, materiais e financeiros que assegurem a continuidade e atualização dos seus serviços.

A biblioteca tradicional, que desde o século XV era composta basicamente de documentos impressos, assistiu, nos dois últimos séculos, ao surgimento de uma infinidade de outros suportes para a informação. Assim, como bem relata Le Coadic (2004), a biblioteca moderna lida com uma infinidade de formatos, inclusive com informações veiculadas em tempo real. Assim, o conceito de biblioteca na atualidade se mostra amplo, principalmente após o surgimento do computador e da rede mundial de computadores. Esse fato possibilitou a existência de acervos que não

ocupassem espaço físico, mas que estivessem disponíveis virtualmente - as chamadas bibliotecas virtuais (VIEIRA, 2014).

Para o presente estudo, será utilizada a definição de biblioteca utilizada por Vieira (2014), que, embora praticamente idêntica à definição de Targino (1984), acrescenta à última a diferença entre a biblioteca virtual e a biblioteca física. Nas palavras do autor:

Atualmente, biblioteca pode ser considerada como uma coleção de livros e outros suportes informacionais organizados de forma que atendam às necessidades informacionais de seus usuários. Ao considerarmos o termo “biblioteca”, devemos ainda levar em consideração ao menos dois tipos distintos, que são as bibliotecas físicas, “que possuem espaço e acervo físico”, local onde é possível encontrar livros, manuais, dissertações, monografias, jornais, revistas, CDs e DVDs, etc.; e as bibliotecas virtuais, onde todo o acervo é formado por documentos eletrônicos (e-books, arquivos em txt, pdf. etc.), acessível por meio eletrônico, ou seja, não possuem espaço físico. (VIEIRA, 2014, p. 3).

Segundo Milanesi (2002), as bibliotecas nasceram da necessidade do ser humano de preservar, organizar e difundir o conhecimento humano, atividade necessária não só para proteger o seu patrimônio cultural, como também para que o conhecimento, nas suas variadas formas, possa avançar, já que para alcançar esse objetivo é indispensável o compartilhamento da informação e o acesso à memória cultural. Dessa forma, segundo o autor,

[...] a biblioteca, real ou virtual, enquanto concentração de esforços de ordenamento da produção intelectual do homem, permanece como fator essencial do desenvolvimento. E nunca acabará. Muda a sua configuração física, transformam-se as suas operações de acesso à informação e têm até o nome trocado, mas, na essência, permanece como a ação concreta do homem, o grande desafio e jogo humano para não perder o que ele próprio criou. (MILANESI, 2002, p. 12).

As bibliotecas públicas, por sua vez, são um tipo de biblioteca que segundo o Manifesto da International Federation of Library Associations and Institutions (doravante IFLA) e da UNESCO (INTERNATIONAL..., 1994, *online*) funcionam “[...] como um centro local de informação, tornando prontamente acessível aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros.”. Ainda de acordo com o mesmo texto, os serviços das bibliotecas públicas devem ser gratuitos e mantidos pelo governo; devem incluir todos os suportes de informação; seus

documentos devem atender a todas as faixas etárias de forma adequada; e suas coleções devem ser qualificadas e devem tratar de temas atuais e proporcionar acesso ao patrimônio cultural da humanidade. Tal instituição tem como objetivo oferecer produtos e serviços sem distinção de raça, credo, sexo, nacionalidade, língua e condição social, e deve ser livre de qualquer tipo de censura (INTERNATIONAL..., 1994, *online*).

Com relação ao conceito de biblioteca pública, Suaiden (1995) e Stumpf (1988) endossam a definição de tal instituição como a biblioteca que é mantida pelo governo e visa atender a todos os membros da sociedade, diferente dos outros tipos de biblioteca que possuem um grupo definido de usuários e estão ligados a uma instituição mantenedora - como, por exemplo, as bibliotecas universitárias.

Por sua vez, Almeida Junior (1997) considera que a biblioteca pública assumiu ao longo de sua história quatro funções: a educativa, a cultural, de lazer e a função informativa. Documentos como o Manifesto da IFLA/UNESCO sobre as bibliotecas públicas (INTERNATIONAL..., 1994) e os princípios e diretrizes para as bibliotecas públicas elaborados pela Fundação Biblioteca Nacional (2000), também apresentam essas funções.

Com base nesses documentos, pode-se afirmar que a função educativa está relacionada principalmente ao reforço da educação formal, à educação continuada e a campanhas de erradicação do analfabetismo. A função cultural se relaciona com o acesso ao patrimônio cultural e artístico da humanidade, seja por meio do contato do usuário com o acervo, seja pela promoção de atividades culturais que envolvam a participação da comunidade. A função de lazer ou recreativa por muito tempo esteve ligada à promoção do entretenimento por meio da leitura, embora possa estar relacionada a qualquer atividade que a biblioteca promova e que envolva a recreação de seus usuários. Por fim, a função informativa se configura como a promoção de informações indispensáveis para o exercício da cidadania, tais como a indicação de empregos, localização de órgãos do governo, ou a disponibilização de informações sobre quais os documentos necessários para a realização de um determinado procedimento (aposentadoria, vacinação, dentre outros) (ALMEIDA JÚNIOR, 1997).

Na virada do milênio, com a popularização do computador e da internet, mais uma função foi associada à biblioteca pública: a função de promover o acesso às tecnologias de informação, principalmente para a população carente, que não dispõe

de recursos para ter acesso aos benefícios proporcionados pela informática. As funções da biblioteca pública serão analisadas detidamente na seção que tratará da relação deste tipo de biblioteca com os clássicos.

Por fim, cabe diferenciar as bibliotecas públicas das bibliotecas comunitárias e populares, tendo em vista que o aspecto gratuito de ambas e o fato de serem desvinculadas de uma instituição mantenedora – como uma escola, empresa, universidade – confere alguma semelhança a estes dois tipos de biblioteca. A Fundação Biblioteca Nacional apresenta uma definição de biblioteca pública que, ao mesmo tempo em que estabelece o seu conceito, também o diferencia do conceito de biblioteca comunitária. É esta definição que norteará o presente estudo, e que engloba as definições apresentadas anteriormente nesta seção. De acordo com a Fundação Biblioteca Nacional (2000, p. 18):

As bibliotecas públicas caracterizam-se por: 1) destinar-se a toda a coletividade, ao contrário de outras que têm funções mais específicas; 2) possuir todo tipo de material (sem restrições de assuntos ou de materiais); 3) ser subvencionada pelo poder público (federal, estadual, municipal). Ela difere da biblioteca comunitária/popular, que surge da comunidade e é por ela gerida, sendo o atendimento feito, geralmente, por voluntário.

Na próxima seção, será examinada a história da biblioteca pública e, posteriormente, na seção seguinte, a relação entre as funções da instituição com os clássicos da literatura.

5 BIBLIOTECAS PÚBLICAS: HISTÓRIA

De acordo com o conceito de biblioteca pública definido na seção anterior, pode-se afirmar que essa instituição nasce em meados do século XIX, na Europa e nos Estados Unidos (ALMEIDA JÚNIOR, 1997). De acordo com Nogueira (1986), sua origem remonta aos anseios populares por um maior acesso à educação, bem como da necessidade de qualificar os trabalhadores para que pudessem exercer os postos de trabalho especializados criados no bojo da Revolução Industrial. Assim, como aponta Almeida Júnior (1997), a biblioteca pública nasce ambígua: de um lado estão os interesses do povo em ter acesso à educação; do outro, os interesses das classes dominantes em educar o povo para que servisse aos seus desígnios.

Sobre o nascimento da biblioteca pública nos Estados Unidos, Sponholz (1984, p. 5) afirma que:

A primeira biblioteca a corresponder aos requisitos da moderna biblioteca pública foi a de Peterborough, New Hampshire, instituída em 1833, através de verba destinada à manutenção das escolas públicas primárias e outros fins educacionais. Assim, a quantia foi utilizada na aquisição de livros para uma biblioteca municipal de livre acesso, sem taxas.

Dessa forma, de acordo com Mueller (1984), a função da biblioteca pública nos seus primórdios era fornecer educação às classes sociais desfavorecidas, que não podiam ter acesso às bibliotecas bem desenvolvidas presentes nas universidades ou adquirir os documentos de que necessitavam. Nesse contexto, a biblioteca pública seria também a responsável por garantir a educação continuada dos cidadãos.

No início do século XX, porém, uma nova função foi adicionada a função educacional: a função de proporcionar lazer aos indivíduos. Como se pode perceber pelas discussões da época, que, conforme Muller (1984), versavam sobre a possibilidade das bibliotecas públicas possuírem ou não os livros da chamada “literatura popular”, o centro da função de lazer recaiu sobre o suporte livro e, principalmente, sobre a literatura.

No mesmo período, juntamente com a função de promover o lazer, surgiu a função cultural, que pretendia trazer espetáculos, exposições e palestras para o ambiente da biblioteca pública, e assim permitir que os usuários pudessem entrar em contato com a cultura de forma gratuita.

Na metade do século XX, em 1949, surge a primeira versão do manifesto da Biblioteca Pública publicado pela IFLA/UNESCO, que destaca a sua função educativa, principalmente como um centro popular (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2000). Conforme explica Almeida Junior (1997), a função educativa, a função de lazer e a função cultural foram as únicas funções desempenhadas pelas bibliotecas públicas até a década de 60. Segundo o autor:

Apesar de, em determinados momentos do período, uma função prevalecer sobre as outras, principalmente as funções educacional e de lazer, quase nada, nessa área, sofre transformações. Alguns debates – muitos provenientes dos estudos oriundos da primeira escola de pós-graduação em biblioteconomia fundada nos EUA no final da década de 20 – povoaram os interesses dos profissionais bibliotecários, mas sem que provocassem uma posição, uma atitude diferente daquela assumida por aqueles profissionais até então. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 52).

Porém, fatores como o início da Primeira Guerra Mundial iriam acrescentar mais uma função à biblioteca pública. De acordo com Suaiden (1995), nos Estados Unidos, o confronto desencadeou uma produção altíssima de informações, tanto por parte de organizações militares quando por parte do governo e das empresas privadas que auxiliavam o país no conflito. Essas informações, que eram necessárias para o dia a dia do cidadão, e que se encontravam dispersas, foram reunidas e disponibilizadas primeiramente pela biblioteca pública da cidade de Detroit e depois por outras bibliotecas públicas do país, e, de acordo com o autor, eram constituídas por

[...] dados sobre o avanço da guerra aos lugares onde esta se desenvolvia, boletins informativos, regulamentos especiais, atividades de voluntariado civil, regulamentos de preço e controle de renda, racionamento de alimentos e gasolina, cursos de treinamento para trabalhadores durante a guerra... até ajuda expressa na provisão de literatura técnica e informação de referência às indústrias, que deveriam trocar a sua produção para satisfazer as necessidades geradas pela guerra. (SUAIDEN, 1995, p. 74).

Embora depois do término da Segunda Guerra Mundial esse tipo de serviço utilitário tenha caído em desuso, a partir da década de 70 ele foi reestabelecido e reconfigurado (já que as guerras haviam acabado) nas bibliotecas públicas dos Estados Unidos, e se difundiu por toda a Europa (SUAIDEN, 1995). Dessa forma, a biblioteca pública adquiriu uma nova função junto ao público: a função informacional.

Curiosamente, a função informacional, conforme aponta Almeida Júnior (1997), não foi instituída nas bibliotecas americanas na década de 70 devido à percepção de uma necessidade da comunidade, mas sim porque a biblioteca pública estava disputando o recebimento de verbas do governo com outras instituições culturais e, portanto, precisava se mostrar útil à população.

A função informacional passou, então, a prover informações necessárias à cidadania, tais como fornecer a localização de determinados órgãos públicos, divulgar vagas de emprego, telefones úteis – basicamente tudo o que pudesse auxiliar as tarefas práticas do dia a dia da população. Tal função foi muito utilizada pelas bibliotecas europeias, principalmente dos países nórdicos. Algumas delas instalaram serviços de informação específicos, como a de Halmstad, na Suécia, que fornece informações sobre preservação ambiental, e as bibliotecas públicas da Dinamarca, que fornecem até mesmo assistência jurídica em parceria com advogados para os seus usuários (SUAIDEN, 1995).

Em 1972, foi publicada a segunda versão do Manifesto da UNESCO, que ratificou a promoção do lazer, da educação, da cultura e da informação como as principais funções da biblioteca pública. A segunda versão do documento gerou muitos debates nos países em desenvolvimento, principalmente na América Latina. Fruto dessa influência foi a conferência realizada em Caracas, na Venezuela, em 1982, com o intuito de debater as perspectivas e atribuições das bibliotecas públicas no nosso continente (FUNDAÇÃO..., 2000). Visando adaptar o Manifesto da UNESCO para a realidade dos países latino-americanos, algumas ações foram propostas ao final do encontro para a melhoria dos serviços das bibliotecas públicas da região. De acordo com a Fundação Biblioteca Nacional (2000, p. 20), as medidas recomendadas foram as seguintes:

- propiciar o livre acesso à informação;
- estimular a participação da população na vida nacional e na vida democrática;
- promover a difusão e a proteção das culturas nacionais autônomas e de minorias, tendo em vista a formação da identidade nacional, como também o conhecimento e o respeito às outras culturas;
- formar o leitor crítico e seletivo;
- ser um instrumento de educação formal e não formal;
- ser o centro de comunicação e informação da comunidade.

Por fim, em 1994 foi publicada a última versão do Manifesto da UNESCO sobre as bibliotecas públicas, que incorporou algumas propostas do encontro realizado em Caracas e de encontros posteriores realizados na América Latina. Apesar de ainda relacionar a biblioteca pública às funções educacional, cultural, de lazer e informativa, o documento estabelece algumas diretrizes mais específicas em relação às incumbências deste tipo de unidade de informação. Dentre elas, pode-se destacar as preocupações relativas “[...] à herança cultural, ao apoio à tradição oral, ao acesso à informação comunitária e ao apoio à educação em todos os níveis.” (FUNDAÇÃO..., 2000, p. 20). Também é importante ressaltar o combate ao analfabetismo e o incentivo à leitura – uma visível preocupação com os países subdesenvolvidos demonstrada pelo Manifesto.

Assim, pode-se afirmar que a biblioteca pública ao longo da história foi buscando sempre ampliar o escopo de suas funções e o seu público. Se antes estava voltada ao apoio da educação formal dos indivíduos ou para prover a sua educação continuada, com o tempo passou a ser um instrumento auxiliar ao combate do analfabetismo. Se antes se preocupava apenas com a cultura registrada, muitas vezes contida apenas nos livros, e por assim dizer universal, com o passar do tempo passou a dar atenção à cultura das minorias, à cultura da comunidade em que está inserida, muitas vezes provendo os meios para que os membros dessa cultura se expressem, através de shows, de exposições e de outras ações culturais, e também dando atenção especial à preservação da memória coletiva desses grupos. Se antes se preocupava apenas com o livro como fonte de lazer, passou a considerar outros suportes como possíveis fontes de entretenimento. Por fim, se antes se preocupava com a informação mais técnica, com o tempo passou também a considerar as informações que podem ser úteis na solução de problemas cotidianos.

A última versão do Manifesto da UNESCO, de 1994, considerou na sua redação o avanço da informática e a então nascente rede mundial de computadores. Essa preocupação está expressa no enunciado de uma das missões das bibliotecas públicas listadas no documento, que é descrita como “Facilitar o desenvolvimento da informação e da habilidade no uso do computador.” (INTERNATIONAL..., 1994, *online*).

6 BIBLIOTECAS PÚBLICAS NO BRASIL

Inicialmente, as coleções de livros existentes no Brasil, cujo acesso era restrito, estavam em posse das ordens religiosas, mais especificamente dos Jesuítas. Somava-se a isso a dificuldade de adquirir livros na colônia, devido à censura imposta pelo reino de Portugal, que impunha barreiras alfandegárias para a circulação de obras, assim como proibia a impressão de material em solo brasileiro. Desta forma, nos três primeiros séculos de existência do nosso país, a circulação de livros e jornais era baixíssima e praticamente não existiam bibliotecas que pudessem ser dignas do nome (MILANESI, 1983).

Contudo, no início do século XIX, mais precisamente em 1811, na então Capitania da Bahia, Pedro Gomes Ferrão de Castello Branco elaborou um projeto para a criação de uma biblioteca que fosse aberta ao público. De acordo com Suaiden (1995, p. 25) o autor do projeto

[...] solicitou ao governador apenas a aprovação do projeto, pois a biblioteca seria mantida através da cooperação de todos os cidadãos que desejassem dela fazer parte. Castello Branco concebeu a biblioteca como uma instituição para promover a instrução do povo.

O projeto viria a ser concretizado no final do mesmo ano, dando origem à primeira biblioteca pública brasileira, a Biblioteca Pública da Bahia (MILANESI, 1983; SUAIDEN, 1995). Interessante notar, conforme mostra Suaiden (1995), que esta primeira iniciativa partiu de um cidadão, e não de um órgão governamental, visando garantir o acesso à informação e alguma educação para o povo.

Posteriormente, com a vinda do rei de Portugal, D. João VI, para o Brasil, que trouxe consigo a corte portuguesa em fuga do exército de Napoleão, foi instalada no Rio de Janeiro a Imprensa Régia e também foi trazida de Portugal a Biblioteca Real Portuguesa, cujo acervo foi a base da coleção da Biblioteca Nacional. A Biblioteca Nacional abriu as suas portas ao público em 1814, e o período posterior configurou-se como uma época de efervescência cultural. Nas palavras de Milanesi (1983, p. 30):

Após a Independência, um ânimo novo leva a projetos de construção do país. Fundam-se jornais e com eles implantam-se as tipografias. Novas ideias devem ser divulgadas, defendidas e a imprensa torna-se o veículo fundamental nesse processo. E com os jornais surgem os folhetos, os livros.

É um tempo novo para o pensamento no Brasil. Abrem-se escolas, criam-se jornais, circulam ideias. O livro tem o campo de penetração ampliado. O cerceamento é menor à literatura, a população passou a ter o acesso a ela facilitado.

Em vista disso, o governo passou a investir em bibliotecas públicas e em 1823 foi fundada a Biblioteca Pública do Estado do Maranhão. Nos anos posteriores, várias outras instituições semelhantes foram fundadas, dentre elas a Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (1855); a Biblioteca Pública do Espírito Santo (1855); a Biblioteca Pública do Estado da Paraíba (1857); a Biblioteca Pública do Estado do Paraná (1857); a Biblioteca Pública do Estado de Alagoas (1865); a Biblioteca Pública do Estado Ceará (1867); a Biblioteca Pública do Estado do Amazonas (1870); a Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul (1871); a Biblioteca e Arquivo Público do Pará (1873); a Biblioteca Estadual do Rio de Janeiro (1873); e a Biblioteca Estadual do Piauí (1914) (SUAIDEN, 1995).

Contudo, tais bibliotecas não tinham a infraestrutura necessária para atender a população. Os acervos eram desatualizados; os prédios não eram adequados para abrigar as coleções, o pessoal e os usuários; e os funcionários não possuíam o treinamento adequado para atender ao público (SUAIDEN, 2000). Ainda sobre esse tópico, Suaiden (2000, p. 52) argumenta que

O ônus da imagem dessas instituições provocou um retraimento do possível público usuário. A imagem passou a ser negativa pelo povo e eram comuns as afirmações de que se tratava de um lugar de castigo ou para uma pequena elite composta por eruditos.

De acordo com o mesmo autor, outro problema enfrentado pelas bibliotecas na República Velha e na Primeira República foi o fato de que grande parte da população era analfabeta e o ensino era de má qualidade, enquanto que as coleções das bibliotecas públicas eram compostas basicamente de livros. Dessa forma, as bibliotecas eram praticamente inúteis, pois apenas uma parcela culta da população podia usufruir de seus produtos e serviços (SUAIDEN, 2000). O autor coloca que, naquele momento, talvez fosse mais proveitoso fornecer informações utilitárias do que as instituições centrarem seus produtos e serviços apenas no material bibliográfico.

Em decorrência da Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo no ano de 1922, intelectuais modernistas, encabeçados por Mário de Andrade, começaram

a pressionar as autoridades para que fosse instituída uma política cultural por parte do governo. Na mesma época, a crescente industrialização do Brasil criou a necessidade de se qualificar a mão de obra operária, de forma semelhante ao que ocorrera na Europa e nos Estados Unidos devido à Revolução Industrial. Em função desses dois fatores, foi criado durante o governo de Getúlio Vargas, em 1937, o Instituto Nacional do Livro (INL) (SUAIDEN, 2000).

O Instituto era vinculado ao Ministério da Cultura e tinha como função “[...] proporcionar meios para a produção, o provisionamento de livros e a melhoria dos serviços bibliotecários.” (SUAIDEN, 1995, p. 29). A iniciativa não conseguiu cumprir seus objetivos, e o que se viu na prática, como aponta Almeida Júnior (1997), foi uma distribuição indiscriminada de livros que pouco considerava as necessidades das comunidades. Milanesi (2002, p. 46-47) explica detidamente tal equívoco cometido pela instituição:

Havia uma forte campanha visando a difusão da leitura como alavanca para o desenvolvimento pessoal e coletivo. As bibliotecas com seus “livros semeados a mancheias” seriam instrumentos de elevação do nível cultural e alavancas do desenvolvimento. Para isso, o INL estabeleceu determinados pacotes de livros e espalhou-os pelas cidades brasileiras, acreditando que essa ação criaria o gosto pela leitura, tornando as bibliotecas municipais irreversíveis. Ao Estado coube a escolha dos livros, às cidades torná-los disponíveis e aos cidadãos, lê-los. Apesar das boas intenções, essas bibliotecas vindas de cima para baixo, das esferas federais para o cotidiano das cidadezinhas, da mesma forma como chegaram, desapareceram. Chegaram como surpresa e desapareceram nos meandros da vida municipal. Essas bibliotecas deveriam sobreviver alimentadas por uma escola pouco risonha e, principalmente, envoltas pela sedução do universo da radiofonia.

Posteriormente, com a reforma do ensino escolar de 1971 que tornou obrigatória a pesquisa aos alunos, as bibliotecas públicas transformaram-se em bibliotecas escolares, segundo Almeida Júnior (1997), Milanesi (1983) e Suaiden (2000). O fato de muitas escolas não possuírem bibliotecas obrigou os alunos a buscarem as bibliotecas públicas, que, por sua vez, passaram a voltar as suas atividades para esse público em detrimento de outros. Como aponta Milanesi (2002), o ensino brasileiro sempre foi voltado para a reprodução de conhecimentos, tendo o professor como porta-voz do saber considerado correto – saber que deve ser decorado pelos alunos e que será cobrado em provas onde o estudante deverá repetir, seja por escrito ou oralmente, exatamente aquilo que lhe foi transmitido pelo mestre, e cujo conteúdo não pode ser contestado. A pesquisa escolar foi uma

continuação desse modelo pedagógico, onde existiria o conhecimento correto exposto nas enciclopédias, que deveria ser copiado e entregue aos professores. Dessa forma, a pesquisa realizada nas bibliotecas públicas se transformou em uma reprodução desse tipo de material, e o bibliotecário passou a ser aquele que auxilia tal procedimento disponibilizando as enciclopédias abertas no verbete correto para facilitar a vida do aluno. Os professores, que também foram alvos desse tipo de ensino, não aprenderam o que é realmente uma pesquisa e, portanto, não podem auxiliar o estudante adequadamente. Nesse contexto, o acervo das bibliotecas públicas depois da reforma do ensino ficou basicamente restrito a enciclopédias e o bibliotecário dessas instituições reduziu o espectro de atividades que poderia desenvolver juntamente à comunidade (MILANESI, 2002).

Ainda de acordo com Milanesi (1983; 2002), a pesquisa escolar, em qualquer nível, é justamente o oposto do que é praticado. Nas suas palavras:

Na prática do adestramento a gratificação é o torrão de açúcar. Na escola é a nota. A voz do dono é reproduzida. O objetivo é passar de ano. Após a prova, o aluno descarta as informações inúteis que acumulou e que, de fato, quase nunca servem para nada. Em oposição a isso, a pesquisa busca a criatividade. Antes de tudo é preciso definir o que procurar; depois, como procurar. O passo seguinte será a seleção dos dados coletados. E, por fim, a combinação desses dados para que seja possível a explicação desejada. Esse processo, com as devidas adaptações, pode e deve ser usual em qualquer nível de escolaridade. (MILANESI, 1983, p. 48).

Dessa forma, a biblioteca, por conter fontes de informações diversas sobre um mesmo tema, que expressam diferentes pontos de vista, deveria, se bem utilizada, ser justamente o oposto do ensino dogmático que é praticado nas escolas. No ambiente ideal, segundo Milanesi (1983), o bibliotecário seria aquele que auxilia o aluno, participando ativamente do processo e fornecendo fontes de informações divergentes e em diferentes suportes. O professor, por sua vez, seria aquele que debateria com os alunos as diversas informações encontradas, auxiliando o estudante a atingir uma síntese crítica do assunto que foi pesquisado. Porém, conforme foi relatado, o que ocorreu foi a prática tradicional de reprodução do conhecimento considerado correto, indiscutível e disseminado por pouquíssimas fontes de informação: o verbete de enciclopédia, o livro texto e aula do professor. Assim, as bibliotecas públicas brasileiras, em sua grande maioria, ficaram restritas à função educativa – função essa executada de forma bastante limitada (MILANESI, 1983).

Dando continuidade as atividades realizadas pelo Instituto Nacional do Livro, no ano de 1992 foi instituído o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) pela Fundação Biblioteca Nacional, que tem como função incrementar as bibliotecas públicas de todo o Brasil. A SNBP visa articular e coordenar ações conjuntamente com os Sistemas Estaduais de Bibliotecas Públicas, que são compostos pelas bibliotecas públicas estaduais e municipais, visando a melhoria dos produtos e serviços desse tipo de biblioteca por meio da cooperação (FUNDAÇÃO..., 2000).

De acordo com a Fundação Biblioteca Nacional (2000, p. 24), o SNBP está estruturado da seguinte maneira:

O Sistema Nacional tem como segmentos: a coordenadoria nacional, os sistemas estaduais e as bibliotecas públicas estaduais e municipais. Os Sistemas Estaduais funcionam em cada estado da federação, encabeçados, geralmente, pelas bibliotecas públicas estaduais, que passa, por sua vez, a articular-se com as bibliotecas municipais.

Dentre as iniciativas realizadas pelo SNBP está a edição e publicação de diversos tipos de materiais impressos (guias, fôlderes, livros, manuais) que de alguma forma possam contribuir para a melhoria das bibliotecas públicas. O Sistema tem investido também na capacitação de recursos humanos para atuar nas bibliotecas, por meio de cursos e publicações voltados para os gestores dos Sistemas Estaduais, os bibliotecários e os auxiliares que trabalham nesse tipo de unidade informação (FUNDAÇÃO..., 2000).

Outra importante iniciativa realizada pela SNBP por meio do Programa Livro Aberto foi a criação de novas bibliotecas públicas no Brasil, bem como a melhoria daquelas já existentes. De acordo com o *site* oficial do Sistema (SISTEMA..., [201-], *online*):

Durante o período de 2004 a 2011, período em que perdurou o Programa Livro Aberto, foram criadas 1.705 novas bibliotecas e modernizadas 682. Esta ação era realizada por meio do estabelecimento de um contrato de comodato entre a FBN e a Prefeitura beneficiada, garantindo assim e entrega de um conjunto de equipamentos tecnológicos, mobiliário e acervo.

O Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas também participou ativamente do Plano Nacional do Livro e da Leitura, uma iniciativa do governo que visa o estímulo ao livro, à leitura e às bibliotecas. O Plano Nacional possui quatro eixos: a

democratização do acesso; o fomento à leitura e à formação de mediadores; a valorização institucional da leitura e incremento de seu valor simbólico; e o desenvolvimento da economia do livro (MARQUES NETO, 2010). A atuação do Sistema se dá principalmente no primeiro eixo, estimulando projetos que envolvam leitura, literatura e biblioteca e incentivando os estados e os municípios a criarem os seus próprios planos de incentivo à leitura (SISTEMA..., [201-]).

Em uma das suas medidas mais recentes, o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas tem fomentado o acesso às tecnologias de informação, por meio do projeto piloto intitulado Tô na Rede, que, em 2014, já foi implantado nos estados do Pará, Alagoas e São Paulo (SISTEMA..., [201-]).

Dessa forma, pode-se concluir que, embora durante muito tempo as bibliotecas públicas brasileiras tenham cumprido apenas a função de auxiliar a educação formal dos usuários (principalmente a pesquisa escolar dos alunos), e de forma insatisfatória, conforme foi relatado, com o passar dos tempos outras funções foram incluídas por meio das atividades do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, notadamente a promoção do acesso às tecnologias da informação e o fomento à leitura e à literatura.

Contudo, conforme Almeida Júnior (2003), a situação das bibliotecas públicas brasileiras é crítica. Ainda existem poucas bibliotecas desse tipo no Brasil; nas existentes faltam recursos humanos e financeiros para a prestação de serviços apropriados à população; muitas que possuem recursos não desempenham de maneira adequada a sua função junto ao público, por desconhecerem as necessidades de informação da comunidade; somado a esses fatores, em muitas delas o principal usuário ainda é o estudante, aquele que vai realizar as suas pesquisas – meras cópias de enciclopédias – na biblioteca pública por falta de uma biblioteca decente na sua escola.

7 FUNÇÕES DA BIBLIOTECA PÚBLICA E OS CLÁSSICOS

A seguir, serão detalhadas as quatro funções das bibliotecas públicas – função informacional, função educativa, função de lazer e função cultural – e as suas relações com os clássicos da literatura.

7.1 FUNÇÃO INFORMACIONAL

Conforme foi mencionado anteriormente, a função informacional surgiu como uma demanda da Primeira Guerra Mundial em algumas bibliotecas norte-americanas, mas foi somente anos 60 e 70 que foi incorporada à grande parte das unidades de informação dos Estados Unidos e também da Europa.

A função informacional é o papel que as bibliotecas públicas desempenham ao fornecerem informações úteis para o dia a dia dos usuários, para que exerçam plenamente a sua cidadania, usufruindo os seus direitos e cumprindo os seus deveres. Assim, a função informacional trabalha com um tipo específico de informação, que a literatura da área intitula de “informação para a cidadania” (ALMEIDA JÚNIOR, 1997) ou de “informação utilitária” (VERGUEIRO, 1988). Vergueiro (1988, p. 209) conceitua da seguinte maneira esse tipo específico de informação:

[...] nos campos das bibliotecas públicas, presenciou-se o florescimento, em algumas regiões, de uma preocupação maior com o registro e o fornecimento das informações consideradas utilitárias, ou seja, que visam satisfazer uma necessidade premente e momentânea, essencial para a resolução de um determinado problema, como, por exemplo, o esclarecimento sobre documentos necessários para uma finalidade específica, endereços de pessoas, instituições, etc.

Esse tipo de função da biblioteca é fundamental para o cumprimento das diretrizes do Manifesto da IFLA/UNESCO das Bibliotecas Públicas, pois segundo o documento: “A biblioteca pública é o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros.” (INTERNATIONAL..., 1994, *online*). Assim, de acordo com o Manifesto, a biblioteca pública deve fornecer todo tipo de informação que seja útil para a comunidade, não importando o suporte em que esteja armazenada.

Porém, como afirma Almeida Júnior (2003), a biblioteca sempre privilegiou o livro impresso. Apesar dos bibliotecários estarem a par do fato de que a informação é o que realmente interessa para o usuário, conforme aprenderam nas escolas de Biblioteconomia que os formaram, as bibliotecas públicas brasileiras privilegiaram, nos seus produtos e serviços, um tipo específico de documento, mostrando que a importância da informação em detrimento do suporte ficou restrita ao âmbito teórico, acadêmico, e não encontrou espaço na prática desses profissionais.

Contudo, a função informacional, se bem executada pelas bibliotecas e levando em conta as necessidades dos usuários, pode torná-las mais próximas da sua comunidade, pois pode incluir aqueles que desconhecem a palavra escrita, mas para os quais esse tipo de informação é indispensável: os analfabetos (ALMEIDA JÚNIOR, 1997). Assim, ao cumprir essa função, a biblioteca pública se torna muito mais pública e assume um caráter de praticidade que pode torná-la parte significativa da vida do local onde está inserida (SUAIDEN, 1995).

A função informacional ao longo do tempo adquiriu importância, e se faz presente nas missões das bibliotecas públicas que são elencadas pelo Manifesto da IFLA/UNESCO. Podemos notar a preocupação com a informação utilitária na missão-chave número nove: “Assegurar o acesso dos cidadãos a todos os tipos de informação da comunidade local.” (INTERNATIONAL..., 1994, *online*). Também na missão número dez fica visível essa preocupação: “Proporcionar serviços de informação adequados às empresas locais, associações e grupos de interesse.” (INTERNATIONAL..., 1994, *online*). Imagina-se, no entanto, que nesse último item não esteja incluída apenas a informação utilitária, mas também qualquer informação que possa ser útil para esses grupos.

Também nas medidas propostas pela Conferência realizada em Caracas, em 1982, foi dada uma maior importância à função informacional. Em três itens podemos notar a preocupação com o acesso da população a qualquer informação e não apenas a que se encontra nos materiais bibliográficos. Dentre as medidas que englobam a informação utilitária, mas não se restringem somente a ela, estão as seguintes: “propiciar o livre acesso à informação”; “estimular a participação na vida nacional e na vida democrática”; “ser o centro de comunicação e informação da comunidade” (FUNDAÇÃO..., 2000, p. 18).

Nesse contexto, não se pode diminuir o poder das tecnologias da informação, que podem ser de extrema utilidade para que a biblioteca pública possa cumprir a

função informacional. A unidade de informação pode divulgar tais informações por meio do seu *site* oficial e das suas páginas nas redes sociais, ou remeter para *links* onde o usuário possa encontrá-las. Também pode prover o acesso aos computadores e à internet no seu espaço físico para os consulentes que não possuem acesso a tais recursos em suas casas. Mas é de suma importância que os bibliotecários estejam presentes para tirar qualquer dúvida e auxiliar os usuários durante todo o processo. A existência desse serviço de referência virtual em relação à informação utilitária não significa que o serviço presencial deverá ser extinto, nem que a biblioteca não possa divulgar nenhuma dessas informações em formatos mais convencionais, como por meio de material impresso. Tudo dependerá das necessidades da comunidade a ser atingida e da sua preferência e familiaridade com determinados suportes.

Embora a informação utilitária seja indispensável para que se realize um bom trabalho nas bibliotecas públicas, sua relação com os clássicos da literatura é inexistente. Contudo, é importante ressaltar que neste trabalho, que pretende investigar a importância da divulgação dos clássicos na biblioteca pública, não se considera tal instituição apenas como um instrumento de propagação da cultura, do lazer e da educação, e por isso a função informacional foi apresentada e discutida. A biblioteca pública possui múltiplas funções, e todas devem receber a mesma atenção, embora este trabalho explore um assunto específico que se relaciona com três delas: educacional, recreacional e cultural.

7.2 FUNÇÃO EDUCACIONAL

Conforme já foi mencionado, no Brasil, a função educacional da Biblioteca Pública ficou restrita ao auxílio à pesquisa escolar, que de acordo com Almeida Júnior (1997) e Milanesi (2002) se limitava a fornecer enciclopédias para que o aluno copiasse o verbete e entregasse a cópia ao professor. Somado a isso, o fato de inexistirem bibliotecas na maioria das escolas brasileiras fez com que as bibliotecas públicas assumissem o papel de bibliotecas escolares e priorizassem os estudantes como o seu principal público.

Dessa forma, a educação não formal, os autodidatas e os alunos fora do nível escolar, como os universitários, não foram alvo dos esforços da biblioteca pública brasileira, que cumpriu, e ainda cumpre, mal e parcialmente uma das missões

preconizadas pelo Manifesto da IFLA/UNESCO, a saber: “Apoiar a educação individual e a auto-formação, assim como a educação formal a todos os níveis.” (INTERNATIONAL..., 1994, *online*).

É importante esclarecer o que se entende por educação não formal. Araújo (1985, p. 108) a conceitua da seguinte maneira:

A biblioteca pública, sendo parte do complexo educacional, desempenha sua função educativa através da educação considerada não formal. Esta, por sua vez, é dissociada do sistema educacional regular; no entanto, lhe é inerente o papel de educar os indivíduos num processo permanente, estando relacionada com a aprendizagem não sistemática, adquirida através de meios de comunicação de massa e de órgãos sócio-culturais.

Assim como a educação não formal e o autodidatismo, as bibliotecas públicas também deveriam contribuir para campanhas contra o analfabetismo, o que é pouco realizado por tais bibliotecas no Brasil. Dentro desse contexto, o Manifesto da IFLA/UNESCO (INTERNATIONAL..., 1994, *online*) considera uma de suas missões: “Apoiar, participar e, se necessário, criar programas atividades de alfabetização para os diferentes grupos etários”. Complementando essa missão, Miranda (1978) cita que um dos objetivos desse tipo de unidade de informação deve ser também o de fornecer livros adequados aos neo-alfabetizados, e que a missão da biblioteca pública só estaria sendo cumprida de forma plena quando os recém alfabetizados passassem a usufruir naturalmente dos materiais presentes no acervo geral.

Dentre as formas de contribuir para a educação que a Biblioteca Pública pode realizar, a Fundação Biblioteca Nacional (2000) enumera os cursos de curta duração, as palestras e os debates. Nesse contexto, Milanese (2002) também considera que as bibliotecas públicas devem contribuir para as pesquisas dos estudantes de forma diferente, não apenas fornecendo materiais para as pesquisas, mas criando atividades que façam as crianças e os adolescentes se interessarem por aquilo que estão pesquisando ou lendo e também possam exercer o seu potencial criativo e opinativo, e não apenas absorvendo e reproduzindo o conhecimento. Nas palavras do autor:

Buscar a informação é necessário, mas os caminhos que a biblioteca oferece não estancam aí. É preciso discutir a informação por meio de atividades como palestras, exposições, ciclos de filme, dramatizações... Entre um soneto e uma performance, o caminho pode ser mais curto do que

parece. Os adolescentes compreendem e apreciam isso. A resistência está menos neles do que nas bibliotecas. (MILANESI, 2002, p. 64).

Outra função educativa que a biblioteca pública pode exercer é a de ensinar o seu usuário a pesquisar em catálogos, na internet e também ensiná-lo a utilizar da maneira mais proveitosa possível os diferentes tipos de documentos. Assim, o bibliotecário deve mostrar ao estudante que os diferentes tipos de textos, tais como os verbetes de enciclopédia, os artigos de periódicos, os textos na internet, os poemas, dentre outros, necessitam de leituras distintas, cada uma com a sua especificidade e com seus próprios objetivos, já que a informação é diferente e se apresenta de forma particular em cada um deles.

A função educativa das bibliotecas públicas tem ligações diretas com os clássicos da literatura. Se os clássicos são, conforme foi afirmado anteriormente, textos que proporcionam uma análise histórica e social da sociedade que descrevem, eles podem ser utilizados para a pesquisa escolar. Dessa forma, quando os alunos procurassem a biblioteca pública para realizar as suas pesquisas, os bibliotecários poderiam sugerir a leitura de obras clássicas para a compreensão de determinados temas sociais e históricos. Em uma pesquisa sobre a Guerra de Canudos, por que ao invés de se sugerir *sites*, livros de história, filmes, músicas, o bibliotecário não pode sugerir a leitura de “Os Sertões” de Euclides da Cunha, ou mesmo trabalhá-lo conjuntamente com os professores de história e de literatura?

A biblioteca poderia também criar eventos relacionados a tais assuntos, como seminários e palestras em que fossem discutidos temas sociológicos e históricos, mas que não ficassem restritos apenas à abordagem historiográfica e sociológica dos palestrantes, dando espaço para a discussão dos textos clássicos da literatura. Isso poderia ser feito utilizando determinadas datas comemorativas, como o “Dia do Índio”, “Dia Internacional da Mulher”, “Dia da Consciência Negra”, utilizando-se dessas datas para discutir tais temas à luz da contribuição dos clássicos. Acreditamos que se os clássicos podem permitir que o leitor vivencie determinado momento histórico, a sua leitura pode ser de valor inestimável para aqueles que estão estudando ou se interessam por determinada época histórica ou por certos fenômenos sociais, contribuindo assim para a educação dos indivíduos, tanto para a educação formal quanto para o autodidatismo e a educação não-formal.

Por outro lado, se conforme afirmamos, os clássicos são os textos que exploram ao máximo as possibilidades do idioma e se tornam modelo de expressão escrita da língua em que foram compostos, a biblioteca pública e a escola devem se esforçar para divulgá-los para que os estudantes ou interessados possam vislumbrar essas possibilidades de expressão e para que, inclusive, melhorem a sua própria capacidade de escrita. Para tanto, é necessário que as atividades propostas pelos bibliotecários levem o aluno a refletir sobre a forma dos textos e não somente sobre o seu conteúdo – que as palestras e seminários tratem também dos aspectos linguísticos e formais da obra. Seria interessante também que o leitor pudesse exercer o seu potencial criativo e lhe fosse dada a oportunidade de escrever resenhas ou de participar de concursos de poesias e/ou contos, para que pudesse desenvolver a escrita, a capacidade de refletir sobre o que leu e também dar voz às suas próprias experiências, produzindo o seu próprio texto com o seu próprio estilo e não somente absorvendo a linguagem alheia.

A educação, contudo, não deve apenas preparar a pessoa para o mundo do conhecimento, mas também formar cidadãos, indivíduos mais conscientes e que se relacionem melhor uns com os outros. A educação não deve fazer com que as pessoas adquiram somente a instrução relacionada às disciplinas do saber (como a matemática, a química, a língua portuguesa), mas deve proporcionar às pessoas uma visão respeitosa das diferenças sociais, culturais e psicológicas entre os indivíduos e prover o desenvolvimento da consciência crítica que crie condições para que cada um possa modificar o seu meio social.

Em vista disso, o clássico, ao permitir que entendamos melhor a nós mesmos e os outros, possibilitando que habitemos outros corpos e vivenciemos outras situações as quais não estamos acostumados, é capaz de nos proporcionar o tipo de educação mencionado acima. A partir disso, podemos aceitar melhor as diferenças e conviver melhor em sociedade; podemos entender melhor o nosso sofrimento e o sofrimento alheio, e então buscar, dentro do possível, melhorar a nossa condição e auxiliar a melhoria do nosso vizinho. O clássico nos torna mais conscientes e dessa forma podemos ser, se não pessoas melhores, ao menos pessoas mais completas, mais humanas – o que é uma das funções da educação.

Dentre as ações já mencionadas, como utilizar datas específicas para discutir os clássicos, a biblioteca também pode aproveitar os temas mais polêmicos que estejam sendo discutidos no momento para trabalhá-los e debatê-los à luz dos

clássicos, pois as obras canônicas certamente têm algo para acrescentar à discussão. Para tanto, é necessário que o bibliotecário conheça os clássicos, e que disponha dos recursos financeiros, humanos e materiais para a execução das ações culturais.

O bibliotecário também pode convidar escritores jovens de sucesso, ou escritores de importância para a região, para falarem dos seus clássicos favoritos em palestras e seminários. Isso constrói uma ponte entre a cultura literária passada e o presente, e atrai o público para a leitura dos textos literários. Também podem ser convidadas pessoas de importância local para comentarem as suas obras clássicas favoritas – como atores, jornalistas, músicos, dentre outros.

Assuntos importantes para a comunidade, os quais sejam tratados por alguma grande obra, também devem receber atenção especial nas ações culturais e nos espaços físicos e virtuais da biblioteca. Para isso é necessário que a biblioteca esteja ciente do que é relevante para os seus usuários, por meio dos estudos de comunidades e do contato direto com as mesmas. Os esforços da unidade também devem envolver a divulgação dos clássicos em seu espaço físico, por meio de estantes específicas; sinalização adequada para esses materiais; presença constante nos expositores (seja para as novas obras canônicas que forem adquiridas, seja para aquelas obras que já se encontram no acervo e não são tão procuradas); e divulgação das ações culturais nos murais.

As bibliotecas públicas não podem esquecer também da divulgação desses títulos por meio dos ambientes virtuais em que se faz presente. As redes sociais (*Twitter, Facebook*), os *blogs* e os *e-mails* não devem ser utilizados apenas para a divulgação de ações culturais envolvendo os clássicos ou para avisar da chegada ou existência desse tipo de material na biblioteca. Esses recursos podem, eventualmente, relacionar determinados acontecimentos em evidência nas redes sociais com as obras clássicas. Tudo dependerá da criatividade do bibliotecário e de seu conhecimento dos clássicos. As bibliotecas podem ainda formar grupos de discussões virtuais, seja na rede social *Facebook* ou por meio de listas via *e-mail*, visando debater os clássicos. Assim, cria-se um ambiente de troca de informação onde o usuário possa debater as obras e expor a sua leitura das mesmas.

Contudo, para que tais obras possam ser bem aproveitadas pela biblioteca pública é necessário que os bibliotecários dessas instituições não somente tenham consciência do seu papel de educadores, mas também trabalhem em conjunto com

os professores das escolas, com os secretários de educação e com todos aqueles engajados em práticas educativas de qualquer espécie.

Além disso, é necessário também que esses profissionais da informação estejam atualizados em relação às práticas pedagógicas modernas, principalmente aquelas relacionadas à promoção da leitura. E, acima de tudo, é necessário que todos os envolvidos na educação dos cidadãos estejam cientes do potencial da grande literatura nesse processo.

7.3 FUNÇÃO RECREATIVA

A função recreativa ou de lazer, conforme Almeida Júnior (1997), historicamente esteve ligada a promoção da leitura como fonte de diversão, principalmente da leitura de obras literárias. Segundo o autor:

A função de lazer entende a biblioteca pública como capaz de oferecer entretenimento para as pessoas através da leitura. Assim, a biblioteca pública concorreria com outros equipamentos culturais, mas com vantagens, pois permite àqueles que a ela recorrem, usufruir nas suas próprias casas dos prazeres que os livros oferecem. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 43).

Essa função também encontra eco na primeira das missões elencadas para a biblioteca pública no Manifesto da IFLA/UNESCO, a qual postula que esse tipo de unidade de informação deve “Criar e fortalecer hábitos de leitura nas crianças desde a primeira infância.” (INTERNATIONAL..., 1994, *online*).

Segundo Almeida Júnior (1997), os problemas encontrados na execução dessa função pela biblioteca pública brasileira decorrem da ênfase dada ao livro. O primeiro deles é o fato de o país possuir uma alta taxa de analfabetismo que exclui muitos usuários de participar das atividades recreativas propostas. Embora a taxa de analfabetos tenha diminuído desde a publicação da obra do autor, o índice de analfabetos funcionais, aqueles que não compreendem o que leem, permanece alto, o que pode desencorajar ainda alguns usuários a se engajarem nas ações da biblioteca.

Algumas atividades elencadas pelo autor podem ser de grande ajuda para que a biblioteca atinja o público não-leitor, destacando-se entre elas a gincana, os campeonatos esportivos e a exibição de filmes (ALMEIDA JÚNIOR, 2003). Na

mesma linha, a Fundação Biblioteca Nacional (2000) recomenda atividades como apresentações musicais, clubes do idoso, teatro, teatro de fantoche e de sombras. Nesse contexto, o sucesso das ações dependerá da criatividade do gestor e de seu conhecimento dos desejos e das necessidades de sua comunidade para que consiga engajar seu público nas atividades de lazer propostas.

Pode-se perceber, pelas ações citadas por Almeida Júnior (2003) e pela Fundação Biblioteca Nacional (2000), que uma mesma atividade proposta pela biblioteca pública pode cumprir várias funções ao mesmo tempo. Uma peça de teatro, por exemplo, pode cumprir a função de divertir o público (função recreativa); a função de transmitir-lhe conhecimentos e possibilitar a discussão de uma situação histórica e social determinada (função educativa); e também proporcionar acesso ao patrimônio cultural da humanidade (função cultural). Os clássicos, portanto, são obras cujas atividades relacionadas e propostas pela biblioteca sempre envolverão as três funções. Porém, em algumas ações a ênfase poderá recair somente em uma delas.

O segundo problema causado pela centralidade do livro na função de lazer é o fato de tal suporte ser considerado como sagrado, não passível de contestação e que deve ser preferido em relação a outras formas documentais, as quais são também recreativas, como os quadrinhos. Essa preferência se daria tanto em relação aos documentos que compõem o acervo como também nas ações lúdicas propostas pela biblioteca. Em relação à supervalorização do livro, Almeida Júnior (1997, p. 43) pondera que:

Ao livro está ligada a idéia [sic] de verdade absoluta, já que ele, no senso comum das pessoas, é o guardião, é o arquivo das idéias [sic] dos homens, da evolução, do progresso dos homens, já que ele retrata o avanço científico e a ciência é sinônimo de verdade. Guardião da memória do homem, das suas descobertas, da evolução das técnicas empregadas pelo homem para derrotar e subordinar a natureza, modificando-a ao sabor de seus desígnios, o livro retrataria fielmente a história do homem, dos seus conhecimentos, da sua inteligência, do seu saber, da sua civilização. O senso comum entende a ciência, os conhecimentos, o relato histórico, as técnicas, como neutros, imparciais.

O antídoto para a sacralização do livro é a discussão do seu conteúdo, sejam eles canônicos ou não. Dessa forma, as “verdades” que transmitem podem ser contestadas ou endossadas, de acordo com a leitura do usuário e com o cotejo que poderá fazer da obra que tem em mãos com outras existentes – tarefa na qual é

incumbência do bibliotecário auxiliá-lo. O leitor deve ser estimulado, nas atividades de lazer que envolvam leitura, a desenvolver seu potencial crítico e criativo; porém, nunca de maneira que a atividade se torne enfadonha, tendo o efeito contrário do que o pretendido pela biblioteca.

Com relação aos clássicos, podemos afirmar que têm um papel destacado nas funções de lazer e, portanto, devem ser divulgados nas bibliotecas públicas. Tais obras podem ser a melhor companhia para um indivíduo, pois retratam seres humanos complexos, os quais queremos conhecer mais e mais, além de descreverem lugares, sensações e visões de mundo arrebatadoras. Além disso, apresentam uma gama de personagens diferentes – do aristocrata ao camponês, do adúltero ao marido fiel – que proporciona ao leitor vivenciar as experiências mais diversas possíveis e com uma profundidade inigualável. A grande literatura possui a capacidade de propiciar uma imersão profunda por parte do leitor na realidade que descreve, semelhante ao que o melhor cinema ou os melhores jogos eletrônicos podem realizar.

Dentro da função de lazer está também o prazer estético e a transcendência que as obras canônicas proporcionam. Como afirma Harold Bloom (2001), os clássicos nos elevam e nos permitem transcender, por meio da beleza expressa em suas páginas, a nossa existência, naquilo que se configura como o único tipo de elevação terrena possível para o ser humano. Quem lê tais obras não apenas se entretém, mas alcança o sublime, um estado de felicidade proporcionado por uma compreensão maior do real ou pela experiência de uma emoção profunda.

Além disso, se as grandes obras são textos infinitos, que crescem a cada leitura e que a cada visita ganham significado diferente por parte do leitor, a diversão que uma grande obra pode proporcionar não se esgota na primeira leitura. O clássico não é descartável como é a maioria dos produtos destinados ao lazer e ao entretenimento. Dessa forma, a biblioteca, ao pôr os leitores em contato esses textos, está provendo-lhes uma diversão inesgotável, um encontro que provavelmente irá se repetir muitas vezes.

7.4 FUNÇÃO CULTURAL

A função cultural das bibliotecas públicas se faz presente no Manifesto da IFLA/UNESCO. No texto, pode-se notar a preocupação com um acervo que reflita

“[...] as tendências atuais e a evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade e o produto da sua imaginação.” (INTERNATIONAL..., 1994, *online*). Nesse enunciado é perceptível uma preocupação não somente com a produção científica, com as ciências humanas ou com outros tipos de saberes, descrita nos termos “tendências atuais e evolução da sociedade, bem como a memória da humanidade”, mas também com as produções artísticas do homem, como se pode notar na utilização da expressão “produto da sua imaginação”. Dentre as artes, está a literatura, e dentro da literatura, a sua forma máxima de expressão: os clássicos. Portanto, a biblioteca pública, de acordo com o Manifesto da IFLA/UNESCO, tem como obrigação divulgar obras literárias e, por extensão, as formas mais representativas dessa arte: os textos canônicos.

Dentre as missões da biblioteca pública elencadas pelo Manifesto que possuem relação com a função cultural, mais especificamente com a produção artística e a literatura, temos a número cinco, cujo enunciado traça, dentre outros, o seguinte objetivo: “Promover o conhecimento sobre a herança cultural, o apreço pelas artes e pelas realizações e inovações científicas.” (INTERNATIONAL..., 1994, *online*). Como dissemos anteriormente, citando inúmeros exemplos, os clássicos são textos que influenciaram decisivamente a cultura ocidental como um todo, e não somente as artes em geral. Dessa forma, é papel da biblioteca pública divulgar o cânone, pois, se não o fizer, estará dificultando o acesso de seu público à cultura produzida pelo homem, alijando-o daquilo que é um direito seu: conhecer o patrimônio literário e artístico construído pela humanidade ao longo dos séculos. Conhecendo esse patrimônio, o indivíduo não somente adquire a consciência histórica das realizações humanas, mas também compreende melhor a si mesmo e aos outros, pois na grande literatura há interpretações precisas de todos os aspectos da nossa existência.

Outrossim, em relação à língua, os clássicos podem contribuir para que a biblioteca cumpra a sua função cultural. Esses textos são considerados obras que melhor utilizaram os recursos das línguas nas quais foram compostos, e que ampliaram as possibilidades de expressão do idioma. Exemplificando, uma coleção de obras canônicas da literatura brasileira, por exemplo, nada mais é do que a parte significativa, em termos de qualidade, da produção escrita em língua portuguesa. Assim, dar acesso a esse patrimônio cultural é uma forma de permitir que a população entre em contato com textos formalmente belos e que podem contribuir

para que o indivíduo desenvolva uma melhor expressão escrita – conforme foi afirmado na seção relativa à função educativa.

Miranda (1978, p. 70), por sua vez, também elenca alguns itens culturais que devem ser divulgados por essa instituição, dentre eles se encontram

[...] os clássicos da língua, os autores modernos, os filósofos, os historiadores e técnicos das diversas especialidades, os poetas, os dramaturgos, os músicos e todos os demais criadores nacionais, assim como as traduções do que de melhor se produziu e continua a se produzir no exterior.

Os clássicos como monumentos culturais que são, promovem uma espécie de filtro intelectual imprescindível nos tempos modernos. Afinal, as sociedades mais poderosas e ricas dos dias de hoje não são somente aquelas que produzem tecnologia e possuem acesso aos mais variados tipos de informação. São, principalmente, os países cujos indivíduos sabem o que fazer com a abundância de fontes, que conseguem navegar entre elas e criar ligações pertinentes entre dados, à primeira vista, sem nenhuma relação entre si. Os clássicos aumentam a nossa capacidade de compreensão do mundo e nos forçam a refletir e a criar conexões entre coisas díspares, pois a natureza da arte literária é criar interpretações novas de assuntos conhecidos, estabelecendo relações entre fatores que até então eram considerados estranhos uns aos outros. Dessa forma, podem contribuir para que a nossa capacidade criativa e de interpretação do mundo aumentem.

A missão número sete do Manifesto da IFLA/UNESCO também pode ser relacionada aos clássicos. De acordo com o documento, uma das funções da biblioteca pública seria: “Fomentar o diálogo inter-cultural e a diversidade cultural.” (INTERNATIONAL..., 1994, *online*). Como dissemos anteriormente, os clássicos, sejam em prosa ou em poesia, permitem aos seus leitores vivenciar de forma mais intensa experiências diversas das nossas, as quais podem ser tanto relativas a diferentes grupos sociais, quanto a diversos lugares e épocas. A própria presença de clássicos de nacionalidades distintas no acervo já é uma forma de garantir a diversidade cultural. Porém, é necessário que o leitor viva essas diferenças e, para tanto, é preciso que a obra chegue até as suas mãos – ou seja, que os clássicos sejam alvo de divulgação por parte das bibliotecas públicas.

Outras duas missões da biblioteca pública expressas no Manifesto e que podem ser relacionadas com os clássicos são a missão de número três e quatro,

que estão redigidas da seguinte forma: “3. Assegurar a cada pessoa os meios para evoluir de forma criativa; 4. Estimular a imaginação e criatividade das crianças e dos jovens;” (INTERNATIONAL..., 1994, *online*). Ambas falam de criatividade, uma se referindo especificamente às crianças, enquanto a outra se refere ao crescimento pessoal do usuário. As duas podem ser relacionadas com o que mencionamos no parágrafo anterior, ou seja: que o cânone pode contribuir para ampliar culturalmente a visão de mundo do indivíduo, fator essencial para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação. Quanto mais possibilidades de situações diferentes vivenciarmos por meio da leitura, quanto mais culturas diversas e distintas visões de mundo conhecermos, mais fácil será pensar sobre determinado assunto. A criatividade é a posse de diferentes recursos que podem ser aplicados para responder à determinada situação de forma eficaz; portanto, quanto mais recursos possuímos, maior a nossa chance de reagir a determinadas demandas de uma forma original.

Pode-se dizer o mesmo da imaginação. Os clássicos infantis permitem às crianças uma primeira aproximação com lugares, seres e situações muito diferentes daquelas que estão acostumadas a presenciar no seu dia a dia. Animais falantes, fadas, bruxas, reinos encantados, casas assombradas, permeiam muitos dos textos clássicos infantis, ampliando as experiências e o horizonte das crianças. Dessa forma, o cânone contribui para o desenvolvimento da sua criatividade, pois permite que tenham contato com algo que foge do habitual, dando espaço ao diferente e ao novo.

Além disso, os clássicos, como obras de arte que são, possibilitam que o usuário possa usufruir do prazer estético que a obra proporciona. O sentimento de transcendência que experimentamos ao ler um desses textos nos revela uma verdade que ainda não tínhamos intuído sobre a condição humana, elaborado em uma linguagem particular e expressiva, nos transportando para além da nossa existência cotidiana. Semelhante à pintura, também um produto artístico e cultural, a grande literatura nos permite perceber aquilo que é comum e cotidiano de uma forma diferente, inusitada e poderosa, nos causando uma espécie de espanto, que é o que constitui a beleza estética. Ao vermos uma pintura de Vincent van Gogh, por exemplo, observamos objetos que nos são corriqueiros transfigurados pela mão do artista de um modo tão único que se tornam de alguma maneira estranhos, fazendo com que repensemos o já conhecido. Dessa forma, entrar em contato com qualquer

tipo de produção artística é uma forma de reconsiderar as nossas certezas e um estímulo ao intelecto, fatores essenciais para que possamos entender melhor as nossas experiências e assim levar a vida mais consciente.

Para divulgar a cultura e para trazer o usuário para o ambiente da unidade de informação, muitas bibliotecas passaram a realizar o que se convencionou chamar na literatura de ação cultural – notadamente as bibliotecas públicas.

A Fundação Biblioteca Nacional (2000, p. 100) conceitua a ação cultural da seguinte forma:

As atividades de ação cultural são serviços essenciais na biblioteca pública, pois possibilitam a participação, a troca e a interação entre os membros da comunidade. A biblioteca é, em muitas comunidades, a única instituição cultural, o que vem a dar destaque a sua ação como fator de estreitamento dos laços de comunidade na qual está inserida. Por outro lado, as atividades de ação cultural são de primordial importância para a promoção da leitura. Essas atividades possibilitam a divulgação e a familiarização com diferentes linguagens, formas de comunicação e promovem o exercício do diálogo e da expressão verbal. A ação cultural não tem limites de conteúdo, não tem fronteiras e nem é restrita a determinados espaços (pode acontecer dentro e fora da biblioteca). A ação cultural deve atingir, além da população leitora, aquela parcela da população que, embora não frequentando a biblioteca, deve ser considerada leitora em potencial. Deve abrir-se espaço para a troca de ideias, de informações, discussões sobre temas de interesse de grupos da comunidade. Podem ser de iniciativa da biblioteca, com a participação organizada de grupos comunitários.

Para a Fundação Biblioteca Nacional, a ação cultural não está ligada necessariamente à função cultural, podendo apresentar também atividades educativas, informativas e de lazer. Especificamente em relação à cultura, as ações recomendadas pela Fundação Biblioteca Nacional são as seguintes: “Conferências, debates, exposições (locais, itinerantes de outras entidades, retratando a herança cultural da comunidade), feiras culturais, maratonas culturais, mesas redondas, varal cultural.” (FUNDAÇÃO..., 2000, p. 101). Grande parte dessas atividades podem ser utilizadas para a divulgação dos clássicos. Porém, a grande maioria das ações que podem ser realmente úteis para aproximar o usuário desse tipo de obra e promover discussões sobre os textos se encontra no trecho em que a Fundação Biblioteca Nacional dedica às atividades de promoção da leitura. São elas:

Concursos de leitura de contos e histórias, críticas de livros, clube de leitura, curso de criatividade literária, dramatização de leitura (teatro), feira de livros, hora do conto, jogos literários, gincanas, lançamentos de livros, mural de poesia, visita de escritores. (FUNDAÇÃO..., 2000, p. 101).

Todas essas atividades podem ser utilizadas para a divulgação do cânone literário, porém é necessário que o bibliotecário saiba como executá-las de forma a chamar a atenção do usuário e engajá-lo na leitura e nas discussões das obras.

Já para Milanesi (2002), o conceito de ação cultural está relacionado a atividades que promovam a cultura e as artes, e que podem ser realizadas de forma profissional bem como de maneira amadora. Para o autor, as atividades culturais promovidas pela biblioteca devem estar sempre relacionadas aos itens presentes no acervo. Nas suas palavras, a ação cultural

[...] é vista como uma atividade relacionada à informação preexistente. Tendo como base a informação, ela é desenhada e implantada a partir da disponibilidade de acervos que estejam localizados em um local específico: uma biblioteca pública ou onde determinadas informações estejam disponíveis. Na presente concepção de ação cultural, por exemplo, não é possível desenvolver uma atividade no campo da poesia sem que existam textos poéticos, biografia de poetas e história da literatura. (MILANESI, 2002, p. 96).

Dessa forma, é dever da biblioteca pública possibilitar que o usuário conheça o patrimônio artístico e cultural da humanidade (e aqui estão inseridos os clássicos), pois somente conhecendo o passado é que o indivíduo poderá contribuir para o presente, não somente em relação à produção cultural ou intelectual, mas para qualquer atividade social (MILANESI, 2002).

Porém, sabe-se que o interesse do brasileiro pela leitura é mínimo. Assim, cabe ao bibliotecário, à escola e principalmente às entidades governamentais incentivarem o gosto pela leitura nos cidadãos. Nesse sentido, especialmente o bibliotecário não pode apenas atender aquilo que é pedido pela comunidade, pois muitos documentos e informações relevantes são desconhecidos da população. Milanesi (2002) atenta para o fato de que o profissional da informação que atua em bibliotecas públicas deve criar demandas e não apenas satisfazer as necessidades que o público expressa. Se o bibliotecário se pautar apenas pelas necessidades manifestas dos usuários, é provável que a produção artística em geral não faça parte das coleções e atividades da biblioteca, pois são poucos os indivíduos brasileiros que possuem interesse pela cultura erudita.

No caso da leitura dos clássicos, se a biblioteca esperar pela solicitação do público para divulgá-los, é provável que essa divulgação aconteça de forma aquém do necessário ou que não exista, pois a leitura é uma atividade considerada

desnecessária pela grande maioria dos brasileiros. Sobre esse assunto, Milanesi (2002, p. 75) comenta:

Existem duas possibilidades de posicionamento: um é o simples atendimento do desejo, e o outro é a criação do desejo necessário. A primeira possibilidade não questiona o desejo, apenas procura a sua concretização. A segunda permite fazer uma trajetória, indo de padrões mínimos de qualidade de vida e bem-estar para o desejo de tê-los. Isso poder ser percebido pela programação de filmes da biblioteca. Sabe-se o que as pessoas vão pedir, mas sabe-se que isso, também não acrescenta nada. Assim, quando se procura estabelecer o que o público precisa em termos de informação, ele deve ser ouvido, mas é preciso, também, que ouça.

Assim, é necessário que o bibliotecário tenha uma postura pró-ativa na divulgação dos clássicos da literatura, se utilizando da criatividade para atrair a comunidade para as atividades que envolvam essas obras. Se não o fizer, e esperar a demanda da população para tomar alguma medida referente à promoção desses textos, é muito provável que a grande maioria do público fique sem conhecê-los.

Outra questão muito discutida com relação à divulgação da cultura pelas bibliotecas públicas é a importância que foi dada, durante muito tempo, apenas para a “alta cultura”, em detrimento da cultura popular e do folclore dos povos. Para autores como Almeida Júnior (1997, p. 51), a biblioteca pública se empenhou em divulgar somente a “[...] verdadeira cultura: representada em manifestações artística como: a música clássica, a ópera, o ballet clássico, o cinema de autoria, a TV “educativa”, o jornal “sério” (em contrapartida à “imprensa marrom”), os clássicos da literatura e etc.”. Embora neste trabalho se esteja defendendo a “alta cultura” mencionada pelo autor, considera-se de suma importância também a divulgação das manifestações culturais representativas da comunidade e que os seus interesses literários, musicais e artísticos também sejam alvo das atividades da biblioteca. Uma coisa não inviabiliza a outra e podemos ter na unidade de informação tanto uma discussão sobre Machado de Assis quanto uma discussão sobre Cinquenta Tons de Cinza ou qualquer outro tipo de literatura. Estamos de acordo com Milanesi (2002): a vontade do público deve ser obedecida, sempre, e para isso é e necessário conhecê-lo; mas ele também deve estar disposto a ouvir aquilo que a biblioteca tem a oferecer. Obviamente é compreensível a postura de Almeida Júnior, tendo em vista que até hoje, em muitas unidades de informação, a cultura popular e a cultura de povos minoritários foi praticamente esquecida pelas ações culturais. Muitas

bibliotecas não se importaram em registrar ou guardar os registros já realizados dessas culturas, se preocupando apenas com a salvaguarda e divulgação do material bibliográfico tradicional. Porém, acredita-se que a biblioteca pública não deve ficar restrita à cultura popular e sim divulgar também o patrimônio artístico e cultural mais erudito, por assim dizer.

Assim, concordamos com Tsupal (1987, p. 163), quando afirma que a biblioteca pública “[...] não precisaria trabalhar somente fazendo concessões populistas, mas proporcionar meios para alargar os horizontes culturais do usuário, oferecendo aquilo que ainda é desconhecido do público.”. E complementa, afirmando que “A discussão sobre a cultura popular e cultura erudita terá que ser examinada sem favoritismos, evitando-se privilegiar este ou aquele nível.” (TSUPAL, 1987, p. 163).

Para que as ações culturais, sejam elas ligadas aos clássicos ou não, cumpram seu objetivo junto à comunidade, é necessário que deem espaço para o potencial criativo e crítico dos cidadãos. A cultura deve ser vista como algo que estimula a capacidade intelectual do indivíduo, que o leva a pensar e perceber o mundo a sua volta de uma forma diferente, e não como um objeto acabado, estático, pronto para ser absorvido passivamente e depois ser descartado. Nessa perspectiva, Milanese (2002, p. 99) aborda da seguinte maneira a biblioteca que promove ações culturais:

A biblioteca, nessa perspectiva, é o espaço aberto para que as pessoas possam encontrar informações, discuti-las e criar novas informações - um poema ou a resposta para uma ação coletiva. É no desenvolvimento dessas atividades - que a informação adquire um sentido, um lugar. E o que nunca foi percebido passa a ser vital; e o que era uma verdade, não mais se sustenta e esboroa. O conflito de informações, os componentes emocionais eventualmente ligados a elas alteram percepções e dão outros sentidos ao que parecia óbvio. Um filme pode levar a uma obra de sociologia e um texto de história pode despertar o interesse pela ópera ou uma peça de teatro motivar uma decisão da coletividade. Nesse panorama, a informação deixa de ser uma obrigatoriedade dos rituais da vida estudantil e passa a ser uma alavanca para mover o indivíduo e seu mundo.

Assim, tão importante quanto divulgar os clássicos da literatura no espaço físico da biblioteca pública, ou nos ambientes virtuais da instituição, é a criação de ações culturais que envolvam a participação do público e que criem a oportunidade de os indivíduos expressarem a sua visão sobre o que leram.

Por fim, seja a atividade proposta relacionada ou não aos clássicos da literatura, e seja o seu propósito apoiar a educação, promover o lazer, a cultura ou prover o acesso à informação, é fundamental que haja o espaço para que o usuário deixe a sua opinião sobre qualquer ação desenvolvida pela biblioteca pública. Só dessa forma a unidade de informação poderá se aprimorar, servir cada vez melhor o seu público e cumprir com êxito as quatro funções.

8 METODOLOGIA

Nesta seção descrevermos o tipo de estudo realizado, os instrumentos e procedimentos para a coleta de dados e, por fim, a forma como os dados foram analisados.

8.1 TIPO DE ESTUDO

A pesquisa realizada foi qualitativa, pois seu objetivo era entender como os clássicos estão sendo trabalhados nas bibliotecas públicas de Porto Alegre, se é que estão, bem como compreender o motivo de estarem recebendo a atenção que lhes é dispensada. A pesquisa qualitativa, de acordo com Fonseca (2002), não possui resultados quantificáveis, que podem ser expressos em números; segundo Silveira e Córdova (2009), tem como objetivo explicar o porquê de determinados fenômenos.

Também se buscou conhecer como os bibliotecários dessas instituições se relacionam com tais obras: o que consideram um clássico; se leem literatura, e por extensão, as obras canônicas, e com que frequência; qual o clássico que mais os marcou e por quê; e se acham que essa experiência pode ser repetida por outros leitores. Dessa maneira, foi possível traçar um paralelo entre as ações da biblioteca e o ponto de vista pessoal do bibliotecário a respeito das grandes obras literárias.

Com relação ao seu objetivo, a pesquisa foi exploratória, pois nenhum estudo sobre o tema foi encontrado nas bases de dados pesquisadas, conforme mencionado na justificativa, e se desconhecia o tratamento dispensado ao cânone nas bibliotecas públicas da região. Dessa forma, a pesquisa se enquadrava naquilo que Gil (2002, p. 41) descreve como os objetivos da pesquisa exploratória, que busca “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.”.

Com base nos procedimentos técnicos utilizados, a pesquisa foi um estudo de caso. Nas palavras de Fonseca (2002, p. 33):

Um estudo de caso pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa, ou uma unidade social. Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.

A entidade bem definida, neste caso, são as bibliotecas públicas localizadas em Porto Alegre; o como e o porquê que se buscou pesquisar foi a forma de tratamento que as grandes obras literárias recebem em tais unidades de informação.

8.2 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os métodos de coletas de dados foram dois: entrevista e observação. De acordo com Marconi e Lakatos (2008, p. 197) a entrevista é “[...] um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto.”. A escolha da entrevista foi devida a sua flexibilidade, pois permitiria que o entrevistador explicasse com detalhes algum termo ou conceito que não fosse compreendido pelo entrevistado.

O tipo de entrevista utilizado foi a entrevista padronizada ou estruturada, definida por Marconi e Lakatos (2008, p. 199) como “[...] aquela em que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são pré-determinadas”. A entrevista deveria ser realizada, a princípio, com o bibliotecário-chefe das instituições selecionadas; porém, na metade das unidades de informação sequer havia bibliotecário. Em função disso, a entrevista foi realizada com o responsável pela biblioteca, independentemente da sua formação profissional, já que, nessas instituições, esses profissionais de formação variada são os encarregados de administrá-las.

O roteiro para a entrevista continha questões relativas aos seguintes tópicos: existência ou não de atividades desenvolvidas pela biblioteca em relação aos clássicos; o porquê de serem ou não serem realizadas essas atividades; em caso de resposta positiva, qual a frequência de realização dessas ações e qual o retorno do público percebido pela biblioteca (se há instrumentos para registrar as opiniões dos usuários, qual a média das opiniões, etc.). Também se indagou, conforme dissemos anteriormente, a relação do responsável pelas bibliotecas com os textos clássicos.

O roteiro para a entrevista se encontra no Apêndice A. A seguir, apresentamos um quadro relacionando os objetivos específicos do trabalho com as questões presentes neste instrumento de coleta de dados:

QUADRO 1 – Relação entre os objetivos específicos e as questões da entrevista

OBJETIVO ESPECÍFICO	QUESTÃO
A	4, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13
C	5, 7, 14
D	1,2,3

Fonte: do autor, 2015.

Como a noção de clássico utilizada neste trabalho é distinta da noção comumente utilizada, que normalmente pensa o clássico como uma obra literária de grande valor, mas que pertence ao passado, foi entregue uma lista com obras consideradas clássicas para os responsáveis pelas instituições. Tal lista se encontra no Apêndice E, e não teve a pretensão de exaustividade, mas sim de estabelecer, por meio de exemplos, um solo comum, uma identidade de conceitos sobre o que é uma obra canônica entre o entrevistador e o entrevistado.

Optamos por entregar a lista após a primeira pergunta, pois, como a questão pede que o entrevistado forneça a sua própria definição de grandes obras, consideramos que os textos enumerados poderiam influenciar a resposta. Contudo, caso não a entregássemos ao responsável pela biblioteca, as próximas perguntas poderiam ter sido respondidas de forma que divergissem do conceito de cânone elaborado no referencial teórico – o entrevistado supondo que a instituição não realiza nenhuma ação por não considerar clássicos os textos da segunda metade do Século XX, por exemplo.

Por fim, foi necessário que os entrevistados assinassem o Termo de Consentimento, aceitando, assim, participarem da entrevista e permitindo que a observação fosse realizada na biblioteca. O Termo se encontra no Apêndice D.

O segundo método de coleta de dados foi a observação. Segundo Marconi e Lakatos (2008, p. 192), a observação “[...] é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade.”. Tal técnica foi utilizada para complementar as informações recolhidas nas entrevistas, verificando como se dá a divulgação do cânone no espaço físico e no ambiente virtual das bibliotecas.

No espaço físico foi realizada uma observação sistemática. Segundo Marconi e Lakatos (2008) esse tipo de observação se utiliza de instrumentos para a coleta de dados. Assim, se utilizou um roteiro escrito no qual constavam todos os itens que deveriam ser verificados, presentes no Apêndice B. A observação foi não-participante (o pesquisador foi um espectador e não tomou contato com o que desejava investigar) e individual (realizada por apenas um pesquisador e não em grupo) (MARCONI; LAKATOS, 2008). Foram verificados os murais das bibliotecas, os sinalizadores, estantes, os expositores, dentre outros itens. A observação foi feita no dia em que as bibliotecas foram visitadas para a realização da entrevista.

Também foi realizada uma observação dos ambientes virtuais das bibliotecas. Para isso foram verificados o *site* oficial das mesmas, seus *blogs*, a rede social *Twitter* e a rede social *Facebook* (as duas redes sociais mais populares atualmente) que foram recuperados por meio do buscador Google. Esta observação foi também sistemática (com instrumento de coleta de dados), não-participante e individual. Durante o período de um mês (julho) verificou-se diariamente a existência de qualquer menção aos clássicos nos perfis das redes sociais mencionadas e também no *site* oficial e *blogs* das instituições, por meio de um roteiro para a observação. Esse instrumento encontra-se no Apêndice C.

8.3 SUJEITOS DO ESTUDO

A escolha das bibliotecas públicas localizadas apenas em Porto Alegre foi devido à natureza dos métodos escolhidos para a coleta dos dados. Como tanto as entrevistas como as observações tiveram de ser realizadas presencialmente, a pesquisa ficou restrita ao local de residência do pesquisador pela praticidade. Seria inviável a realização em outras cidades, pois não haveria recursos financeiros, tempo e pessoal para a empreitada.

Dessa forma, a pesquisa inicialmente seria realizada nas bibliotecas públicas localizadas em Porto Alegre que constam na lista²¹ disponibilizada pelo Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Rio Grande do Sul. São elas: Biblioteca Municipal Josué Guimarães; Biblioteca Pública Estadual Romano Reif; Biblioteca

²¹ A lista se encontra disponível no blog do Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Rio Grande do Sul e pode ser acessada no seguinte link: <http://sebprs.blogspot.com.br/p/lista-de-bibliotecas-dors.html>.

Pública Estadual do Vida Centro Humanístico; Biblioteca Pública Estadual Lucília Minssen; Biblioteca Ecológica Infantil Maria Dinorah; Biblioteca Pública Estadual Leopoldo Bernardo Boeck; Biblioteca Pública do Estado; Biblioteca Pública Est. Lígia Beatriz Meurer; Biblioteca Érico Verissimo.

Foram excluídas da pesquisa as bibliotecas presentes na lista que não se enquadravam na definição de bibliotecas pública proposta nesse trabalho – bibliotecas comunitárias e outras que não são mantidas pelo governo.

Embora a ideia inicial fosse realizar entrevistas e observações em nove bibliotecas públicas localizadas em Porto Alegre, infelizmente só oito puderam ser analisadas. Uma instituição não respondeu ao contato realizado por telefone (em três oportunidades distintas) tampouco retornou os dois *e-mails* que lhe foram enviados. Em virtude da ausência de respostas, buscamos, então, visitar a instituição em busca de algum responsável que pudesse conceder a entrevista e para observarmos o seu espaço físico. Contudo, isso também não foi possível, pois a unidade de informação se encontrava fechada nos dois dias em que a visitamos. Por fim, procurou-se, por meio do buscador *Google*, encontrar os ambientes virtuais dessa biblioteca; porém, nenhuma informação foi recuperada.

8.4 ANÁLISE DOS DADOS

Após a coleta dos dados, realizou-se a análise dos mesmos de forma detalhada e descritiva por escrito, sem a presença de gráficos ou tabelas, já que a pesquisa não tem características quantitativas.

Para diferenciarmos uma biblioteca da outra e para especificar suas informações para a análise, sem, contudo, identificá-las, e assim manter o sigilo do entrevistado e da unidade de informação, atribuímos nomes genéricos para os entrevistados e para as bibliotecas. Esses nomes foram compostos pela palavra Responsável no caso das entrevistas, ou pela palavra Biblioteca, no caso das observações espaço físico e dos ambientes virtuais, somadas às primeiras oito letras do alfabeto – correspondendo, assim, às oito bibliotecas analisadas e aos oito profissionais entrevistados. Obviamente mantemos a correspondência entre a letra atribuída ao profissional e a letra atribuída a biblioteca. Portanto, o Responsável A será aquele que trabalha na Biblioteca A, e tudo que conter a letra A, conseqüentemente, se referirá a mesma unidade de informação.

9 ANÁLISE DOS DADOS

Com relação à primeira pergunta, que pedia que o bibliotecário fornecesse o seu conceito do que considerava um clássico da literatura e citasse exemplos dessas obras, foi constatado que praticamente todos os entrevistados consideraram o clássico como aquele texto literário que ultrapassa a época em que foi escrito; a obra que permite que cada releitura acrescente uma camada de significado à leitura anterior, conforme afirma Calvino (1993). Alguns comentários dos entrevistados podem ser citados como exemplo do que comentamos. Um deles afirmou que o clássico é

Uma obra, posso dizer, que não envelhece, que é sempre atual e tem sempre muitos leitores. E aqueles que leem, quase sempre acabam gostando. Um bom exemplo de clássico é o Diário de Anne Frank. Acho que é uma obra que sempre vai ser lida e relida pelas pessoas de qualquer parte, de qualquer época. (RESPONSÁVEL G, 2015).

Corroborando essa afirmação, o Responsável H (2015) definiu as grandes obras da seguinte forma: “São as obras de autores consagrados, as melhores obras de toda a literatura, aquelas que o pessoal sempre volta a ler, independente da época em que foram escritas.”. O Responsável D (2015) respondeu algo similar: “Ah, os clássicos são obras que continuam válidas, aquelas que o pessoal continua lendo até hoje, mesmo tendo sido escritos há muito tempo atrás.”.

Outra definição do cânone constante nas respostas foi relativa ao clássico como uma forma de análise do seu tempo; como a obra que ao mesmo em que retrata uma época, também a analisa e dá a possibilidade de que o leitor vivencie determinado momento histórico com uma riqueza de detalhes e com uma intensidade que não pode ser alcançada por outro tipo de leitura – como as biografias, os textos sociológicos, ou os textos historiográficos. Pode-se observar a presença desse conceito de clássico nas palavras de um dos responsáveis pelas bibliotecas, que afirmou o seguinte:

Bom, acho que dá para dizer que o Tempo e o Vento é um clássico, né. Mostra toda a nossa história, a colonização, as guerras. Descreve muito bem a nossa terra, com uma riqueza de detalhes que impressiona. E é muito melhor do que ler um livro de história, tu te diverte mais acompanhando o que está sendo contado. (RESPONSÁVEL B, 2015).

Outro entrevistado também ressaltou este caráter específico dos clássicos em sua resposta: “Clássico é o texto que retrata uma época com uma riqueza de detalhes que faz tu viver aquela época, a história fica muito mais clara.” (RESPONSÁVEL A, 2015). Para finalizar, houve mais uma das respostas abordando esse aspecto do cânone. Embora não tenha sido tão complexa quanto as duas anteriores, também ressaltou o caráter histórico dos clássicos como textos que retratam uma época.

Os clássicos como obras literárias que devem proporcionar prazer ao leitor foi outra das definições presentes no nosso referencial teórico citada nas respostas dos entrevistados. Um deles mencionou que o clássico “Também é a obra que prende o leitor, aquele tipo de livro que se quer saber sempre mais sobre a história, sobre o enredo.” (RESPONSÁVEL C, 2015). Outro entrevistado afirmou também o caráter de entretenimento sério desse tipo de leitura, quando afirmou que as grandes obras “têm que ser uma leitura prazerosa, claro.” (RESPONSÁVEL A, 2015). Essa opinião também foi compartilhada pelo Responsável G (2015), quando declarou que o cânone literário são as obras que “[...] aqueles que leem, quase sempre acabam gostando.”.

É importante notar que, embora essa definição sozinha possa ser aplicada a livros detetivescos ou de aventura de baixa qualidade, revela-se estritamente ligada ao cânone quando alinhada com as outras definições citadas pelos mesmos entrevistados nas suas respostas à primeira questão (clássico como texto infinito, que proporciona ao leitor ter a experiência de determinado momento histórico). Embora o prazer mencionado pelos entrevistados não seja o prazer estético transcendente que menciona Bloom (2001), não deixa de ser digno de nota que os clássicos não são vistos como uma leitura tediosa, como textos velhos e soníferos, mas sim como obras que devem divertir o leitor ao mesmo tempo em que lhe proporcionam instrução.

A afirmação de Sainte-Beuve (2001) de que um clássico é um texto literário que nos enriquece a mente e que, devido à sua profundidade, se tornou uma contribuição substancial para a forma de entendermos nossas percepções e sentimentos, reside no fato de que, embora existam civilizações com hábitos distintos, há algo em comum a todos os seres da nossa espécie com relação a sentimentos, sensações e ideias.

Esse conceito de clássico como texto que permite entender melhor o ser humano e por isso se torna uma referência cultural eterna, embora presente em um menor número de respostas, também foi mencionado por alguns entrevistados, ainda que não de maneira bem desenvolvida. Um deles definiu esse tipo de obra como aquela que “[...] tem valores universais, que fala de coisas comuns a todos nós como o amor, a amizade.” (RESPONSÁVEL C, 2015). Quase parafraseando a frase anterior, um dos responsáveis afirmou que tais obras são importantes, pois “É alguma coisa nela que bate no universal do ser humano” (RESPONSÁVEL F, 2015). O Responsável E (2015) nos dá a resposta mais próxima dessa definição, embora não a justifique: “Autores que têm uma mensagem muito forte e que passou através dos tempos. Acho que são autores que contribuíram para o desenvolvimento da história e da cultura do homem.”.

Os demais conceitos de clássicos descritos no referencial teórico não foram contemplados pelos entrevistados. Dentre eles, podemos citar os clássicos como textos que moldam a sua língua; como textos que influenciam outros livros e também a cultura; como textos que aliviam a solidão; que proporcionam uma abertura da nossa alma e que podem orientar o nosso espírito.

Como se pode perceber, a visão dos responsáveis pelas bibliotecas sobre o potencial dos grandes textos é limitada e poderia ser consideravelmente ampliada. Essa compreensão é incompleta, por falta de uma maior elaboração e justificativa nas definições (como foi possível perceber nas respostas que mencionaram o prazer dos grandes textos e o potencial deles de fazer com que entendamos melhor o ser humano), e também parcial, por deixar de fora várias definições importantes, citadas no parágrafo acima.

Os conceitos de clássico citados no referencial teórico deste trabalho foram retirados da crítica e da teoria literária – e, por isso, estão ao alcance de todos. É preciso, contudo, buscar conhecê-los, e, sobretudo, ler o maior número possível de clássicos para que essas definições realmente façam sentido, e não sejam apenas uma abstração.

Para isso é necessário que os profissionais que trabalham em bibliotecas públicas sejam alvo de uma formação que envolva, ainda que superficialmente, a crítica e a teoria da literatura e, principalmente, a leitura e discussão de textos clássicos. Essa formação deve ser providenciada pelos cursos de Biblioteconomia, seja o técnico ou a graduação, e também pelo Estado, que pode propor cursos,

seminários e palestras que versem sobre teoria, crítica literária e sobre o cânone – já que as bibliotecas e os profissionais que nelas atuam estão sob sua responsabilidade. Mas, obviamente, não deve ficar tudo a cargo do Estado ou das instituições de ensino. É dever do próprio profissional que trabalha nessas instituições buscar um conhecimento maior de literatura.

Por fim, com relação aos cursos de Biblioteconomia, acreditamos que, acima de tudo, é preciso uma interface maior entre a nossa área e a de Letras, já que a relação entre as duas se perdeu consideravelmente à medida que a formação dos bibliotecários foi direcionando cada vez mais a sua atenção aos aspectos gerenciais e técnicos da profissão e deixando de lado o seu viés cultural. A atuação do bibliotecário em bibliotecas escolares e públicas, espaços onde uma das principais funções desse profissional é a promoção da leitura, não deixa dúvidas quanto à necessidade de uma formação interdisciplinar.

Quando foi pedido que citassem exemplos de obras clássicas, grande parte dos entrevistados citou autores brasileiros, principalmente Machado de Assis e Érico Veríssimo. Podemos intuir que isso se deve principalmente ao fato de que o ensino nas escolas brasileiras privilegia o estudo de autores brasileiros e, no Rio Grande de Sul, se dá atenção especial ao estudo dos clássicos gaúchos. Os campeões de citações são autores muito trabalhados nas disciplinas escolares de literatura, o que não é de se estranhar: grande parte do conceito do que é considerado um grande texto é aquilo que é digno de atenção das instituições que determinam o que deve ser ensinado em termos de conhecimento literário.

Isso nos mostra que se ensina muito pouco da literatura de outros países nas escolas brasileiras, e que muitos dos responsáveis pelas bibliotecas só leem, ou consideram clássicos, aquilo que é alvo do ensino escolar, ou seja, não buscam por si mesmos se informar de grandes obras que possam atraí-los.

Quando questionados se tinha o hábito de ler literatura, grande parte dos entrevistados disse que sim, embora muitos afirmaram que não leem tanto quanto gostariam devido à falta de tempo. Dois deles relataram que leem muito devido às atividades realizadas pela biblioteca.

Perguntados sobre os autores favoritos, grande parte revelou gostar de livros policiais e declarou não ler os clássicos mais antigos, dando preferência aos clássicos contemporâneos e à literatura atual. É de se questionar o porquê de apenas o que é novo ser lido. Uma razão pode ser o fato dos profissionais

considerarem a linguagem dos clássicos antigos distante da língua vigente, o que acaba por ser um entrave, uma barreira que, pensam, a literatura hodierna não possui.

Como naturalmente haverá um trabalho do leitor para vencer essa linguagem, e como os profissionais relataram não possuírem tempo, é natural que prefiram ler um romance policial do que uma literatura que consideram mais pesada em termos formais, que exige mais do leitor devido ao seu anacronismo linguístico.

Essa ideia revela-se muito problemática. Primeiro porque há textos atuais que são extremamente complicados; segundo, um livro pode ter sido escrito no passado, mas pode ser fácil de ler – sendo atual em termos linguísticos. Mas por que muitos pensam equivocadamente? Em parte, pode-se culpar a educação brasileira, que talvez não prepare o leitor para enfrentar tais textos de maneira adequada, mostrando que muitos deles, por exemplo, embora sejam de séculos atrás, utilizam a linguagem de maneira extremamente criativa e original, e por isso são obras linguisticamente contemporâneas.

O esforço de desmistificação da literatura do século XIX deveria ser constante em nossas instituições de ensino. Por outro lado, muitas pessoas não arriscaram por si mesmas a leitura de obras antigas, não buscaram vencer o preconceito que possuem em relação a esses textos. Por terem sido obrigadas, na adolescência, pela escola, a lerem obras formalmente pesadas – como *Iracema*, por exemplo – e pelo fato dessa experiência ter sido, para muitos, traumática, nunca mais se aproximaram de qualquer texto do século XIX, nem sequer tentaram. Ao rotular alguns clássicos como difíceis, esses indivíduos deixam de aproveitar tudo aquilo que um grande texto pode lhes proporcionar.

Porém, é inegável que há grandes obras que são realmente difíceis. Mas, como nos lembra Bloom (2001), esse sofrimento é extremamente prazeroso. O clássico é um clássico por que nos dá muito mais do que nos exige. Fica claro observando o nosso referencial teórico que a recompensa que a grande literatura pode fornecer deveria colocá-la como prioridade na vida das pessoas. Porém, não foi isso que percebemos quando os responsáveis pelas bibliotecas alegaram falta de tempo para a sua leitura. Novamente, afirmamos que esse profissional precisa buscar por si próprio o conhecimento dos clássicos e de suas potencialidades junto aos leitores – tarefa em que deve ser auxiliado pelas instituições de ensino e pelos órgãos que mantêm as bibliotecas públicas.

Na pergunta número três, que indagava se algum clássico tinha marcado a experiência de leitor dos entrevistados, a resposta foi positiva por parte de todos. Também todos responderam positivamente para a questão seguinte, que indagava se eles consideravam que aquela experiência poderia ser repetida por outros leitores. A pergunta é particularmente importante, pois, se o profissional que gerencia a biblioteca acredita que a leitura que realizou de um clássico possa ser significativa para outras pessoas, é natural que isso seja uma motivação para divulgar essas obras. Um dos entrevistados inclusive tratou desse assunto no final de sua resposta, como podemos acompanhar abaixo:

O clássico que mais me marcou foi o Cem Anos de Solidão. Acho que por causa da repetição das histórias. É uma obra que fala sobre o destino, né. E os personagens, né, são todos muito marcantes e muito divertidos. Acho também que é uma experiência que todos podem ter, de compreender o que é o destino e de conviver com personagens tão interessantes, por isso acho importante realizar essas atividades de divulgação das obras. (RESPONSÁVEL G, 2015).

Um outro exemplo das respostas que consideram que uma experiência qualitativa de leitura com relação a um clássico pode ser repetida por outros leitores tratou da obra Dom Quixote, e elabora com muita precisão o potencial e a necessidade de se ler tais obras. Segundo o Responsável F (2015) a obra de Miguel de Cervantes

[...] é um dos maiores livros do mundo, né. Acho que é o texto que é a definição de clássico, fala da essência do ser humano, de algo universal, das dores e das alegrias pelas quais passamos. O Dom Quixote são todos os sentimentos e situações da vida em um único livro. Eu tenho uma proposta também de ler todos os clássicos que não li, e de reler aqueles que já li e que gostei ou sei que são muito bons. Tem sempre uma pilha de livros para ler, né. Dostoiévski, por exemplo, eu gostaria de reler. Claro que todos podem ter essa experiência. A prova disso é que os clássicos estão aí sendo lidos por gente diferente no mundo inteiro. Muitas pessoas sentem e vão sentir o que senti lendo o Dom Quixote. Até porque é isso que faz do livro um clássico, a capacidade de ser uma leitura de qualidade para todos

A pergunta número 4 indagava se a biblioteca realizava alguma ação para divulgar os clássicos da literatura. Apesar do fato de algum desses textos terem marcado os bibliotecários como leitores, e de acreditarem que essa experiência possa ser repetida, apenas quatro das oito bibliotecas realizam alguma ação. Muitas dessas ações ou não envolvem os clássicos (mas envolvem literatura) ou não envolvem tão somente os clássicos. Como exemplo do que acabamos de relatar,

podemos citar o depoimento de uma bibliotecária, que indagada sobre os eventos que a biblioteca realiza, nos respondeu o seguinte:

Faz menos do que deveria. Nos últimos dois anos teve um sarau de poesia, que um poeta da Academia Gaúcha dos Poetas de Cordel realizou aqui. Não é exatamente sobre clássicos, né, mas é sobre literatura. Daí se lê poesias em geral, ele conhece alguns poetas que são amigos dele, e daí esses poetas vêm recitar também, e o público também participa recitando poemas. Mas foi só essa atividade mesmo. (RESPONSÁVEL E, 2015).

Mas por que as bibliotecas não estão realizando essas atividades? A pergunta número 5 indagava quais os motivos para não realizar essas ações. Uma das respostas é muito elucidativa e os vários motivos ali elencados foram repetidos pelos outros entrevistados:

Falta tudo na verdade. Falta pessoal, somos só nós dois aqui, eu e a minha colega. Falta espaço físico, como te falei, e falta pessoal capacitado também para realizar essas ações. Não somos bibliotecários, e nem somos de letras, não temos formação para realizar essas tarefas. Antigamente tinha mais profissionais, tinha estagiário de biblioteconomia aqui, tinha técnico em biblioteconomia, daí o pessoal fazia hora do conto com as escolas próximas, a escola São Pedro vinha aqui e o pessoal fazia hora do conto com eles. Tinha outras escolas estaduais próximas que vinham, algumas creches. Essas ações não envolviam bem os clássicos, vamos dizer, mas envolvia literatura, textos para crianças. Até creches da região eram alvo de alguma hora do conto. Antigamente tínhamos umas 10 pessoas trabalhando na biblioteca, mas com o tempo o pessoal foi saindo e o governo não repôs. Não tem investimento nenhum na biblioteca, o governo não nos dá um centavo, só paga o nosso salário. Daí perdemos pessoal, perdemos espaço, e aquelas poucas ações que o pessoal de biblioteconomia, principalmente os técnicos em biblioteconomia, realizava com os colégios, pararam de existir. O governo de uns 15 anos pra cá não quer mais gastar com esse tipo de coisa. E mesmo que tivéssemos pessoal, onde iríamos realizar esse tipo de coisa? A biblioteca está atulhada, não cabem mais de 10 pessoas aqui dentro. (RESPONSÁVEL B, 2015).

A primeira justificativa é que não há funcionários suficientes para a realização de ações culturais. Inclusive muitos se queixaram de não conseguirem executar as tarefas mais rotineiras, como o registro dos documentos, devido à falta de pessoal. Em uma biblioteca visitada, por exemplo, só havia um funcionário que cuidava do atendimento, guarda, processamento e gestão da unidade. Esse funcionário – que não era bibliotecário, o que só piora a situação – se queixou de não conseguir realizar nenhuma tarefa adequadamente ou como desejaria por ter muitas atividades às quais se dedicar.

O depoimento do responsável por outra biblioteca também apresenta essa queixa relativa à falta de recursos humanos: “Não promovemos, por que não tem funcionário, somos só nos duas aqui, eu e a outra moça. Como tu viu, várias vezes tive que te deixar aqui e ir atender o pessoal.” (RESPONSÁVEL A, 2015).

Outro motivo citado foi a falta de capacitação para a realização desses eventos – o que é compreensível, tendo em vista que exatamente nas quatro bibliotecas onde falta bibliotecário é que não são realizadas ações culturais. Embora conforme relatamos, os cursos de Biblioteconomia (seja o técnico ou a graduação) sejam precários em termos humanísticos, ainda assim fornecem o mínimo necessário para que os seus alunos saibam, por exemplo, da necessidade de ações culturais em uma biblioteca pública.

O ponto em que todos parecem concordar é a responsabilidade do Governo do Estado do Rio Grande do Sul por ter diminuído os recursos empregados em cultura e, principalmente nas bibliotecas, já que ele é o responsável por sete das oito bibliotecas analisadas. Um dos responsáveis deixa bem claro a participação do Governo no sucateamento dessas instituições:

Não temos funcionários e nem somos capacitados, como te disse. Antes tinha estagiário aqui, por exemplo, mas o governo aos poucos foi cortando gastos até chegar ao estado que nos encontramos agora, de total falta de recursos. O café para os funcionários quem paga é a gente mesmo. Não temos dinheiro até mesmo para comprar uma fita durex. Tínhamos que ter recursos para contratar palestrantes também, mas não temos para nada. (RESPONSÁVEL D, 2015).

O Governo, como se pode perceber, não apenas não investe nas bibliotecas, o que por si só é gravíssimo, mas também não repõe funcionários que por alguma razão deixaram as mesmas. Além disso, não se preocupa com a qualificação dos funcionários que trabalham nessas unidades de informação, o que revela um quadro desolador, cuja regra é o descaso com instituições culturais indispensáveis.

As entrevistas também mostraram que muitas bibliotecas tiveram seu espaço físico reduzido e que seu acervo é composto basicamente por doações. Muitas delas antes possuíam bibliotecário ou tinham um número maior de funcionários – dentre eles, estagiários do curso técnico, da graduação em Biblioteconomia, até mesmo profissionais oriundos dos cursos de Letras.

Conforme nos foi relatado, a presença desses profissionais resultava em um maior número de atividades culturais, principalmente as chamadas horas do conto,

que poderiam ou não envolver clássicos da literatura infantil, mas que não eram exclusivamente devotadas a eles. Obviamente não era o cenário ideal; porém, o fato das bibliotecas possuírem um número maior de funcionários, e alguns deles com alguma relação com Biblioteconomia ou com a área de Letras, garantia a realização de algumas atividades de promoção da leitura, mesmo que fossem em menor número que o desejado.

Tal situação não dá sinais de nenhuma melhora, tendo em vista a crise financeira que assola o Rio Grande do Sul, e que está causando até o parcelamento de salários de alguns funcionários do executivo. Se antes os investimentos em bibliotecas públicas eram insignificantes por parte do Estado, agora serão nulos.

Outro dado negativo que constatamos nas respostas à pergunta quatro é o fato de que a única biblioteca especializada em arte e literatura (a Biblioteca G) realiza apenas uma atividade cultural. O agravante é que essa atividade não é exclusivamente dedicada aos clássicos e não foi proposta pela unidade de informação, mas sim por um poeta que propôs a utilização do espaço da biblioteca para um sarau de poesias.

A bibliotecária entrevistada afirmou que faltam recursos, espaço e pessoal, da mesma forma que os outros entrevistados; contudo, acreditamos que uma biblioteca especializada em literatura deveria fazer mais, especialmente em relação ao cânone. Um clube de leitura não poderia ser realizado, já que é uma atividade simples e que não depende de profissionais remunerados para sua efetivação? Não se poderia convidar nenhum escritor para conversar com o público sobre o seu clássico favorito, explicando a ele a impossibilidade de cachê por se tratar de uma biblioteca que não possui recursos?

Obviamente as bibliotecas que não divulgam os clássicos por meio de atividades também podem ser cobradas de maneira parecida. Mesmo com poucos recursos e funcionários, será que não seria possível realizar um clube de leitura, ou algum tipo de atividade que envolvesse os clássicos e a comunidade? Não há ninguém disposto a dar uma palestra gratuita sobre qualquer clássico da literatura? Não se poderia convidar o professor de uma escola pública próxima para dar uma aula sobre os clássicos para uma de suas turmas dentro do espaço físico da biblioteca e convidar o público em geral para assisti-la?

Um atenuante é o fato de tais bibliotecas não possuírem bibliotecário ou alguém com alguma formação semelhante, um técnico em Biblioteconomia, por

exemplo, o que dificulta ainda mais a proposição de qualquer tipo de ações culturais, conforme comentamos. A Biblioteca G, porém, possui bibliotecário e também tinha um número maior de funcionários do que aquelas que só possuíam uma ou duas pessoas para a realização de todas as suas atividades – o que é, sem dúvida, um agravante da sua atuação insuficiente como biblioteca especializada em literatura.

Se o maior culpado dessa situação precária é, de fato, o Governo do Estado do Rio Grande do Sul e a sua falta de visão cultural, que não é de hoje, não se pode esquecer que os responsáveis por essas bibliotecas também têm a sua parcela de culpa, ainda que seja mínima.

Estando à frente de uma biblioteca pública é seu papel estar a par do potencial dos clássicos, bem como conhecer uma boa parcela dessas obras, lendo-as sempre que possível. Tudo isso se mostra longe da realidade, como podemos perceber nas respostas dadas às duas primeiras perguntas. Embora o Estado, os cursos técnicos em Biblioteconomia, a graduação em Biblioteconomia, e a Associação dos Bibliotecários possam promover algum tipo de formação, como cursos de extensão que atinjam também os responsáveis por essas bibliotecas que não sejam bibliotecários, em última instância é papel do próprio profissional buscar a formação necessária para atuar no cargo em que se encontra.

Todo esse quadro doloroso de falta de investimentos, que deságua na falta de espaço, pessoal e recursos financeiros para a realização das ações culturais, e também na falta de iniciativa dos profissionais, nos mostra porque a pergunta número seis, que inquiria se há planos para implementar alguma ação, foi respondida negativamente pelas bibliotecas que não fazem nenhum tipo de atividade.

Curiosamente, a biblioteca especializada em literatura não tem nenhum plano, o que mostra que ela apenas realizará alguma ação se for uma proposta externa. Porém, nem tudo é trágico. Uma das bibliotecas que mais realiza ações culturais, embora poucas envolvam diretamente os clássicos, tem um projeto de realizar um clube de leitura para os funcionários.

Nas palavras da entrevistada essa atividade será realizada com o objetivo de “[...] que o pessoal possa orientar melhor os usuários, por que aqui sai muita literatura nos nossos empréstimos, e grande parte dos eventos tem relação com literatura também.” (RESPONSÁVEL G, 2015). Essa interessantíssima medida depende em grande parte de certa quantidade de funcionários para ser posta em

prática, e mostra a criatividade dessa biblioteca, que pensa não somente em prover ações diretamente aos usuários, mas também para o seu pessoal, como o objetivo de qualificá-lo, medida que irá possibilitar um melhor atendimento à sua comunidade.

Já comentamos que a Biblioteca E realiza uma atividade envolvendo os clássicos, embora não seja destinada exclusivamente a eles. No que diz respeito às outras três bibliotecas que possuem bibliotecário e que realizam mais de uma atividade (Biblioteca F, Biblioteca G e Biblioteca H), a primeira que analisaremos detidamente é a Biblioteca F, uma biblioteca infantil que inclui em sua programação algumas atividades dirigidas especificamente aos clássicos infantis. Nas palavras da bibliotecária, a unidade de informação efetua várias ações envolvendo os grandes textos:

[...] no dia 2 de abril, o Dia Internacional do Livro Infantil, promovemos uma contação de história, cujo homenageado é o Hans Christian Andersen. Daí expomos também os livros do autor no mostruário e nos expositores durante o período próximo ao evento. Homenageamos também o Monteiro Lobato no dia 18 de abril, que é o Dia Nacional do Livro Infantil. Nesse dia também fazemos contação de histórias para as crianças, apresentação teatral também, e também expomos as obras que possuímos do autor no período próximo ao evento. (RESPONSÁVEL F, 2015).

E completa, com a seguinte afirmação:

Também participamos das homenagens ao Mário Quintana no mês de aniversário dele, como toda a Casa de Cultura. Daí damos ênfase para a obra infantil dele também, que são clássicos para esse tipo de público. Fazemos a mesma coisa daí que fizemos com outros, como te disse: contação de história, ou alguma apresentação teatral que envolva as crianças, e expomos os livros do autor nos expositores e no mostruário da biblioteca. Em todos esses eventos procuramos divulgar nos murais e no blog da biblioteca a data de realização deles e também disponibilizamos nos murais informações sobre os autores, né. (RESPONSÁVEL F, 2015).

Também foi relatado que a biblioteca realiza atividades em função do Dia da Criança, mas que não envolvem diretamente os clássicos. Todas essas atividades se encontram no planejamento da biblioteca e são repetidas ano após ano. Interessante notar que esse profissional se mostrou muito consciente da função dos clássicos e é um leitor ávido das obras canônicas, o que pode ter impacto na importância que a biblioteca dá para a divulgação desses textos.

A sua justificativa para a realização das ações culturais citadas é muito interessante, uma resposta de quem sabe o efeito que esses autores podem ter

sobre os indivíduos, sobretudo naqueles que estão começando a sua aventura no mundo literário. Nas suas palavras:

Queremos incentivar a leitura, afinal são crianças, é importante promover a leitura para esse público. Se eles pegarem o gosto, dificilmente vão deixar de gostar de ler depois. Queremos também dar acesso a esses textos, divulgá-los, pois eles têm qualidade e podem ser importantes para as crianças, fazer com que percebam coisas que não percebiam antes. (RESPONSÁVEL F, 2015).

De acordo com os mesmos entrevistados, os eventos são frequentados principalmente por escolas, e têm uma média de público de 20 crianças em cada atividade – as quais são realizadas ao longo do dia e se dividem entre contação de histórias e apresentações teatrais. Embora a biblioteca não possua uma forma dos usuários deixarem o seu *feedback* sobre os eventos, de acordo com o bibliotecário, as crianças se mostram muito interessadas nas atividades.

O bibliotecário afirma que muito mais atividades poderiam ser feitas se houvessem parcerias, já que não há recursos financeiros e humanos para que mais ações sejam efetuadas. Mas será que não há mesmo? É louvável o esforço da biblioteca em divulgar os clássicos infantis; porém, a impressão que fica é que a unidade de informação está acomodada, e a sua divulgação dessas obras, apesar de efetiva, se encontra um tanto mecânica, com as mesmas atividades sendo realizadas ano após ano.

É de se questionar se a biblioteca não poderia incluir outras atividades, mesmo que fossem em número reduzido, se utilizando de datas como o aniversário de algum autor importante, ou o aniversário de uma obra seminal, algo que pudesse alterar o cronograma rígido com que as ações culturais são praticadas e que ao mesmo tempo chamasse atenção do público para os clássicos.

A outra biblioteca que realiza atividades culturais envolvendo os clássicos da literatura é a Biblioteca H, que os promove por meio de: um clube de leitura; leituras dramatizadas da obra de William Shakespeare; atividades ocasionais que não constam no planejamento – como a apresentação que houve de um grupo de dança contemporânea baseada nas obras de Clarice Lispector, e o sarau que ocorrerá envolvendo as comemorações do Biênio do escritor Simões Lopes Neto²².

²² Evento instituído pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, no qual, durante os anos 2015-2016, se celebrará o grande escritor gaúcho por meio de diferentes atividades realizadas em várias instituições culturais.

O Clube de Leitura realiza discussões de obras clássicas no primeiro semestre, e no segundo apresenta palestras envolvendo as Leituras Obrigatórias do vestibular da UFRGS. As leituras dramatizadas de Shakespeare consistem em uma ação cultural intitulada Shakespearianas. De acordo com a Bibliotecária, os usuários se candidatam voluntariamente para um papel na peça e são treinados por um diretor de teatro para a declamação dos textos, que é encenada para a comunidade. O Clube é realizado de quinze em quinze dias, enquanto as Shakespearianas são mensais. Outra atividade que envolve a literatura, mas não somente os clássicos, é o sarau em braile. Segundo a bibliotecária essa atividade:

Começou em 2003 porque nesse ano foi fundado o setor de obras em braile. Essa atividade não envolve só os clássicos, né, mas também tem alguns clássicos inclusos de vez em quando, e a função é valorizar essa coleção e também integrar esse tipo de público. Daí ou usamos alguma obra em braile que já possuímos ou imprimimos um livro inédito nesse formato, que é lido no sarau e discutido. De vez em quando intercalamos algumas apresentações musicais no sarau. Às vezes o autor também comparece e ele lê e discute as suas obras. Um dos que me lembro foi o poeta Luiz Coronel. Imprimimos um material dele em braile e daí houve um sarau em que ele e o público leram alguns dos seus poemas e ele também discutiu os textos com os usuários presentes na atividade. (RESPONSÁVEL H, 2015).

O sarau em braile é realizado de dois em dois meses. Juntamente com o Clube e as Shakespearianas são as ações culturais realizadas com uma periodicidade fixa pela biblioteca. Outros tipos de atividades, segundo o depoimento, vão sendo realizadas “[...] conforme a disponibilidade do nosso pessoal, do nosso espaço físico. Não temos espaço nem pessoal para fazermos muita coisa ao mesmo tempo.” (RESPONSÁVEL H, 2015).

Foi possível perceber nas respostas que até mesmo as unidades de informação que realizam ações culturais que envolvam os clássicos se queixam da falta de investimento do Estado – fato que não permite que mais atividades sejam realizadas. Também é interessante notar que a Biblioteca H realiza ações criativas para chamar atenção dos seus usuários para os grandes textos e para o seu acervo. As Shakespearianas, o sarau em braile e o espetáculo envolvendo a obra de Clarice Lispector são exemplos de ações que fogem do convencional e por essa razão podem incentivar comunidade a participar mais ativamente dos eventos, principalmente os jovens, normalmente mais avessos às palestras, e mais receptivos

com as atividades que envolvem apresentações teatrais, músicas ou performances, como bem aponta Milanesi (2002).

A criatividade da biblioteca se reflete na boa presença do público nas atividades, que normalmente lotam, com uma média de 50 pessoas em cada evento. Para registrar a opinião dos usuários, a biblioteca se utiliza de um livro de presença, que fica disponível para assinatura na entrada dos locais onde são realizadas as ações culturais. A unidade de informação possui também uma caixinha de sugestões, que fica próxima ao balcão de empréstimos, onde usuário pode deixar a sua opinião sobre a instituição e sobre as suas atividades. Contudo, o meio mais importante, acreditamos, de registrar o *feedback* é o *e-mail* que a biblioteca manda para os frequentadores do Clube de Leitura, onde busca saber, nas palavras do entrevistado “[...] o que acharam, se tem alguma sugestão para melhorar a ação. ” (RESPONSÁVEL H, 2015).

Consideramos esse o meio mais adequado, pois assim biblioteca vai ao encontro da opinião do seu usuário, ao invés de ficar esperando que ele se dirija à sua caixa de sugestões ou que preencha o livro de presença. A unidade poderia estender essa pesquisa de satisfação para todas as atividades, fazendo com que o usuário, ao se inscrever nos eventos ou ao registrar a sua presença no livro, registre o seu *e-mail* para que a biblioteca possa indagá-lo sobre a qualidade do evento, para que possa sugerir alterações nas atividades ou até mesmo outras ações similares.

No que diz respeito à avaliação do público sobre o que é realizado, o depoimento afirma que é muito positiva. De acordo com o responsável pela instituição, o público

[...] gosta muito, acha muito importante, sempre dizem que é importante. Vários usuários, principalmente as idosas, vem nos agradecer diretamente, dizendo como foi bom o evento, como foi legal a discussão, e como aquilo de alguma forma as ajudou no seu crescimento como leitor. (RESPONSÁVEL H, 2015).

O entrevistado também foi questionado se os participantes dos eventos buscavam obras na biblioteca que de alguma forma estivessem relacionadas com os eventos. Apesar da resposta positiva, o gestor da unidade de informação relatou que muitas vezes a biblioteca não possui um número de obras suficientes para suprir a demanda. Assim, é necessário adquirir mais exemplares. Como o Governo libera

apenas a verba indispensável para a biblioteca manter o seu funcionamento, não há recursos para a compra do material. A unidade de informação tem de recorrer, então, aos recursos adquiridos por meio da Associação de Amigos da Biblioteca – mais um fato que só realça o descaso do Governo do Estado com as bibliotecas públicas.

Apesar do descaso por parte da administração pública estadual, a presença maciça do público e as avaliações positivas que os eventos receberam evidenciam que as ações culturais envolvendo os clássicos foram muito bem aceitas nesta biblioteca.

É claro que muitos nessas atividades já haviam tido algum tipo de contato com os clássicos, e foi isso que os motivou a participarem dos eventos. Contudo, pode-se imaginar que, para alguns, os grandes autores e os grandes textos eram desconhecidos, e que foi por meio dessas ações culturais que entraram em contato com livros que podem exercer uma influência notável sobre a sua forma de compreender a existência humana. Isso mostra o quanto esse tipo de evento é indispensável, principalmente para uma instituição pública e que possui as atribuições de fornecer cultura, lazer e educação para o povo.

A justificativa da instituição para realizá-las está relacionada com as funções da biblioteca pública citadas no nosso referencial teórico. Se por um lado é positivo perceber que a unidade de informação tem conhecimento da sua missão junto à população, por outro é negativo notar que não há nenhuma menção específica aos clássicos na resposta, o que nos mostra que a compreensão do possível impacto desses textos por parte da biblioteca é um tanto limitada.

Deve ser reconhecido o esforço dessa unidade de informação, ainda mais no contexto das outras bibliotecas aqui analisadas. Porém, não podemos esquecer de mencionar que, além de possuir um bibliotecário como chefe, ela também possui um número mínimo de pessoal, que ainda que não seja o ideal, lhe permite realizar um número razoável de atividades.

A Biblioteca infantil que analisamos anteriormente também possui um número mínimo de funcionários atuando nas suas dependências, o que facilita a realização de atividades culturais – bem diferentes das unidades de informação que possuíam apenas um ou dois funcionários.

Claro que não podemos retirar o mérito dos profissionais; contudo, o número maior de funcionários – e também o fato de realizarem um maior número de

atividades culturais – mostra que essas duas bibliotecas recebem mais recursos do que as outras analisadas. Podemos levantar a hipótese de que uma biblioteca infantil é vista como fundamental para a promoção da leitura, e por isso receba mais investimentos, já que se acredita que se a criança adquirir o gosto pelos livros ainda jovem, dificilmente irá abandoná-lo. O que é uma meia verdade, pois o que se faz, então, com aqueles que não tiveram incentivo e agora são adolescentes, adultos ou idosos?

A Biblioteca H certamente recebe mais recursos por ser a maior de todas e também por ter mais atribuições que as outras unidades mencionadas aqui. Dentre essas atribuições se encontra a guarda de coleções históricas envolvendo a história do Rio Grande do Sul e o fato de coordenar o Sistema Estadual de Bibliotecas Públicas do Rio Grande do Sul. Essa maior visibilidade provavelmente lhe garante mais verbas, ainda que o montante seja irrisório.

Por fim, a última unidade de informação que relatou realizar atividades envolvendo os clássicos foi uma biblioteca pública gerida pela administração municipal, a Biblioteca G – elemento que a difere das outras instituições estudadas nessa pesquisa, pois até então todas estavam ligadas ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul.

Essa Biblioteca possui um grupo grande de funcionários, vários bibliotecários atuando nas suas dependências, bem como estagiários do curso de Biblioteconomia. De acordo com o bibliotecário-chefe, a instituição realiza exposições que envolvem os clássicos da literatura, cujo tema da última foi William Shakespeare. De acordo com o seu relato, essas exposições “[...] têm trechos de obras do autor em painéis e fotos do autor em painéis, tudo o que possa divulgar a obra do autor está exposta nesses painéis de certa forma” (RESPONSÁVEL G, 2015).

A unidade de informação realiza outros eventos que podem ou não envolver os clássicos, que são as mediações de leitura. Nessas ações são contratados escritores ou palestrantes, caso o alvo seja o público jovem ou adulto, ou contadores de história, se o público for infantil. Na primeira situação, são realizadas discussões ou palestras sobre algum autor, livro ou tema; na segunda, são propostas horas do conto para as crianças.

Muitas palestras ocorrem em virtude de um dia específico, como o Dia da Mulher, o Dia Nacional do Livro, dentre outros, o que demonstra a criatividade da

biblioteca ao se utilizar de uma data específica para promover a discussão de um texto literário – uma possível estratégia para divulgação dos clássicos que comentamos em nosso referencial teórico. Porém, não podemos esquecer que somente alguns desses eventos envolvem a literatura canônica, como, por exemplo, a palestra sobre a obra de Clarice Lispector que ocorreu em virtude das comemorações de um Dia da Mulher.

A biblioteca pretende também implementar um clube do livro, conforme já comentamos, para os seus funcionários, com o objetivo de que o pessoal esteja melhor preparado para as demandas advindas dos eventos e também para que possam orientar as consultas da comunidade, pois, segundo o entrevistado, o foco da biblioteca é a literatura, principalmente a literatura sul rio-grandense (a instituição possui um setor dedicado exclusivamente a produção literária gaúcha). Embora esse clube não esteja diretamente relacionado aos clássicos, pode-se imaginar que em algumas de suas reuniões esses textos serão discutidos, a julgar pelas ações culturais que a biblioteca realiza.

Sobre a justificativa da instituição de promover os clássicos por meio de ações culturais, o gestor da unidade informou que é a função da biblioteca pública promover a cultura, o lazer e a educação e, principalmente, divulgar a produção literária do Rio Grande do Sul, já que a biblioteca está localizada no nosso estado e esse tipo de instituição deve promover a produção cultural local.

Mais uma vez, assim como na biblioteca analisada anteriormente, os clássicos em si não foram mencionados na justificativa, mas somente as funções da biblioteca pública. Isso nos mostra que, conforme comentamos, se por um lado as duas instituições têm conhecimento do papel que devem exercer junto à sociedade, por outro não sabem claramente como os clássicos podem ajudá-las a cumprir eficazmente as suas funções.

As atividades da instituição são realizadas de quinze em quinze dias, e estão presentes no seu planejamento. O que diferencia esta biblioteca das outras é que há uma verba anual que a prefeitura destina à unidade de informação. Assim, o documento referente ao planejamento precisa ser entregue para a administração municipal no meio do ano para que os recursos sejam liberados no início do ano seguinte. Esse orçamento não é alto, tendo em vista que há um limite de cachê que a biblioteca pode pagar para cada palestrante, mediador ou contador de histórias. Contudo, esta unidade possui recursos não só para garantir um número razoável de

atividades, embora poucas envolvam diretamente os clássicos, mas também para ter um número maior de funcionários especializados atuando junto aos usuários – o que garante uma melhor qualidade dos serviços.

Com relação à presença de público, o bibliotecário-chefe relatou que a média é de 40 pessoas, e que há muitas visitas de escolas, principalmente nas atividades de horas do conto; palestras e exposições, possuem um público variado, e não apenas estudantes. Para que os usuários possam deixar o seu *feedback* sobre os eventos, a biblioteca aplica um questionário de impacto após a realização da ação cultural. As respostas dos usuários, de acordo com o entrevistado, são na maioria das vezes positivas. É importante ressaltar que a pesquisa de opinião é indispensável para que a biblioteca possa entender de que forma houve sintonia entre a ação proposta e o público, com o objetivo de que as eventuais falhas sejam corrigidas e para que o público possa contribuir com sugestões.

De acordo com o entrevistado, os usuários costumam procurar os documentos que estejam relacionados de alguma maneira com os eventos. A biblioteca, nesse caso, costuma se antecipar à demanda, deixando o material associado às ações exposto dias antes das atividades serem realizadas. Esses documentos ficam expostos separadamente do resto do acervo, em um expositor específico, e só voltam a integrar a coleção quando outro evento se aproxima.

Tal medida é interessantíssima, pois aproxima os usuários dos textos, fazendo com que aquele indivíduo que não iria à palestra ou discussão, ao ver os documentos expostos, possa vir a criar interesse pela atividade. Ao mesmo tempo, aquele que foi à palestra e não conhecia a obra, ou o autor discutido, terá mais facilidade de encontrar os materiais que foram alvo do evento.

Por fim, embora nessa biblioteca pública municipal os recursos financeiros sejam maiores do que em grande parte das bibliotecas mantidas pelo Governo do Estado, ainda assim há queixas sobre a falta de verbas para a realização de todas as atividades que a unidade de informação gostaria de implementar. Nas palavras do bibliotecário-chefe:

Apesar de termos recursos, e eu sei que muitas bibliotecas não têm os recursos que nós temos, poderíamos fazer muito mais coisas se tivéssemos mais dinheiro. Nosso cachê para os eventos é limitado, e tem coisas interessantes que nos são propostas que não podemos fazer porque não podemos arcar com os custos. Um exemplo disso é um grupo que mistura uma apresentação circense com a obra do Fernando Pessoa. Parece algo

interessantíssimo, mas não temos condições de pagar. (RESPONSÁVEL G, 2015).

A partir de agora analisaremos qual o tratamento que os clássicos receberam no espaço físico das bibliotecas. De acordo com o roteiro preparado para a visita às unidades de informação, foram observados sete itens: os murais internos; os murais externos; os sinalizadores; os expositores; as estantes; as mesas; e, caso fosse percebido algo que não tivesse sido incluído nessa classificação, deveria ser citado no item “outros” e especificado.

Os resultados das observações foram decepcionantes. Com relação aos murais externos, apenas uma biblioteca (Biblioteca F) se utilizou deles para divulgar os clássicos, e não propriamente para a divulgação dos textos em si ou dos autores, mas sim dos eventos que abordariam o cânone.

De forma semelhante, os murais internos foram pouco utilizados. Apenas uma biblioteca (Biblioteca H) os adotou, novamente com o objetivo de divulgar os eventos relacionados aos clássicos, e não as obras ou os autores canônicos. Inclusive o cartaz que encontramos no mural interno promovia uma ação que havia sido realizada no mês anterior ao da nossa visita.

Os sinalizadores não foram utilizados por nenhuma unidade de informação. Os expositores, por sua vez, foram utilizados por um bom número de bibliotecas. Contudo, a Biblioteca B promove apenas as Leituras Obrigatórias do Vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – uma lista de obras literárias que contém clássicos, como Machado de Assis e Nelson Rodrigues, mas que não é composta exclusivamente por obras canônicas.

Outras duas unidades, a Biblioteca H e a Biblioteca A, misturam clássicos com outras obras nos expositores – ou seja, não os divulgam de forma específica. Já a Biblioteca F e a Biblioteca G, conforme nos foi relatado anteriormente, utilizam esse item do mobiliário para divulgar as obras ou autores alvo de ações culturais vindouras ou que já ocorreram em um período próximo. Apenas uma instituição, a Biblioteca E, mantém um expositor com sugestões de clássicos para a leitura, uma atitude muito positiva e que a diferencia das demais unidades observadas. As bibliotecas C e D não apresentaram qualquer menção aos clássicos em seus expositores.

Outro item observado no espaço físico foram as estantes. Novamente o resultado encontrado foi desolador. Apenas duas bibliotecas dão atenção especial

aos clássicos por meio deste item do mobiliário. Uma delas, a Biblioteca G, possui uma localização específica para Shakespeare, devido ao sistema de classificação utilizado, a Classificação Decimal de Dewey (CDD), que possui um código específico para o bardo inglês, e não por iniciativa própria da unidade de informação para divulgar esse autor.

A Biblioteca F, porém, realiza aquilo que consideramos mais adequado para divulgar os textos canônicos nas estantes: os documentos são colocados em ordem alfabética do sobrenome do autor, como de costume, e os escritores infantis mais importantes (já que essa é uma biblioteca infantil) como Monteiro Lobato, os Irmãos Grimm, dentre outros, possuem suas obras agrupadas separadas dos outros autores. Isso garante uma visibilidade maior para os nomes mais importantes desse tipo de literatura. Assim, por exemplo, as obras de Monteiro Lobato estão reunidas e separadas dos textos de outros literatos que também possuem o sobrenome iniciado pela letra L.

Nenhuma menção aos clássicos foi encontrada nas mesas das unidades de informação. Por fim, no item “outros”, apenas uma biblioteca apresentou um item que não se encaixava na classificação que utilizamos para realizar a observação. A Biblioteca E possui no interior de seu espaço algumas vitrines, semelhantes àquelas encontradas em museus, que expõem edições raras das obras do patrono da biblioteca, um escritor clássico gaúcho.

Como pode-se perceber, a observação do espaço físico mostrou que muito pouco é realizado pelas bibliotecas públicas localizadas em Porto Alegre para divulgar os clássicos em suas dependências. Apenas duas unidades de informação, uma por meio das estantes e outra por meio dos expositores, dão atenção especial aos grandes textos da literatura. Acreditamos que essa atividade de divulgar as obras canônicas no espaço físico é uma ação indispensável, principalmente no caso de instituições que, como vimos, possuem poucos recursos pessoais, materiais (espaço físico) e financeiros para realizar ações culturais.

Assim, em tempos de investimentos nulos em cultura, sobretudo nas bibliotecas, medidas como essas podem ser uma boa alternativa ao descaso dos governantes. Expor as grandes obras ou os grandes autores em destaque nas estantes, nos murais, nos expositores, requer apenas a boa vontade do responsável pela biblioteca e, acima de tudo, o seu conhecimento de quais são essas obras e do

porquê de divulgá-las – duas competências que, conforme nossas duas primeiras perguntas são raras entre os entrevistados.

Em relação à divulgação dos clássicos nos ambientes virtuais das bibliotecas públicas localizadas em Porto Alegre, a situação também é crítica. Foi verificado se as unidades de informação possuíam *site* oficial, *Facebook*, *blog* ou *Twitter*. Aquelas que possuíam foram observadas durante um mês, o mês de julho, com o objetivo de investigar se haveria alguma menção aos clássicos nesses ambientes e de que forma esses textos estariam sendo aludidos nos mesmos.

No que tange ao primeiro item observado, o *site* oficial, apenas duas bibliotecas possuem uma página na internet, a Biblioteca E e a Biblioteca H, sendo que somente a última faz menção aos clássicos. Porém, a referência não é diretamente aos grandes textos, mas sim a divulgação de uma ação cultural que envolve as obras canônicas – o Clube de Leitura proposto pela unidade de informação. Essa informação, contudo, acaba por ser inútil, já que o *site* não é atualizado desde o final de 2014.

Quatro das oito bibliotecas possuem uma página no *Facebook*. Uma delas, a Biblioteca F, não faz qualquer tipo de menção aos clássicos, enquanto que a Biblioteca G divulga tão somente os eventos realizados pela biblioteca, sendo que apenas alguns deles envolvem as grandes obras literárias.

As outras duas unidades de informação, a Biblioteca E e a Biblioteca H, se utilizam dessa rede social de uma forma que consideramos mais produtiva, principalmente em um cenário onde a escassez de recursos é a regra. A Biblioteca E, no período observado, publicou várias postagens que incluíam poemas de autores clássicos, como Drummond, e também trechos de obras de grandes autores que faziam aniversário no dia, frisando que esses textos estavam disponíveis para empréstimo. A Biblioteca H também publica trechos de obras de autores clássicos em sua página no *Facebook*, embora não esclareça se as obras citadas se encontram disponíveis para empréstimo.

Quanto aos *blogs*, três das oito bibliotecas se utilizam desse tipo de ferramenta. Uma delas, a Biblioteca G, não faz qualquer tipo de menção aos clássicos, enquanto que as outras duas, a Biblioteca F e a Biblioteca E, divulgam os eventos que realizam para a promoção da leitura, alguns deles envolvendo os grandes textos.

Mais uma vez, não há a divulgação específica de obras ou autores canônicos, mas apenas das ações culturais a serem realizadas. Percebeu-se que os *blogs*, quando existem e são utilizados, têm uma função muito próxima dos murais internos ou externos, sendo aproveitados apenas para propagandear as atividades da instituição. Seria muito mais útil se tanto os murais quanto os *blogs* fossem utilizados para divulgar fragmentos de obras, informações biográficas sobre os autores, dentre outros, com o objetivo de divulgar especificamente os clássicos.

Por fim, somente duas bibliotecas possuem *Twitter*. A Biblioteca E não faz menção nenhuma aos clássicos em sua página na rede social. A Biblioteca H, por sua vez, publica trechos de clássicos e também divulga as ações culturais que realiza, embora nem todas envolvam o cânone. Apesar da ação a princípio digna de nota dessa unidade, constatou-se que seu *Twitter* não é atualizado desde fevereiro deste ano.

Tendo em vista a observação que realizamos, podemos afirmar que os ambientes virtuais das bibliotecas estão sendo muito pouco aproveitados. Poucas bibliotecas possuem *site* oficial, *Twitter*, página no *Facebook* ou um *blog*, e, quando possuem, não os empregam para divulgar os clássicos, salvo honrosas exceções.

A maioria se utiliza desses espaços para divulgar as ações culturais da biblioteca, algumas das quais têm a grande literatura como foco. Isso é muito pouco, principalmente se pensarmos em toda a visibilidade que a internet proporciona nos dias de hoje. A *web* e as redes sociais se tornaram o veículo por excelência da troca de informações, e essas bibliotecas estão se excluindo desse processo ao deixarem de utilizar os ambientes virtuais para comunicar seus produtos e serviços aos usuários.

É importante lembrar que o cadastro nas duas redes sociais que observamos é gratuito. Ao mesmo tempo, existem portais que permitem a criação de *blogs* e de *sítes* pessoais, cujo manuseio é fácil e que são gratuitos ou custam apenas um valor simbólico. Em tempos de escassez de recursos, internet e as redes sociais são uma alternativa indispensável para a sobrevivência das bibliotecas e para a divulgação dos clássicos.

Obviamente que o contexto de algumas bibliotecas, como a falta de funcionários e de recursos materiais (alguns responsáveis pelas instituições afirmaram que suas bibliotecas não possuem acesso à internet, por exemplo), dificulta que as instituições façam um uso mais amplo dessas ferramentas. Mas será

que é preciso muito, tanto em termos de conhecimento quanto de recursos humanos e financeiros, para manter um *blog*, uma página no *Facebook*? Acreditamos que não, e acreditamos que o principal motivo desses serviços não estarem sendo utilizados como deveriam é o desconhecimento de toda a sua potencialidade – principalmente por parte daqueles que não possuem formação em Biblioteconomia e não ouviram, nos bancos das universidades ou dos cursos técnicos, os reiterados discursos sobre a importância da internet na nossa sociedade, e a necessidade de uma presença forte nos ambientes virtuais.

Isso atenua o fato, mas não pode ser entendido como uma justificativa, pois é de se perguntar se os responsáveis não possuem um *Facebook* particular, por exemplo. Caso desconheçam essas novas formas de comunicação, é seu dever procurar conhecê-las, pois são ferramentas fundamentais para qualquer tipo de organização que lida com o público.

Nesse contexto, a Biblioteca H, que posta trechos de obras canônicas em seu *Twitter* (mesmo estando desatualizado) e nas suas postagens do *Facebook*, e a Biblioteca E, que publicou algumas postagens divulgando os clássicos também nessa mesma rede social, podem ser consideradas aquelas que mais se sobressaíram no aspecto de utilizar os ambientes virtuais para promover a grande literatura. Quanto à divulgação de eventos relacionados aos clássicos, consideramos de suma importância que sejam realizados por meio da internet, pois podem atingir um público muito mais amplo, principalmente devido aos possíveis compartilhamentos que podem ser realizados por meio do *Twitter* e do *Facebook*.

Porém, cremos que a presença das instituições na rede mundial de computadores para promover os clássicos não deve se restringir somente a disseminação de ações culturais. A unidade deve aproximar os usuários dos textos postando trechos de obras, relacionando-as com atividades significativas que a comunidade realiza, com os temas mais discutidos na atualidade, com datas comemorativas importantes, com filmes associados aos textos, e até mesmo com os *best-sellers* do momento. Tudo depende da criatividade do bibliotecário dessas unidades de informação, e, principalmente do seu conhecimento dos clássicos e da importância que ele lhes atribui – fatores que, atualmente, deixam bastante a desejar.

10 CONCLUSÃO

Com base nos dados coletados, podemos afirmar que o tratamento dispensado aos clássicos pelas bibliotecas públicas de Porto Alegre é muito limitado. Abaixo, resumimos a situação das unidades de informação, apresentando também o que consideramos o mínimo necessário para a melhor atuação dessas instituições. Assim, temos o seguinte quadro:

- Apenas quatro das oito bibliotecas realizam algum tipo de ação cultural que envolva o cânone; muitas dessas atividades não são dedicadas exclusivamente aos grandes textos, incluindo também outros tipos de literatura. O mínimo esperado seria que todas as bibliotecas realizassem ao menos uma atividade dedicada exclusivamente aos clássicos;
- Uma dessas quatro unidades de informação é especializada em literatura; porém, só efetua ações culturais se forem propostas externas. Tal instituição deveria divulgar mais o cânone do que as outras bibliotecas, realizando um maior número de ações culturais;
- Os clássicos recebem o tratamento que lhes é dispensado principalmente devido à falta de investimento do Governo do Estado do Rio Grande, pois sete das oito bibliotecas são mantidas pela administração estadual. Essa negligência leva à falta de recursos humanos suficientes para a realização de atividades culturais; à ausência de espaço físico adequado para abrigar eventos; e à inexistência de recursos financeiros para arcar com as despesas necessárias à realização de ações. O Estado não apenas deveria investir muito mais em cultura, mas também destinar uma verba específica às bibliotecas;
- O investimento quase nulo em cultura por parte do Governo Estadual se reflete não só no baixíssimo número de funcionários atuando na maioria das bibliotecas, mas também na falta de qualificação desses profissionais para exercerem as funções as quais foram designados. Apenas metade das bibliotecas analisadas possuíam bibliotecários;
- Embora, conforme mencionamos, os cursos superiores de Biblioteconomia venham negligenciando os aspectos culturais da profissão, as graduações ainda fornecem um padrão mínimo de atuação profissional – que, no caso

das bibliotecas públicas, inclui a necessidade de se realizar ações culturais para divulgar a literatura. Não é surpresa, portanto, que justamente as bibliotecas que possuíam bibliotecários foram aquelas que realizaram atividades que envolviam os clássicos. Esse profissional é, portanto, indispensável, e o ideal seria que todas as unidades de informação possuíssem no mínimo um bacharel em Biblioteconomia atuando nas suas dependências;

- O tratamento dispensado aos clássicos é limitado também devido à pouca divulgação dos clássicos nos ambientes virtuais e nos espaços físicos das bibliotecas. Ambos são pouco aproveitados pelas unidades de informação, sendo utilizados basicamente para a divulgação de ações culturais – as quais podem ou não envolver o cânone. O mínimo esperado seria que esses espaços fossem uma alternativa para a falta de investimento da administração estadual, principalmente para a ausência de recursos para a realização de palestras, seminários e outros. Possuir uma página no *Facebook*, um *site* oficial, um *blog*, uma conta no *Twitter*, requer pouco tempo e quase nenhum custo. De forma semelhante, caso a biblioteca possua clássicos em seu acervo, não são necessários muitos funcionários, um amplo espaço físico ou uma grande quantia financeira para disponibilizá-los nos expositores, destacá-los nas estantes ou mencioná-los nos murais. O que a subutilização dos ambientes virtuais e do espaço físico mostra é a falta de iniciativa dos profissionais responsáveis pelas bibliotecas.
- A falta de atitude dos gestores é visível ainda na falta de iniciativas para a realização de ações culturais. Mesmo com a falta de recursos provenientes do Governo Estadual, poderiam ser tentadas alternativas para a falta de verbas. Para minimizar a situação crítica encontrada nas bibliotecas públicas, os gestores poderiam informá-la aos palestrantes, alertando-os da impossibilidade de pagamento de cachês para palestras e mediações de leitura. Tal atitude poderia sensibilizar escritores, jornalistas e professores para realizarem gratuitamente alguma ação cultural nas unidades de informação;
- A falta de iniciativa decorre também da falta de leitura e do conhecimento do potencial dos clássicos. O relacionamento dos responsáveis pelas bibliotecas com cânone é distante; muitos não têm o hábito de ler essas obras,

principalmente as mais antigas, preferindo a literatura mais comercial, os *best-sellers*, muitos deles sem nenhum valor artístico;

- Como não leem as grandes obras, e parecem desconhecer a teoria da literatura, é natural que suas definições do cânone fossem limitadas, não contemplando vários conceitos trabalhados em nosso referencial teórico. O mínimo esperado seria que os cursos de Biblioteconomia e o Estado suprissem as lacunas de conhecimento sobre literatura que os gestores das bibliotecas públicas, em sua maioria, demonstraram possuir. Contudo, os profissionais devem buscar por si mesmos cursos, palestras, seminários, bibliografias, dentre outros, que possam ajudá-los a suprir essa lacuna. Mais importante do que isso, porém, é ter a iniciativa de ler o maior número possível de clássicos.

Para concluir, é importante lembrar que, conforme mencionamos repetidas vezes ao longo deste trabalho, as bibliotecas públicas, aliadas às escolas públicas, são, em muitos casos, fontes indispensáveis para que a população tenha acesso ao lazer, à cultura, à educação e à informação de forma gratuita. Se os clássicos morrem nas prateleiras, se não são alvo de uma divulgação específica nessas unidades de informação, é muito provável que a maioria das pessoas não venha a conhecê-los e a desfrutar de todo o prazer e instrução que podem proporcionar. Dessa forma, tais instituições acabam por não cumprir totalmente o seu papel, pois deixam de lado um patrimônio cultural inestimável, o qual pode ser de grande auxílio para que cumpram sua missão junto ao público.

A presente pesquisa não só forneceu um diagnóstico da situação atual de divulgação dos clássicos nas bibliotecas públicas de Porto Alegre, mas também, com seu referencial teórico, definiu e defendeu a utilidade do cânone e a sua relação com esse tipo de biblioteca. Esperamos que esse esforço possa ser uma contribuição para aqueles que demonstraram desconhecer a teoria da literatura, os clássicos, e, no entanto, são responsáveis por divulgá-los: os responsáveis pelas unidades de informação.

No mesmo espírito de auxílio àqueles que não conhecem os grandes textos, adicionamos alguns autores na lista de clássicos que utilizamos para a entrevista. Com isso, esperamos que nosso inventário permita aos eventuais leitores deste trabalho ter acesso a um guia que sirva tanto para a leitura pessoal quanto para

orientar a realização de atividades que divulguem os grandes textos nas unidades de informação.

Esperamos ainda que os pesquisadores da Ciência da Informação voltem sua atenção para os temas que desenvolvemos neste trabalho e que são alvo de um número pequeno de estudos (Bibliotecas públicas, ação cultural, clássicos da literatura e sua relação com esse tipo de unidade de informação), principalmente se levarmos em conta a sua importância para a Biblioteconomia.

Com um maior número de artigos, teses e grupos de discussão sobre esses temas, é provável que os bibliotecários, principalmente as gerações futuras, percebam a importância do debate que propomos, e possam ter uma postura mais ativa nas bibliotecas públicas, inclusive questionando as estruturas precárias que possuem e as atividades que poderiam ser desenvolvidas e não são. Por enquanto, essas instituições permanecem esquecidas, e até mesmo as que possuem mais recursos poderiam divulgar melhor os clássicos, principalmente se á compararmos com que é feito nos países europeus, onde a cultura e a literatura têm uma posição mais destacada na sociedade.

Somado a isso, há ainda a pressão que todos, e não somente os órgãos relacionados à Biblioteconomia, devem fazer sobre o Governo do Estado para que contrate mais profissionais qualificados e forneça mais recursos para que as bibliotecas públicas possam se encontrar em uma situação bem menos precária.

REFERÊNCIAS

ADLER, Mortimer; VAN DOREN, Charles. **Como ler livros: o guia clássico do leitor inteligente**. São Paulo: É Realizações, 2011.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Bibliotecas públicas e bibliotecas alternativas**. Londrina: UEL, 1997.

_____. **Bibliotecas públicas: avaliação de serviços**. Londrina: Eduel, 2003.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 21. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

AQUINO, Renato. **Gramática objetiva da língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

ARAÚJO, Walkiria Toledo de. A biblioteca pública e o compromisso social do bibliotecário. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v.14, n.1, p.106-122, mar. 1985.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2002. 2 v.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

BARBOSA, João Alexandre. **A biblioteca imaginária**. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2003.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

RESPONSÁVEL A. **Responsável A**: depoimento. [jul. 2015]. Entrevistador: Wagner Bernardes Zimmermann. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .M4A (40 min.).

RESPONSÁVEL B. **Responsável B**: depoimento. [jul. 2015]. Entrevistador: Wagner Bernardes Zimmermann. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .M4A (30 min)

RESPONSÁVEL C. **Responsável C**: depoimento. [jul. 2015]. Entrevistador: Wagner Bernardes Zimmermann. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .M4A (28 min.).

RESPONSÁVEL D. **Responsável D**: depoimento. [jul. 2015]. Entrevistador: Wagner Bernardes Zimmermann. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .M4A (45 min.).

RESPONSÁVEL E. **Responsável E:** depoimento. [jul. 2015]. Entrevistador: Wagner Bernardes Zimmermann. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .M4A (34 min.).

RESPONSÁVEL F. **Responsável F:** depoimento. [jul. 2015]. Entrevistador: Wagner Bernardes Zimmermann. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .M4A (43 min.).

RESPONSÁVEL G. **Responsável G:** depoimento. [jul. 2015]. Entrevistador: Wagner Bernardes Zimmermann. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .M4A (35 min.).

RESPONSÁVEL H. **Responsável H:** depoimento. [jul. 2015]. Entrevistador: Wagner Bernardes Zimmermann. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .M4A (50 min.).

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**. 3. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

_____. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. **Gênio:** os 100 autores mais criativos da história da literatura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

D'ONOFRIO, Salvatore. **Literatura ocidental:** autores e obras fundamentais. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Caracteres da função literária. *In:* _____. **Teoria do texto**. 1992. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/proin/versao_1/onofrio/index02.html>. Acesso em: 11 mar. 2015.

ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Biblioteca pública:** princípios e diretrizes. Rio de Janeiro, 2000.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS; UNESCO. **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas**

públicas. 1994. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 6 abr. 2015.

LE COADIC, Yves-François. **A Ciência da Informação**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2004.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

MARQUES NETO, José Castilho (Org.). **PNLL** : textos e história. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<http://tinyurl.com/otvhrjr>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

_____. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

MIRANDA, Antonio de. A missão da biblioteca pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 69-75, jan./jun., 1978.

MULLER, Suzana Pinheiro Machado. Biblioteca e sociedade: evolução da interpretação das funções e papéis da biblioteca. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 7-54, mar. 1984. Disponível em: <<http://tinyurl.com/kk77nwy>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

NOGUEIRA, Maria Cecília Diniz. Biblioteca pública: a ambivalência de seu papel. **Revista da Escola Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 222-248, set. 1986. Disponível em: <<http://tinyurl.com/o67z8c3>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

POUND, Erza. **ABC da literatura**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2008.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

SAINTE-BEUVE, Charles Augustin. **What is a classic?** 2001. Disponível em: <<http://www.bartleby.com/32/202.html>>. Acesso em: 11 mar. 2015.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHWARTZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernando Peixoto. A pesquisa científica. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009.

SISTEMA NACIONAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS. **Histórico**. [201-]. Disponível em: <<http://snbp.culturadigital.br/historico/>>. Acesso em: 29 abr. 2015.

SPONHOLZ, Regina Lamas Pegoraro. **Atribuições de bibliotecários em bibliotecas públicas**. São Paulo: Pioneira, 1984.

STUMPF, Ida Regina Chittó. Estudo de comunidades visando à criação de bibliotecas. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 3, p. 17-24, jan./dez. 1988.

SUAIDEN, Emir. **Biblioteca pública e informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

_____. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a07v29n2.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2009.

TARGINO, Maria das Graças. **Conceito de biblioteca**. [Brasília, DF]: ABDF, 1984.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

_____. **Introdução à literatura fantástica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

TSUPAL, Rodolfo. Leitura e atividades culturais na biblioteca pública: aspectos teóricos. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v.15, n. 2, p.149-165, jul./dez. 1987.

VERGUEIRO, Waldomiro. Bibliotecário e mudança social: por um bibliotecário ao lado do povo. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 207-216, jul./dez. 1988.

VIEIRA, Ronaldo. **Introdução à teoria geral da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

APÊNDICE A – Roteiro para entrevista

Este roteiro faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso “Os clássicos nas bibliotecas públicas de Porto Alegre”, que busca averiguar, por meio de uma entrevista com os bibliotecários chefes das bibliotecas públicas localizadas em Porto Alegre e da observação dos seus espaços físicos e virtuais, qual o tratamento dispensado por tais instituições aos clássicos da literatura por tais instituições. Sua participação nessa pesquisa é muito importante para que possamos ter um diagnóstico de como o patrimônio artístico da humanidade está sendo trabalhado pelas bibliotecas públicas da nossa cidade. Os dados obtidos nesta entrevista serão posteriormente analisados sem que se identifique a biblioteca ou bibliotecário que concedeu o depoimento. Muito obrigado pela participação!

1) Qual a tua definição de clássico da literatura? Cites exemplos de obras que consideras clássicas.

2) Tens o hábito de ler literatura? Em caso de resposta afirmativa, quais teus autores favoritos e por quê? Os clássicos fazem parte do teu hábito de leitura? Em que medida (preferes ler a literatura contemporânea aos clássicos, por exemplo)?

3) Algum clássico marcou a tua experiência de leitor? De que forma? Acreditas que outros leitores possam ter uma experiência semelhante?

4) A biblioteca promove alguma ação (palestras, seminários, clube de leitura, dentre outros) para divulgar os clássicos da literatura? Quais?

5) Em caso de resposta negativa, quais os motivos para que não sejam?

6) Há planos para implementar alguma ação?

7) Em caso de resposta positiva, qual a justificativa da instituição para realizá-las?

- 8) Com que frequência são realizadas?
- 9) Essas atividades estão presentes no planejamento da biblioteca (no plano anual, por exemplo)?
- 10) Qual a média de frequência dos usuários nessas atividades?
- 11) De que forma os usuários podem deixar o seu *feedback* sobre os eventos?
- 12) Caso a resposta anterior seja afirmativa, qual a avaliação média dos usuários sobre o que é realizado?
- 13) Eles procuram as obras que de alguma maneira estejam relacionadas com a atividade antes ou depois do evento?
- 14) Se fosse possível, o que a biblioteca faria de diferente em relação a essas atividades (mudaria o formato do evento, realizaria outros eventos, etc.)? O que impede a biblioteca de realizar as atividades da forma que gostaria?
- 15) Comentários adicionais.

APÊNDICE B – Roteiro para observação do espaço físico

Verificar se há qualquer tipo de menção das obras clássicas nos seguintes itens:

1. Murais externos

Não () Sim () Qual? _____

2. Murais internos

Não () Sim () Qual? _____

3. Sinalizadores

Não () Sim () Qual? _____

4. Expositores

Não () Sim () Qual? _____

5. Estantes

Não () Sim () Qual? _____

6. Mesas

Não () Sim () Qual? _____

7. Outros

Não () Sim () Quais? _____

APÊNDICE C – Roteiro para observação dos ambientes virtuais

- 1) A biblioteca possui *site* oficial?
Não () Sim ()

- 2) O *site* oficial da instituição faz alguma menção aos clássicos?
Não () Sim () Qual? _____

- 3) A biblioteca possui *Facebook*?
Não () Sim ()

- 4) O *Facebook* da instituição faz alguma menção aos clássicos?
Não () Sim () Qual? _____

- 5) A biblioteca possui algum *blog*?
Não () Sim ()

- 6) O *blog* da instituição faz alguma menção aos clássicos?
Não () Sim () Qual? _____

- 7) A biblioteca possui *Twitter*?
Não () Sim ()

- 8) O *Twitter* da instituição faz alguma menção aos clássicos?
Não () Sim () Qual? _____

APÊNDICE D – Termo de consentimento

Eu, Wagner Bernardes Zimmermann (Graduando em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul), estou realizando o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Os clássicos nas bibliotecas públicas de Porto Alegre”, e necessito da sua contribuição para a pesquisa. Esse estudo visa verificar como as bibliotecas públicas localizadas em Porto Alegre divulgam os clássicos da literatura e constitui-se de uma observação a ser realizada no espaço físico da biblioteca e de uma entrevista realizada com o bibliotecário chefe da instituição.

Sua participação será importante, pois a pesquisa visa identificar como os clássicos estão sendo trabalhados nas bibliotecas públicas de Porto Alegre, instituição que deve fornecer lazer, educação e cultura para todos os cidadãos. Dessa forma, sua relevância está no fato de se verificar se esta instituição pública está cumprindo as suas diretrizes e se a população está sendo atendida.

Os dados e resultados individuais desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético, não sendo mencionados os nomes dos participantes nem das instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado.

A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa participante. Se no decorrer desta pesquisa o(a) participante resolver não mais continuar terá toda a liberdade de o fazer, sem que isto lhe acarrete nenhum prejuízo.

A pesquisa conta com a orientação da professora Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação – Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Qualquer dúvida ou necessidade de esclarecimento que eventualmente o participante venha a ter no momento da pesquisa ou posteriormente pode ser esclarecida devida e adequadamente através do telefone (51) 8182-42-08 ou pelo e-mail wagnerzimmermann@gmail.com.br.

Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas, eu, manifesto expressamente minha concordância e meu consentimento para realização da entrevista e permito a observação do espaço físico da biblioteca.

Assinatura do participante

Wagner Bernardes Zimmermann

APÊNDICE E – Lista de clássicos para auxiliar a entrevista

Abaixo apresentamos uma lista de obras que consideramos clássicas e que será mostrada aos bibliotecários após a primeira questão, visando partir de um conceito comum do que é uma grande obra literária para que as próximas respostas dos profissionais sejam de acordo com a caracterização dos clássicos delineada nesse trabalho. A lista, apesar de ser pessoal, tentou reunir os autores e obras fundamentais da literatura ocidental, incluindo textos indispensáveis da literatura brasileira e também da literatura infantil. Na maioria dos casos, foram citadas obras específicas de cada escritor; contudo, em casos em que seriam necessárias muitas obras para se representar o total de textos clássicos produzidos pelo autor, ou dos casos de autores que não reuniram sua produção em obras, mas sim publicaram escritos isolados, optamos por mencionar o conjunto de determinado gênero por meio das expressões “todos os poemas” e “todos os contos”. De forma semelhante, quando julgamos que a obra completa do autor, escrita em diferentes gêneros, merecia ser mencionada, usamos a expressão “Obra completa”. A lista está organizada em ordem alfabética.

AUTORES	OBRAS
Adélia Prado	Poesia Reunida
Agatha Christie	Assassinato no Expresso do Oriente Cai o Pano Morte no Nilo O Caso dos Dez Negrinhos
Albert Camus	O Estrangeiro A Peste A Queda
Aldous Huxley	Contraponto Admirável Mundo Novo
Alejo Carpentier	O Reino Deste Mundo Os Caminhos Perdidos O Século das Luzes
Alexandre Dumas	O Conde de Monte Cristo Os Três Mosqueteiros
Aluísio Azevedo	O Cortiço O Mulato
Alvarez de Azevedo	Lira dos Vinte Anos

André Gide	O Imoralista Os Moedeiros Falsos Os Frutos da Terra Os Subterrâneos do Vaticano
Anton Tchekhov	Obra completa
Ariano Suassuna	Auto da Compadecida O Romance d'A Pedra do Reino
Aristófanés	Todas as peças
Arthur Conan Doyle	Todos os contos e romances que incluam Sherlock Holmes
Arthur Rimbaud	Todos os poemas
Augusto dos Anjos	Eu
Basílio da Gama	O Uruguai
Bertolt Brecht	A Vida de Galileu O Círculo de Giz Caucásico A Santa Joana dos Matadouros A Ópera dos Três Vinténs
Carlos Drummond de Andrade	Todos os poemas
Castro Alves	Os Escravos Espumas Flutuantes
Cecília Meireles	Todos os poemas
Charles Baudelaire	Obra completa
Charles Dickens	Obra completa
Charles Perrault	Todos os contos
Charlotte Brontë	O Morro dos Ventos Uivantes
Choderlos de Lacros	As Relações Perigosas
Clarice Lispector	A Hora da Estrela Laços de Família Perto do Coração Selvagem A Paixão Segundo G. H.
Cláudio Manuel da Costa	Todos os poemas
Clive Staples Lewis	Crônicas de Nárnia
Dalton Trevisan	O Vampiro de Curitiba Cemitério de Elefantes Novelas Nada Exemplares
Daniel Defoe	Moll Flanders Robinson Crusóe
Dante Alighieri	Todos os poemas
David Herbert Lawrence	O Arco-Íris Mulheres Apaixonadas Filhos e Amantes O Amante de Lady Chatterley

Eça de Queiroz	O Crime do Padre Amaro Os Maias O Primo Basílio
Edgar Allan Poe	Histórias Extraordinárias
Émile Zola	Naná Germinal A Besta Humana
Emily Brontë	Jane Eyre
Emily Dickinson	Todos os poemas
Érico Veríssimo	O Tempo e o Vento Incidente em Antares
Ernest Hemingway	Adeus às Armas Por Quem os Sinos Dobram O Sol Também se Levanta Todos os contos
Erza Pound	Todos os poemas
Esopo	Fábulas
Ésquilo	Todas as peças
Euclides da Cunha	Os Sertões
Eurípedes	Todas as peças
Federico García Lorca	Todos os poemas Bodas de Sangue Yerma A Casa de Bernarda Alba
Fernando Pessoa	Obra completa
Ferreira Gullar	Poemas Escolhidos
Fiódor Dostoievski	Obra completa
Francesco Petrarca	Todos os poemas
François Rabelais	Gargântua e Pantagrue
Franz Kafka	Obra completa
Friedrich Schiller	Obra completa
Gabriel García Márquez	Cem Anos de Solidão Amor nos Tempos do Cólera Crônica de uma Morte Anunciada
Geoffrey Chaucer	Contos da Cantuária
George Bernard Shaw	Pigmaleão Santa Joana
George Orwell	1984 A Revolução dos Bichos
Giacomo Leopardi	Todos os poemas
Gil Vicente	Auto da Barca do Inferno
Giovanni Boccaccio	Decamerão
Gonçalves Dias	Cantos

Graciliano Ramos	São Bernardo Vidas Secas Angústia Infância
Gregório de Matos	Todos os poemas
Gustave Flaubert	Madame Bovary Educação Sentimental Três Contos
Guy de Maupassant	Todos os contos
Hans Christian Andersen	Todos os contos
Henrik Ibsen	Casa de Bonecas Hedda Gabler
Henry James	Retrato de uma Senhora A Volta do Parafuso Os Embaixadores Pelos Olhos de Maisie A Taça de Ouro
Herman Hesse	O Lobo da Estepe O Jogo das Contas de Vidro
Herman Melville	Moby Dick Bartleby, o Escrivão
Homero	Ilíada Odisseia
Honoré de Balzac	Comédia Humana
Horácio	Todos os poemas
Howard Phillips Lovecraft	Todos os contos
Irmãos Grimm	Todos os Contos
Ítalo Calvino	Cidades Invisíveis O Cavaleiro Inexistente O Visconde Partido ao Meio O Barão nas Árvores
Ítalo Svevo	A Consciência de Zeno
Ivan Turgueniev	Pais e Filhos Primeiro Amor
Jack Kerouac	Pé na Estrada
Jane Austen	Todos os romances
James Joyce	Dublinenses Ulysses Retrato de um Artista Quando Jovem Finnegans Wake
James Matthew Barrie	Peter Pan
Jean Racine	Todas as peças
João Cabral de Melo Neto	Todos os poemas
João da Cruz e Souza	Todos os poemas

João Guimarães Rosa	Grande Sertão: Veredas Primeiras Estórias Sagarana
João Ubaldo Ribeiro	Viva o Povo Brasileiro Sargento Getúlio
Johann Wolfgang von Goethe	Obra completa
John Keats	Todos os poemas
John Maxwell Coetzee	Desonra Vida e Época de Michael K Elizabeth Costello Homem Lento
John Milton	Todos os poemas
John Ronald Reuel Tolkien	O Senhor dos Anéis O Hobbit Silmarillion
John Steinbeck	Ratos e Homens A Leste do Éden As Vinhas da Ira
Jonathan Swift	Viagens de Gulliver
Jorge Amado	Capitães da Areia Mar Morto Terras do Sem Fim A Morte e a Morte de Quincas Berro d'Água
Jorge Luis Borges	Obra completa
José de Alencar	Iracema Senhora O Guarani Lucíola
José Lins do Rego	Fogo Morto
José Saramago	História do Cerco de Lisboa O Ano da Morte de Ricardo Reis Memorial do Convento O Evangelho Segundo Jesus Cristo Ensaio sobre a Cegueira
Joseph Conrad	Lord Jim Nostromo O Coração das Trevas A Linha de Sombra O Agente Secreto
Juan Rulfo	Pedro Páramo
Julio Cortázar	Todos os contos
Julio Verne	20 Mil Léguas Submarinas Volta ao Mundo em 80 Dias
Leon Tostói	Obra completa

Lewis Carroll	Obra completa
Lima Barreto	Triste Fim de Policarpo Quaresma Recordações do escrivão Isaias Caminha
Lucio Apuleio	O Asno de Ouro
Luís Vaz de Camões	Todos os poemas
Luigi Pirandello	Seis Personagens à Procura de um Autor O Falecido Matias Pascal Cada um a Seu Modo Esta Noite se Representa de Improviso
Lya Luft	Perdas e Ganhos As Parceiras
Lygia Bojunga	Obra completa
Lygia Fagundes Telles	As Meninas Antes do Baile Verde Ciranda de Pedra
Lyman Frank Baum	O Mágico de Oz
Machado de Assis	Todos os romances Todos os contos
Manoel de Barros	Todos os poemas
Manuel Antônio de Almeida	Memórias de um Sargento de Milícias
Manuel Bandeira	Todos os poemas
Manuel Maria du Bocage	Todos os poemas
Marcel Proust	Em Busca do Tempo Perdido
Mário de Andrade	Macunaíma Amar, Verbo Intransitivo Todos os poemas
Mário Quintana	Todos os poemas Todas as obras infantis
Mark Twain	As Aventuras de Tom Sawyer As Aventuras de Huckleberry Finn
Mary Shelley	Frankenstein
Miguel de Cervantes Saavedra	Dom Quixote Novelas Exemplares
Milan Kundera	A Insustentável Leveza do Ser
Moacyr Scliar	O Exército de um Homem Só O Centauro no Jardim
Molière	Todas as peças
Monteiro Lobato	Todas as obras infantis
Nelson Rodrigues	Todas as peças A Vida como Ela é

Nicolai Gógol	O Capote Almas Mortas Diário de um Louco O Inspetor Geral
Octavio Paz	Todos os poemas
Olavo Bilac	Todos os poemas
Oscar Wilde	A Importância de Ser Prudente O Retrato de Dorian Gray Todos os contos
Oswald de Andrade	Memórias sentimentais de João Miramar Todos os poemas O Rei da Vela
Ovídio	As Metamorfoses
Pablo Neruda	Todos os poemas
Paul Verlaine	Todos os poemas
Petrônio	Satíricon
Philip Roth	O Complexo de Portnoy Teatro de Sabbath A Marca Humana Pastoral Americana
Rachel de Queiroz	O Quinze Memorial de Maria Moura
Rainer Maria Rilke	Obra completa
Ray Bradbury	Crônicas Marcianas Fahrenheit 451
Raul Pompéia	O Ateneu
Robert Louis Stevenson	A Ilha do Tesouro O Médico e o Monstro
Robert Musil	O Homem sem Qualidades
Rubem Fonseca	Feliz Ano Novo A Grande Arte Os Prisioneiros Lúcia McCartney A Coleira do Cão
Samuel Beckett	Obra completa
Scott Fitzgerald	O Grande Gatsby Contos da Era do Jazz
Simões Lopes Neto	Contos Gauchescos Lendas do Sul
Sófocles	Todas as peças
Stendhal	O Vermelho e o Negro A Cartuxa de Parma
Stéphane Mallarmé	Todos os poemas

Thomas Mann	Doutor Fausto A Montanha Mágica Morte em Veneza
Thomas Stearns Eliot	Todos os poemas
Tomás Antônio Gonzaga	Marília de Dirceu Cartas Chilenas
Umberto Eco	O Nome da Rosa Baudolino
Victor Hugo	Os Miseráveis Os Trabalhadores do Mar Todos os poemas
Vinícius de Moraes	Sonetos
Virgílio	Todos os poemas
Virginia Woolf	Obra completa
Vladimir Nabokov	Lolita Fogo Pálido
William Blake	Todos os poemas
Walt Whitman	Folhas da Relva
William Butler Yeats	Todos os poemas
William Shakespeare	Obra completa
William Wordsworth	Todos os poemas